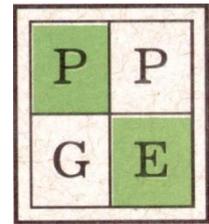


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MULHERES NA CAPOEIRA: RESISTÊNCIA DENTRO E FORA DA RODA

Ana Beatriz Matilde da Silva

SÃO CARLOS - SP
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MULHERES NA CAPOEIRA: RESISTÊNCIA DENTRO E FORA DA RODA

Ana Beatriz Matilde da Silva

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Práticas Sociais e Processos Educativos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aida Victoria Garcia Montrone

SÃO CARLOS - SP
2019

Silva, Ana Beatriz Matilde

Mulheres na Capoeira: resistência dentro e fora da roda / Ana Beatriz
Matilde Silva. -- 2019.
125 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São
Carlos, São Carlos

Orientador: Aida Victoria Garcia Montrone

Banca examinadora: Valéria Oliveira de Vasconcelos, Luiz Gonçalves
Junior

Bibliografia

I. Processos Educativos. 2. Capoeira. 3. Gênero. I. Orientador. II.
Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Ana Beatriz Matilde da Silva, realizada em 26/02/2019:

Prof.ª. Dra. Aída Victoria Garcia Montrone
UFSCar

Prof.ª. Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos
UNISAL

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior
UFSCar

A presente dissertação é um trabalho desenvolvido no Grupo de Pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos”, cadastrado na CAPES desde 1997.

Dedico este trabalho:

À minha mãe Maria Cecília Matilde da Silva e ao meu pai Paulo da Silva, por todo o amor, apoio e incentivo nessa jornada;

À minha avó Cecília Senne Mathilde, que é exemplo de mulher e força para mim;

À todas as mulheres capoeiristas, que são exemplos de coragem e determinação por onde passam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todas as pessoas que de alguma maneira contribuíram para a realização deste trabalho.

Em especial:

À minha família, que sempre esteve tão presente em todo meu caminho, que sempre comemorou e chorou junto, e me levantou nos momentos que mais precisei;

Ao meu companheiro Cainã, por estar sempre ao meu lado, pelo carinho, pelo amor, palavras de incentivo, por dividir comigo planos, sorrisos e ideais e também pelos puxões de orelha nos momentos em que mais precisei;

Ao PPGE/UFSCar, e à Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, por me ensinar tanto e ajudar a *sulear* meus caminhos na pesquisa.

Às participantes desta pesquisa, Iuna, Dandara, Aiyra e Sabrina, pela confiança, por tudo que me ensinaram e pelas importantes contribuições ao conhecimento científico, que se dispuseram a fornecer por meio deste trabalho;

À minha orientadora, Aida Victoria Garcia Montrone, pelo carinho, pela orientação paciente e por sempre estar atenta e disposta. Pela ajuda para o meu crescimento como pessoa, contribuição fundamental para a estruturação deste trabalho;

À Valéria Vasconcelos, por tantos saberes que compartilhou, pela leitura cuidadosa do meu texto, por cada palavra que me inspirou tanto;

Ao Luiz Gonçalves Junior, professor e amigo, pelos ensinamentos, pela parceria e oportunidades, pelas contribuições e pela leitura atenta do meu texto;

À Aline de Souza Denzin, incentivadora desta pesquisa, por toda amizade, toda ajuda e ensinamentos compartilhados;

Aos companheiros e companheiras da turma de Mestrado de 2017, especialmente ao Lúcio “Skeeter” Fábis por toda amizade, parceria, ajuda, alegrias e momentos de desabafos na nossa querida Fritz;

Ao “grupo da Victoria”, minhas parceiras de pesquisa, Mari, Vivian, Ana e Miriã, por todo apoio, toda ajuda, todos os ensinamentos e pedidos de socorro prontamente atendidos;

Às amigas e aos amigos da Educação Física - UFSCar, aos professores que me apoiaram tanto, à Maria do Céu, por todo amor, carinho e cobranças necessárias, sempre pronta a ajudar e também ao sorvete nos dias de calor;

Ao Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF), que desde 2013 me acolheu, e ao grupo do “suico”, por todas discussões, cervejas e aprendizados compartilhados;

À Família Cocotas, pelas conversas, cervejas, filmes, jantas e por ser tão respeitosa e cuidadosa para que esses dois anos de Mestrado fossem tranquilos na convivência em república;

Às amigas Lele, Laurs, Jé Querido, Jéssica Gsk e Van, que mesmo distantes se fizeram presentes e sempre me apoiaram em minhas escolhas;

Às meninas da dança, Gi, Gela, Gabis e Rafa, por todos os almoços, e conversas sobre tudo, grandes apoiadoras da minha vida;

Aos grupos de Capoeira, Libertação da Raça, Arteducar e Capoeira do Cerrado, por todos os ensinamentos, aprendizados compartilhados, treinos, amizades e por fazer o meu amor pela Capoeira só crescer mais e mais;

À Capoeira que sempre me ensinou e que ainda me ensina. Diante da qual, eu que já aprendi tanto, ainda me sinto tão pequenininha;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

RESUMO

A cultura afro-brasileira, durante muito tempo foi colocada em posição de marginalização, sendo valorizada a eurocêntrica em detrimento de outras culturas. Também sujeitas à marginalização, em uma sociedade machista, as mulheres têm lutado por tempo-espaço em esferas até então reservadas à atuação e predomínio masculino. A Capoeira é uma prática social onde as mulheres tem buscado reconhecimento e valorização. O objetivo geral desta pesquisa foi descrever e compreender os processos educativos desencadeados na Capoeira praticada por mulheres, entendendo tais processos a partir de aspectos históricos de luta de mulheres por espaço e reconhecimento neste campo. Além disso, como objetivo específico, conhecer a trajetória dessas mulheres na Capoeira e compreender a escolha e permanência dessas mulheres nessa prática. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que foram realizadas pesquisas bibliográficas e de campo, utilizando como coleta de dados entrevistas semiestruturadas com quatro mulheres capoeiristas das cidades de São Carlos, Campinas e Mogi Guaçu. A análise dos dados coletados foi feita a partir do sistema de categorias, pelo qual emergiram três categorias: Família e Capoeira; Como me sinto sendo mulher na Capoeira; Capoeira que transforma. A partir da análise, consideramos que as mulheres, a partir do fundamento da Capoeira e das reivindicações por permanência nesse espaço, vão construindo uma nova forma de ser e estar, que se expande para outros espaços. Isso significa pensar em construção permanente, em luta constante, utilizando a ginga, a mandinga, ancestralidade, como estratégia de luta, cuidado corporal, busca pela liberdade e pela possibilidade de ser mulher.

Palavras – chave: Processos Educativos; Capoeira; Gênero; Resistência; Educação das Relações Étnico-Raciais.

ABSTRACT

The Afro-Brazilian culture, for a long time was placed in a position of marginalization, being valued the Eurocentric to the detriment of other cultures. Also subject to marginalization, in a sexist society, women have struggled for time-space in spheres hitherto reserved for masculine performance and predominance. Capoeira is a social practice where women have sought recognition and appreciation. The general objective of this research was to describe and understand the educational processes unleashed in Capoeira practiced by women, understanding such processes from the historical aspects of women's struggle for space and recognition in this field. Also, as a specific objective, to know the trajectory of these women in Capoeira and to understand the choice and permanence of these women in this practice. This is a qualitative research, in which bibliographical and field research was carried out, using as data collection semi-structured interviews with four women capoeiristas from the cities of São Carlos, Campinas and Mogi Guaçu. The analysis of the collected data was made from the category system, through which three categories emerged: Family and Capoeira; How I feel like a woman in Capoeira; Capoeira that transforms. From the analysis, we consider that women, starting from the foundation of Capoeira and the demands for permanence in this space, are building a new way of being and being that expands to other spaces. This means thinking about permanent construction, in constant struggle, using ginga, mandinga, ancestry, as a strategy of struggle, body care, search for freedom and the possibility of being a woman.

Keywords: Educational Processes; Capoeira; Genre; Resistance; Education of Ethnic-Racial Relations.

RESUMEN

La cultura afro-brasileña, durante mucho tiempo fue colocada en posición de marginación, siendo valorada la eurocéntrica en detrimento de otras culturas. También sujetas a la marginación, en una sociedad machista, las mujeres han luchado por tiempo-espacio en esferas hasta entonces reservadas a la actuación y predominio masculino. La Capoeira es una práctica social donde las mujeres han buscado reconocimiento y valorización. El objetivo general de esta investigación fue describir y comprender los procesos educativos desencadenados en la Capoeira practicada por mujeres, entendiendo tales procesos a partir de aspectos históricos de lucha de mujeres por espacio y reconocimiento en este campo. Además, como objetivo específico, conocer la trayectoria de esas mujeres en la Capoeira y comprender la elección y permanencia de esas mujeres en esa práctica. Se trata de una investigación cualitativa, en la que se realizaron investigaciones bibliográficas y de campo, utilizando como recolección de datos entrevistas semiestructuradas con cuatro mujeres capoeiristas de las ciudades de São Carlos, Campinas y Mogi Guaçu. El análisis de los datos recolectados fue hecho a partir del sistema de categorías, por el cual surgieron tres categorías: Familia y Capoeira; Como me siento siendo mujer en la Capoeira; Capoeira que transforma. A partir del análisis, consideramos que las mujeres, a partir del fundamento de la Capoeira y de las reivindicaciones por permanencia en ese espacio, van construyendo una nueva forma de ser y estar, que se expande hacia otros espacios. Esto significa pensar en construcción permanente, en lucha constante, utilizando la ginga, la mandinga, ancestralidad, como estrategia de lucha, cuidado corporal, búsqueda por la libertad y la posibilidad de ser mujer.

Palabras clave: Procesos Educativos; Capoeira; Género; Resistencia; Educación de las Relaciones Étnico-Raciales.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MESTRE BIMBA.....	40
FIGURA 2 – MESTRE PASTINHA.....	41
FIGURA 3 – MARIA DOZE HOMENS.....	55
FIGURA 4 – MESTRA JANJA.....	57
FIGURA 5 – MESTRA GÊGE.....	58
FIGURA 6 – MESTRA CIGANA.....	58
FIGURA 7 – MESTRA JARARACA.....	59

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Levantamento de artigos na base de dados SCIELO com o descritor “Capoeira”, entre 2010 e 2018.....	21
QUADRO 2 – Levantamento de dissertações e teses na base de dados BDTD com o descritor “Capoeira e Mulheres”, entre 2010 e 2018.....	27
QUADRO 3 – Levantamento de dissertações e teses na base de dados do repositório institucional da UFSCar, no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de Práticas Sociais e Processos Educativos com o descritor “Gênero”, entre 2010 e 2018.....	29

LISTA DE SIGLAS

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

EEB – Escala de Equilíbrio de Berg

FICA – Fundação Internacional de Capoeira Angola

GCAP – Grupo de Capoeira Angola Pelourinho

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

USP – Universidade de São Paulo

VADL – Vivências e Atividades Diversificadas de Lazer

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1.1 Apresentação – Quem vem lá sou eu!.....	17
1.2 Contexto da Pesquisa.....	18
1.3 Revisão de Literatura – Na volta que o mundo deu, na volta que o mundo dá!.....	21
1.4 Questão e Objetivos.....	31
1.5 Estrutura do Texto.....	31
1. A CAPOEIRA.....	33
1.1 Dos caminhos do continente Africano até aqui.....	33
1.2 Escorregar não é cair, é o jeito que o corpo dá!.....	39
2. A PRÁTICA SOCIAL DA CAPOEIRA.....	45
3. MULHERES E A CAPOEIRA.....	52
4. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	61
4.1 Procedimento de coleta de dados.....	63
4.2 Apresentação das participantes da pesquisa.....	65
4.3 Procedimentos de análise de dados.....	66
5. CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS.....	69
5.1 Família e Capoeira.....	69
5.2 Como me sinto sendo mulher na Capoeira.....	73
5.3 Capoeira que transforma.....	78
6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	88
ANEXOS.....	97
Anexo 1 Parecer do Comitê de Ética.....	97
APÊNDICES.....	101
Apêndice 1 Roteiro para a Entrevista.....	101
Apêndice 2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	102
Apêndice 3 Tabela de dados.....	104

INTRODUÇÃO

*Quem vem lá - sou eu
 Quem vem lá - sou eu
 Berimbau bateu
 Capoeira sou eu!
 (Mestre Matias)*

Início o presente estudo procurando apresentar parte de minha trajetória pessoal e profissional, com as inquietações que fizeram parte do processo, que direcionaram e direcionam minha visão de mundo.

A proposta desta pesquisa parte da minha história de vida pessoal e acadêmica, além de minhas angústias em ser mulher no mundo da Capoeira. Tentando encontrar e entender detalhes sobre a constituição desse universo de mulheres capoeiristas, dei de encontro comigo mesma, com meus questionamentos, sobre o que é ser mulher na sociedade brasileira e sobre o que é ser mulher no âmbito da Capoeira.

Portanto, esta pesquisa não foi algo isolado, a pesquisadora influencia as participantes da pesquisa e as participantes da pesquisa, por sua vez, são capazes de um comportamento voluntário e consciente, o qual direciona para a construção de saberes. Assim, nem a pesquisadora, nem as participantes da pesquisa são neutras em suas ações.

Neste trabalho, inclusive, utilizaremos o termo Capoeira com “C” maiúsculo para referenciá-la como patrimônio cultural brasileiro, que engloba todo o processo histórico cultural de sua construção, como uma manifestação de espaço e tempo. Entendemos ainda que a Capoeira é jogo/luta/dança/arte/esporte, nos quais se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana. A roda de Capoeira congrega música, cantos e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética, que são compartilhados, por sua vez, pelo grupo, sendo possível se transmitirem e reiterarem práticas e valores afro-brasileiros (IPHAN, 2008).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro, foi criado em 13 de janeiro de 1937, por meio do artigo 46 da Lei nº 378, assinada pelo então presidente Getúlio Vargas. Cabe ao IPHAN proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras (BRASIL, 1937).

A Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 216, define o patrimônio cultural como formas de expressão, modos de criar, fazer e viver. Também são assim reconhecidas as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e, ainda, os conjuntos urbanos e sítios de valor

histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

1.1 Apresentação – Quem vem lá sou eu!

Venho de uma família pequena do interior de São Paulo, filha única, pude fazer tudo do meu interesse, considerando as possibilidades financeiras dos meus pais. Comecei a fazer dança com sete anos de idade, aprendi muito com variados estilos, como: jazz, ballet, contemporânea e o sapateado. Desde nova estive por dentro de várias práticas, no início me aproximei do futsal, depois do handebol. A Capoeira apareceu na minha vida de forma desprezível, mas tomou uma grande proporção, ao ponto de fazer um trabalho que perpassa por ela.

Então, falar sobre mulheres capoeiristas é também dizer sobre mim. Comecei a Capoeira no ano de 2008, em um espaço da prefeitura na cidade de Mogi Guaçu – SP, onde já praticava a dança, e, a pedido da professora, me aproximei da Capoeira a fim de aprender alguns movimentos para a montagem de uma coreografia. O encantamento começou ali e permanece até hoje, muitas idas e vindas à Capoeira, mudança de cidade, mudança de grupo, pouco tempo pra treinar, mas nunca distante.

De 2008 à 2011, participei de um grupo chamado de Libertação da Raça. Entre 2012 e 2013 parei com os treinos e em 2014, ainda na cidade de Mogi Guaçu, participei de outro grupo chamado Arteducar; enquanto na cidade de São Carlos, participei do grupo chamado Capoeira do Cerrado. Todos esses grupos me fizeram compartilhar com a Capoeira de diferentes formas, pensando em várias possibilidades de como ser capoeirista e me transformando como pessoa.

Ainda matriculada no terceiro colegial do ensino regular, mais precisamente em 2009, tive a oportunidade de dar aulas de Capoeira na escola onde estudava durante o ano, essas aulas eram em forma de oficina e eram destinadas para alunas e alunos do ensino fundamental I – na época compreendido entre 1ª série e 4ª série. Foi um ano de grandes aprendizados, pois dar aulas, compartilhar conhecimentos e aprender outros saberes junto às crianças foi difícil, mas foi a partir desse momento que tive a certeza que queria fazer o curso superior de Educação Física.

A vida acadêmica me trouxe a possibilidade de compartilhar com a Capoeira de outra forma, pois estudando também tive a chance de aprender com ela e assim tentar contribuir para o entendimento no mundo das rodas, do que há para além da prática nas rodas.

Desta forma, na graduação de licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), de 2010 a 2016, tive a oportunidade de estudar a Capoeira em minha monografia, no ano de 2013, na qual trabalhei com crianças em uma escola pública da cidade de São Carlos, pesquisando quais eram os processos educativos decorrentes da prática da Capoeira no ambiente escolar. Esse estudo trouxe como um de seus resultados que o constante diálogo entre

os/as educadores/as e os/as educandos/as, a partir da prática social da Capoeira realizada no contexto das aulas de Educação Física, proporcionou a construção de processos educativos relacionados à valorização, conhecimento e reconhecimento da cultura africana, estimulando os/as envolvidos/as apresentarem os seus saberes, suas descobertas, suas indagações e suas curiosidades (SILVA, 2013). Essa experiência me trouxe mais interesse pela temática, além de trazer mais expectativas de como a educação pode se tornar libertadora a partir da educação para as relações étnico-raciais.

Além disso, tive a oportunidade de desenvolver atividades no âmbito do lazer, de outubro de 2013 até março de 2017, especificamente trabalhando com a Capoeira de 2015 a 2017, ainda enquanto cursava licenciatura em Educação Física. No contexto do projeto de extensão “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer (VADL), que atende crianças e adolescentes entre 7 e 17 anos no Clube do Sindicato dos Metalúrgicos de São Carlos, lá ainda pude confirmar esse meu incômodo com a dificuldade das meninas se inserirem em algumas atividades, como algumas brincadeiras, jogos e o futebol.

O VADL em acordo com Gonçalves Junior (2013) tem por objetivo contribuir com a formação crítica e cidadã das crianças e adolescentes que participam das atividades. Para tentar alcançar isso, são desenvolvidas experiências positivas junto aos/às participantes, visando estabelecer relações em que esteja presente cultura de paz, educação para e nas relações étnico-raciais, despertando para possibilidades de trabalho e transformação social, a fim de alcançar uma educação para e pelo lazer (MARCELLINO, 2000) junto às comunidades do Jardim Gonzaga e Santa Felícia, bem como bairros adjacentes.

Foi a partir desse projeto, da relação com as crianças e adolescentes, e também com os/as educadores/as, que me surgiu a inquietação e a vontade de fazer o Mestrado em Educação, continuando meus estudos com a Capoeira, com a emersão do tema das mulheres na Capoeira.

Parto, então, da minha experiência, como sujeita que vivencia a prática investigada e que vai apresentando respostas que se convertem em novas perguntas. Por esse motivo, serão usadas referências pessoais como parte integral do processo da pesquisa, não só por ser mulher e capoeirista, mas também porque acredito na importância política de falar dos corpos a partir deles mesmos, considerando que o corpo é atravessado por situações, vivências e experiências únicas, assim, me coloco como uma mulher capoeirista que escreve e pesquisa junto com outras mulheres capoeiristas.

1.2 Contexto da Pesquisa

Neste item, vamos apresentar o tema deste estudo, a fim de situar os/as leitores/as sobre as escolhas envolvidas e os caminhos percorridos.

A justificativa deste trabalho se dá pela necessidade de fortalecer as práticas educativas voltadas à educação das relações étnico-raciais e à educação das relações de gênero em diferentes espaços de convivência, para que sejam proporcionados e favorecidos diálogos que permitam a construção de valores e posturas que criem abertura para uma sociedade de relações mais equânimes.

Entendemos a Capoeira como uma forma de resistência, seja pelo seu aspecto de luta, seja como superação de limites. Ela vem de um movimento de luta do povo negro escravizado que foi submetido à situações de dominação, exploração e violência e que até hoje se refletem nas formas como são vistos em nossa sociedade.

Hoje a Capoeira, que já ficou proibida pelo governo brasileiro até 1934, é disciplina de curso universitário, como por exemplo, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), entre outras. Mas, mais do que isso, passa a ser patrimônio cultural imaterial brasileiro, assim registrada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em julho de 2008. Patrimônio cultural imaterial é constituído de bens fundamentais que preservam a essência de um povo (GONÇALVES JUNIOR, 2009).

A Capoeira é praticada em todo o Brasil e em várias partes do mundo, das mais diversas formas, por distintas classes sociais e grupos étnico-raciais, mas é preciso ter discernimento, para que não rotulemos a Capoeira de modo único e homogêneo. Não podemos perder a essência transformadora e libertadora da Capoeira, por meio da constante descaracterização, desinformação que sofre. Segundo Stuart Hall (2003), o que vem ocorrendo com relação às transformações dos processos culturais é a rápida destruição de estilos de vida e a transformação em algo novo, levando a apropriações e expropriações de valores diferenciados. Nesse âmbito, a cultura popular se transforma, ressignifica, apropria, expropria, incorpora, para se manter viva no contexto no qual está inserida.

As mulheres, assim como os homens, se apoderaram dessa prática para sua própria proteção, mas a participação masculina na Capoeira é mais comumente encontrada nos livros. Apenas “alguns estudos vêm mostrando a mulher como protagonista dessa prática também nos séculos XIX e XX”, mesmo que de forma discreta (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p.117).

Mas algumas mulheres também são lembradas: “Mestre Pastinha lembra de duas mulheres que se destacam entre os valentes da Capoeira do início do século XX: ‘Julia Fogateira’ e ‘Maria Homem’” Há alguns registros de mulheres negras capoeiristas, durante o século XIX, em jornais e boletins policiais. Naquela época, elas não eram classificadas como capoeiristas, mas sim, como “mulheres valentes” e “boas de briga” (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p.119).

As mulheres acompanharam os rumos dados à Capoeira. Se nas ruas elas se destacavam, com a passagem da Capoeira para as academias, na década de 1930, passam a prestar serviços

administrativos, cuidando da organização dos grupos. Com raras exceções, a mulher “era vista quase exclusivamente como uma peça de apoio na estrutura social do jogo/luta/dança/ritual” (BARBOSA, 2005, p. 11).

No entanto, a partir das décadas de 70 e 80 do século XX, as mulheres passam a atuar de forma mais ativa na Capoeira, marcando presença e se destacando nas rodas, nas academias e grupos, em números cada vez maiores. Rosângela Costa Araújo, a mestra Janja, afirma em entrevista para Barbosa (2005), que a mulher deixou de ser novidade na Capoeira e passou a representar quase a metade do número dos/as praticantes de Capoeira, de modo que não podem mais ser ignoradas e nem reduzirem sua participação na prática, na organização dos grupos e nas academias, podendo ocupar cargos de dirigentes, com graduações de professoras, contramestras e mestras de Capoeira (BARBOSA, 2005).

Pesquisar os processos educativos presentes nas relações de mulheres capoeiristas pode colaborar de maneira significativa para a área da educação, valorizando a cultura afro-brasileira e a cultura popular. Além disso, ao destacar uma prática marginalizada e também voltar os olhares para as relações de gênero existentes na Capoeira e na sociedade, podemos contribuir para o questionamento dos padrões estabelecidos, levantando novas perspectivas acerca da amplitude dos espaços educativos. Pode favorecer, ainda, para o avanço dos estudos feitos sobre esta temática e construir pensamentos que auxiliem na superação das desigualdades impostas às mulheres.

Ao estudar para conhecer e compreender a cultura afro-brasileira e a cultura popular estamos agindo no sentido de desconstruir as imagens negativas que foram difundidas sobre o continente africano, sobre as culturas africanas e afro-brasileiras. Ao considerarmos o legado africano como parte de nossa história, como parte que nos constitui, alimenta e fortalece, estaremos colocando o respeito e valorização das diferenças como nossa responsabilidade, independentemente de nossa origem ou pertencimento étnico. Ao estarmos comprometidos/as com a busca de condições de vida digna e justa, estamos nos comprometendo para a construção de um país em que a diferença não seja mais sinônimo de desigualdade.

Entendemos que a cultura popular é dinâmica e se transforma, porque ela é vivida cotidianamente por mulheres e homens que estão inseridos em um contexto social real que se transforma e se modifica constantemente. Por isso, estudos feitos sobre a cultura popular e sobre as práticas culturais de matriz africana nos permitem conhecer um pouco sobre a história de grupos e pessoas que, por meio, por exemplo, da Capoeira, das músicas, e de suas tradições, contam a história e mostram suas formas de se colocar neste mundo, que ainda privilegia a cultura letrada e branca.

O entendimento de cultura popular que nos interessa, para uma educação transformadora e para a análise de uma Capoeira que transforma, está em Hall (2003, p. 248), quando diz que “a cultura popular não é, num sentido puro, nem as tradições populares de resistência a esses

processos, nem as formas que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas”.

Tentando situar nossa pesquisa nesse campo e procurando compreender outros estudos, no próximo item será apresentada a revisão de literatura realizada a partir das buscas nas bases Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e também na base de dados do repositório institucional da UFSCar, no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa de Práticas Sociais e Processos Educativos.

1.3 Revisão de Literatura – Na volta que o mundo deu, na volta que o mundo dá!

Neste item, vamos apresentar revisão de literatura realizada a fim de situar este estudo no campo da pesquisa em educação, envolvendo os processos educativos da Capoeira, a partir da leitura de alguns estudos e artigos que tratam desta prática, embora com propostas e focos diferentes.

Para realizar a pesquisa dos artigos fizemos a busca na base SCIELO com os descritores “Capoeira” e “processos educativos” combinados, porém não foram encontrados resultados, usamos também “Capoeira” e “mulheres” e “Capoeira” e “gênero” e não foram encontrados resultados. Sendo assim, realizamos nova busca com o descritor “Capoeira”, sendo, então, encontrados 15 resultados, publicados no idioma Português e que foram produzidos entre 2010 e 2018. Estes artigos estão organizados no quadro a seguir de acordo com o ano de publicação e, posteriormente serão apresentados no corpo do texto com as principais ideias trazidas em cada um deles.

Quadro 1: Levantamento de artigos na base de dados SCIELO com o descritor “Capoeira”, entre 2010 e 2018.

Ano	Autores/as	Título	Base de Dados
2010	DIAS	Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira	SCIELO
2011	SILVA	Capoeira nas aulas de educação física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores	SCIELO
2012	SILVA; FERREIRA	Capoeira dialogia: o corpo e o jogo de significados	SCIELO
2012	ALMEIDA; TAVARES; SOARES	A reflexividade nos discursos identitários da Capoeira	SCIELO
2012	MATOS; MENEZES	Capoeira para	SCIELO

		deficientes visuais: comparação do equilíbrio entre praticantes e não praticantes de capoeira	
2012	STOTZ; FALCÃO	Ritmo & rebeldia em jogo: só na luta da capoeira se canta e dança?	SCIELO
2014	ASSUNÇÃO	Ringue ou academia? A emergência dos estilos modernos da capoeira e seu contexto global	SCIELO
2014	PETRY; NERY; GONÇALVES	Avaliação neuropsicológica de idosos praticantes de capoeira	SCIELO
2015	BARROS; BACCINO	Capoeira na disciplina Sociologia da Música	SCIELO
2015	GONÇALVES; PEREIRA	Educação e patrimônio: notas sobre o diálogo entre a escola e a capoeira	SCIELO
2015	AMARAL; SANTOS	Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania	SCIELO
2015	MONTEIRO et al.	Tempo de reação de escolha de capoeiristas iniciantes e experientes	SCIELO
2015	LASSAC	Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta	SCIELO
2016	MARTINS et al.	Protagonismo infantil na educação física: Uma experiência pedagógica com a capoeira	SCIELO
2018	LUCENA; TRIGUEIRO	Educação, jogo de corpo e “mandinga” na Capoeira de Bimba	SCIELO

O artigo “Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira”, de autoria de João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias, publicado em 2010, apresenta uma discussão a partir da observação participante de um grupo de Capoeira na cidade de Natal/RN, buscando nuances de uma racionalidade tatuada no corpo e no gesto, a partir do jogo da Capoeira. Aplicaram o método da fenomenologia proposto por Merleau-Ponty, a partir da sistematização de notas visuais como ferramenta metodológica para a observação do gesto e do corpo no jogo da Capoeira. Foram

apresentados argumentos a partir da intencionalidade da experiência do corpo na Capoeira, que dizem do humano, da sociedade e da cultura, na medida em que o sentido da gestualidade e do corpo são tecidos nas ações mútuas, estabelecidas e reconhecidas pelos sujeitos. Esse artigo se deu a partir de uma pesquisa de mestrado que tem como título *Corpo e gestualidade: o jogo da capoeira e os jogos do conhecimento* (DIAS, 2010).

O artigo “Capoeira nas aulas de educação física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores”, de autoria de Paula Cristina da Costa Silva, publicado em 2011, trata da Capoeira e de seus processos de ensino e de aprendizagem a partir de uma investigação qualitativa que incluiu em sua primeira fase de pesquisa de campo um curso de formação continuada de Capoeira para professores/as. Nele foi destacado a compreensão sobre a Capoeira e a importância de sua inserção nas aulas de Educação Física escolar. Por fim, foram apontados alguns indícios com relação às dificuldades apresentadas pelos/as participantes, as experiências positivas decorridas e a possibilidade de abordagem do ensino da Capoeira baseado nas interações gestuais (SILVA, 2011).

O artigo “Capoeira dialogia: o corpo e o jogo de significados”, de autoria de Lucas Contador Dourado da Silva e Alexandre Donizete Ferreira, publicado em 2012, apresenta um estudo que tem por objetivo fazer discussões sobre o corpo e suas implicações na Capoeira, trazendo uma visão sobre ela para a área da Educação Física. A partir de uma pesquisa bibliográfica, eles relacionaram a prática da Capoeira com a ideia do jogo como dialogia corporal. Abordaram as relações dos significados afluentes do corpo social, relacionando-o com o que eles chamam de corpo Capoeira. Buscaram identificar a construção dialógica desse corpo Capoeira através de processos que permeiam o jogo dentro da roda. As considerações obtidas no final desse estudo apresentam um ponto de partida para a discussão da Capoeira e, principalmente, de seu jogo (SILVA; FERREIRA, 2012).

O artigo “A reflexividade nos discursos identitários da Capoeira”, de autoria de Juliana Azevedo de Almeida, Otávio Tavares e Antonio Jorge Gonçalves Soares, publicado em 2012, traz a discussão a partir de que a identidade é contingente e relacional. É definida sempre em comparação com um “outro” através de marcações simbólicas e sociais. Partindo dessa premissa, este estudo apresentou que as narrativas identitárias da Capoeira atual se estruturam por “processos reflexivos”. Utilizando métodos etnográficos, os discursos identitários de um grupo de Capoeira foram comparados aos discursos acadêmicos sobre essa prática. Nesse estudo os autores e a autora concluíram que as narrativas identitárias da Capoeira se estruturam por meio de uma reflexividade incompleta que transparece o processo de modernização da sociedade e, conseqüentemente, de ressurgimento do nacional (ALMEIDA; TAVARES; SOARES, 2012).

No estudo “Capoeira para deficientes visuais: comparação do equilíbrio entre praticantes e não praticantes de capoeira”, de autoria de Janaína Barbosa Matos e Fábio Sprada de Menezes,

publicado em 2012, teve como objetivo comparar o equilíbrio de deficientes visuais praticantes e não praticantes de Capoeira. Foram 10 deficientes visuais (20 a 47 anos), escolhidos de forma não probabilística intencional, 5 capoeiristas e 5 não capoeiristas, submetidos à Escala de Equilíbrio de Berg – (EEB) e Escala Internacional de Eficácia de Quedas. Como conclusão a autora e o autor não identificaram diferença estatística significativa na comparação do equilíbrio entre os praticantes e não praticantes de Capoeira, embora os capoeiristas tenham obtido melhor desempenho nos dois testes aplicados (MATOS; MENEZES, 2012).

O artigo “Ritmo & rebeldia em jogo: só na luta da capoeira se canta e dança?”, de autoria de Marcelo Backes Navarro Stotz e José Luiz Cirqueira Falcão, publicado em 2012, investigou se existem e quais são as lutas praticadas ao som de músicas, e apontar as semelhanças no campo das gestualidades entre estas práticas e a Capoeira. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e análises de imagens e vídeos, foram levantados elementos afins que apontam para a existência de traços semelhantes entre algumas manifestações combativas, especialmente as geradas na diáspora (STOTZ; FALCÃO, 2012).

O estudo “Ringue ou academia? A emergência dos estilos modernos da capoeira e seu contexto global”, de autoria de Matthias Röhrig Assunção, publicado em 2014, traz a emergência dos estilos modernos de Capoeira que deve ser considerada no contexto global da modernização de artes marciais em curso na Europa e na Ásia, por um lado, e, por outro, da nova fase da modernidade negra. O autor traz um confronto no ringue, da Capoeira com o jiu-jítsu e outras lutas que levou mestre Bimba a desenvolver sua luta regional baiana. A revitalização da Capoeira tradicional como Capoeira de Angola, liderada por mestre Pastinha, insere-se no movimento mais amplo de afirmação da cultura afro-baiana em Salvador e da crescente visibilidade do corpo negro no mundo atlântico (ASSUNÇÃO, 2014).

O artigo “Avaliação neuropsicológica de idosos praticantes de capoeira”, de autoria de Diogo Miranda Petry, Sheila Nery e Clézio José dos Santos Gonçalves, publicado em 2014, contribui com uma relação entre a Capoeira, cognição e o envelhecimento. Relacionando estudos sobre funções executivas e a Capoeira, investigou a interligação desta arte e as funções executivas, que são as habilidades cognitivas que nos permitem controlar e regular nossos pensamentos, nossas emoções e nossas ações diante dos conflitos ou das distrações. Compararam o desempenho de funções executivas em idosos praticantes de Capoeira e idosos não praticantes de exercício físico. Chegaram a conclusão que a prática de Capoeira tem uma tendência em contribuir para a melhora das funções executivas, embora os mecanismos desse benefício não tenham sido explicitados (PETRY; NERY; GONÇALVES, 2014).

O estudo “Capoeira na disciplina Sociologia da Música”, de autoria de Líliam Barros e Marcelo Pamplona Baccino, publicado em 2015, aborda a experiência de ensino na disciplina Sociologia da Música no Curso de Licenciatura Plena em Música da Universidade Federal do Pará,

a partir de uma experiência ocorrida em 2013. O tema geral utilizado nas aulas foi a Capoeira, a partir do olhar da sociologia da música, da educação musical e da etnomusicologia. A principal intenção da utilização dessa manifestação afro-brasileira foi provocar a reflexão dos/as discentes sobre as demais culturas musicais presentes na sociedade a qual os mesmos pertencem e convivem, enfatizando os diferentes modos de ensino, aprendizado e desempenho musical (BARROS; BACCINO, 2015).

O artigo “Educação e patrimônio: notas sobre o diálogo entre a escola e a capoeira”, de autoria de Maria Alice Rezende Gonçalves e Vinícius Oliveira Pereira, publicado em 2015, traz que a educação brasileira tem sido marcada por debates envolvendo a maior visibilidade de diferentes grupos étnicos e suas manifestações culturais, com destaque para os/as afro-brasileiros/as. Nesse contexto, o artigo descreveu e discutiu a introdução da Capoeira na educação básica proposta pelo Programa Mais Educação do Ministério da Educação. Apesar da possibilidade de utilizá-la como uma ferramenta de valorização da cultura afro-brasileira na educação, a autora e o autor concluem que o programa analisado, ao fazer uso do potencial educativo da Capoeira, privilegia em seus documentos a modalidade ligada à abordagem esportiva da Capoeira (GONÇALVES; PEREIRA, 2015).

O artigo “Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania”, de autoria de Mônica Guimarães Teixeira do Amaral e Valdenor Silva dos Santos, publicado em 2015, apresenta a Capoeira como uma expressão estética e de luta que remonta à ancestralidade afro-brasileira, capaz de transmitir, por meio do jogo e de suas músicas, os conteúdos negados da história e cultura da população negra no Brasil. Enfatiza não apenas a importância de seu reconhecimento como profissão, mas sua relevância histórica, cultural e política para a formação das novas gerações. A ideia é apresentar a Capoeira como um exemplo vivo e atual da tradição afro-brasileira para um ensino culturalmente relevante (AMARAL; SANTOS, 2015).

O artigo “Tempo de reação de escolha de capoeiristas iniciantes e experientes”, de autoria de Adriana Diniz Monteiro, Fernando Carneiro Machado Ennes, Herbert Ugrinowitsch, Márcio Mário Vieira e Rodolfo Novellino Benda, publicado em 2015, verificou o efeito da prática da Capoeira sobre o tempo de reação. Participaram 20 adultos praticantes de Capoeira divididos em dois grupos de acordo com o tempo de prática. O tempo de reação foi medido com a Unidade de Determinação do Sistema de Testes de Viena (versão 6.0). Os resultados apresentaram diferença significativa e concluíram que a prática da Capoeira pode melhorar o tempo de reação de seus praticantes (MONTEIRO et al, 2015).

O artigo “Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta”, de autoria de Ricardo Martins Porto Lussac, publicado em 2015, traz que a origem da Capoeira tem sido investigada e discutida

até os dias atuais. Vários/as pesquisadores/as de diversos campos e, inclusive, os/as próprios/as capoeiristas discordam quanto à sua gênese. Estas diferenças persistem em embates no campo da Capoeira. Neste artigo foram analisadas, interpretadas e discutidas as possibilidades das origens indígenas da Capoeira, e as possíveis contribuições dos indígenas, no desenvolvimento do jogo-luta. Por meio das análises realizadas, foi possível elaborar especulações e apontamentos gerais sobre o assunto. A pesquisa teve um enfoque histórico. Foi utilizada como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica e documental, tendo-se realizado análise qualitativa das fontes que foram interpretadas e discutidas. Constatou-se que houve a chance de interação entre o povo negro e indígena em trocas culturais que viabilizaram influências no desenvolvimento da Capoeira. Entretanto, concluiu-se que não é possível afirmar existirem diretamente contribuições indígenas brasileiras para as origens da Capoeira. Nesse artigo, o autor afirma que a única e importante contribuição indígena-brasileira é a origem nominal da prática, por ser o vocábulo Capoeira de origem tupy (LASSAC, 2015).

O estudo “Protagonismo infantil na educação física: Uma experiência pedagógica com a capoeira”, de autoria de Rodrigo Lema Del Rio Martins, Wagner dos Santos, André da Silva Mello e Sebastião Josué Votre, publicado em 2016, analisa práticas pedagógicas centradas no protagonismo infantil. O método combina a pesquisa-ação colaborativa com a metodologia participativa. Os dados são provenientes de observação participante, registros fotográficos e desenhos, extraídos de uma vivência pedagógica com o conteúdo Capoeira nas aulas de Educação Física, em um Centro Municipal de Educação Infantil de Vitória/ES. A análise indica que as crianças, por meio de suas práticas, resignificam o ensino da cultura mediado pelos adultos e, com base nas produções infantis, o processo de intervenção pedagógica é reorientado, levando em consideração o protagonismo das crianças (MARTINS et al, 2016).

No estudo “Educação, jogo de corpo e ‘mandinga’ na Capoeira de Bimba”, de autoria de Ricardo de Figueiredo Lucena e Nilene Matos Trigueiro, publicado em 2018, foi proposto a discussão, na concepção do autor e da autora, de como a Capoeira escrava, criminalizada e violenta foi resignificada sob a influência do mestre Bimba, transformando-se em esporte nacionalmente conhecido como ginástica brasileira, no início do século XX (LUCENA; TRIGUEIRO, 2018).

Em busca realizada na base Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), quando utilizamos o descritor: “Capoeira e Mulheres”, foram encontradas 4 dissertações, defendidas entre os anos de 2010 e 2018. Lembrando que essa pesquisa de Mestrado está situada no grupo de trabalhos que se debruçam sobre a educação das relações étnico-raciais a partir da Capoeira junto a mulheres, buscando através de práticas voltadas para a valorização e reconhecimento de mulheres. A seguir, apresentamos os trabalhos que foram encontrados na busca por teses e dissertações, auxiliando-nos a situar este estudo.

Quadro 2: Levantamento de dissertações e teses na base de dados BDTD com os descritores “Capoeira e Mulheres”, entre 2010 e 2018.

Ano	Autores/as	Título	Base de Dados
2011	FIRMINO	Capoeiras: gênero e hierarquias em jogo	BDTD
2016	FERREIRA	A Capoeira sob a ótica de gênero: o espaço de luta das mulheres nos grupos de capoeira	BDTD
2017	BARBOSA	Mulher na roda: experiências femininas na Capoeira Angola de Porto Alegre	BDTD
2018	NAVARRO	N’outras corpos Desconstruções e múltiplas possibilidades corporais na capoeira angola do grupo Nzinga	BDTD

A dissertação de mestrado intitulada “Capoeiras: gênero e hierarquias em jogo”, de autoria de Camila Rocha Firmino, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos, em 2011, teve por objetivo analisar como acepções de gênero atravessam o sistema simbólico da Capoeira visto que, embora tenha sido notado o crescimento do número de praticantes mulheres em altas graduações, nos últimos 10 anos, esse número ainda figura incipiente. O trabalho avalia as relações de gênero a partir de etnografia realizada em um grupo de Capoeira na cidade de Campinas/SP. O gênero foi observado como um marcador de diferença que, nos discursos sobre corporalidade, desencadeia a diferenciação. Assim, o trabalho explorou tanto apreensões correntes sobre corpo e diferença sexual que subsidiam a diferenciação baseada no gênero, quanto possibilidades de desestabilizar essa diferenciação (FIRMINO, 2011).

A dissertação de mestrado intitulada “A Capoeira sob a ótica de gênero: o espaço de luta das mulheres nos grupos de capoeira”, de autoria de Tarcísio José Ferreira, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em 2016, teve por objetivo identificar e analisar o papel das mulheres nos grupos de Capoeira sob a ótica de gênero. Nesta perspectiva foram determinados como objetivos específicos: apresentar um breve histórico da mulher nos grupos de Capoeira; analisar o corpo feminino na Capoeira; traçar um perfil da mulher capoeirista e pesquisar o papel das mulheres nos grupos de Capoeira. Como resultados encontrou que as mulheres capoeiristas são mais fortes do que se imagina, são mais ágeis do que se pensa, assim, estas capoeiristas demonstraram habilidades não só com os pés, mas com sua astúcia, buscando mecanismos de afirmação nos espaços, dentro e para além da Capoeira, de

maneira a (re)significar seus corpos por meio desta arte/luta e apropriar deste espaço como um espaço também pertencente ao feminino (FERREIRA, 2016).

A dissertação de mestrado intitulada “Mulher na roda: experiências femininas na Capoeira Angola de Porto Alegre”, de autoria de Viviane Malheiro Barbosa, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2017, teve por objetivo registrar e analisar as experiências e singularidades vividas por seis mulheres capoeiristas, com foco analítico no potencial educativo da Capoeira Angola na vida das mesmas. Trata da Capoeira Angola enquanto campo formativo e educacional, interseccionando aspectos dessa prática cultural com questões de gênero e de pertencimento étnico racial. A pesquisa está inserida no campo da história da educação e traz uma abordagem qualitativa amparada pela metodologia da história oral, através do uso da entrevista compreensiva. A escrita destaca como as seis mulheres entrevistadas pensam e vivem a presença feminina no espaço da Capoeira Angola, evidenciando a experiência de cada uma e a compreensão da diferença que se produz no tornar-se mulher praticando e ensinando a arte da Capoeira. Compreende a Capoeira Angola como espaço de múltiplas aprendizagens, tensões e resistências, destacando temas como: tornar-se mulher, reconhecer ancestralidades, ética, equidade nas relações étnico-raciais e de gênero, vínculos com a religiosidade e solidariedade (BARBOSA, 2017).

A dissertação de mestrado intitulada “N’outras corpos Desconstruções e múltiplas possibilidades corporais na capoeira angola do grupo Nzinga”, de autoria de Verónica Daniela Navarro, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia, em 2018, toma como tema as corporeidades da Capoeira Angola dentro do Grupo Nzinga, na cidade de Salvador, fundamentadas nas culturas bantas e nos feminismos latino-americanos, como possibilidade de construção-desconstrução dos corpos. A autora adentra nas corporeidades afro-americanas, realizando uma leitura do que são esses corpos dentro da roda da Capoeira, como outras lógicas possíveis de pensar outros corpos latino-americanos. Trata das questões do feminismo dentro do espaço da roda do Nzinga: mulheres do grupo, corporeidades dentro desse espaço, defendendo a multiplicidade de formas de ser e estar sendo mulher, e, sobretudo, de ser e estar sendo no mundo (NAVARRO, 2018).

Com a busca na base de dados do repositório institucional da UFSCar, no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de Práticas Sociais e Processos Educativos com o descritor “Gênero”, foram encontradas três teses e duas dissertações apresentadas entre os anos de 2010 e 2018.

Quadro 3: Levantamento de dissertações e teses na base de dados do repositório institucional da UFSCar, no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de Práticas Sociais e Processos Educativos com o descritor “Gênero”, entre 2010 e 2018.

Ano	Autores/as	Título	Base de Dados
2012	TEIXEIRA	Saberes e práticas populares de saúde: os processos educativos de mulheres camponesas	Repositório UFSCar
2012	SOUSA	A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição	Repositório UFSCar
2014	ROSA	Mulheres negras e seus cabelos: um estudo sobre questões estéticas e identitárias	Repositório UFSCar
2014	AMARAL	Mulheres da reforma agrária na educação: os significados em ser pedagoga da terra	Repositório UFSCar
2015	DUARTE	Relações educativas no brincar na educação infantil e no ensino fundamental: construção de identidades e autonomia em crianças	Repositório UFSCar

A dissertação de mestrado intitulada “Saberes e práticas populares de saúde: os processos educativos de mulheres camponesas”, de autoria de Iraí Maria de Campos Teixeira, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de Práticas Sociais e Processos Educativos da UFSCar, em 2012, teve por objetivo conhecer a compreensão atribuída por mulheres camponesas à saúde e identificou as práticas sociais de cuidado com a saúde, bem como os processos educativos por elas desencadeados, inseriu-se no contexto da luta pela terra de mulheres camponesas assentadas, que também foi objeto de estudo teórico-conceitual desta pesquisa. Os dados apontaram como práticas de cuidado à saúde a assistência multiprofissional oferecida pelos serviços de saúde, a produção e a utilização de remédios caseiros, o companheirismo, o diálogo, a escuta ativa e as mobilizações sociais. Foram percebidos aspectos do trabalho que foram relacionados à saúde no campo, além de terem sido mencionados aspectos de opressão nas relações de gênero que influenciam na saúde das camponesas. Processos educativos também foram presentes na formação para o trabalho no campo de homens e mulheres que se preparam, entre outras coisas, para a divisão sexual desse trabalho (TEIXEIRA, 2012).

A tese de doutorado intitulada “A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição”, de autoria de Fabiana Rodrigues de Sousa, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de Práticas Sociais e Processos Educativos da UFSCar, em 2012, teve como objetivo compreender como prostitutas se educam na prática da prostituição. A proposição dessa investigação foi elaborada com intuito de transformar

ausências em presenças, isto é, procurou desvelar as experiências desse grupo social que, historicamente, tem sido forçado à invisibilidade pela ordem hegemônica. A análise da pesquisa, bem como todo o processo, partiu do diálogo e convivência com as prostitutas e desvelou que, por meio da disponibilidade, da desconfiança e da resistência, essas mulheres desenvolvem distintos processos educativos, tais como enfrentar as adversidades, tecer vínculos de colaboração e solidariedade, lidar com a diversidade e se despir de convenções de gênero (SOUSA, 2012).

A dissertação de mestrado intitulada “Mulheres negras e seus cabelos: um estudo sobre questões estéticas e identitárias”, de autoria de Camila Simões Rosa, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de Práticas Sociais e Processos Educativos da UFSCar, em 2014, teve como objetivo identificar o processo de construção identitária em mulheres negras a partir da relação que estabelecem com seus cabelos e que se fundamenta e se justifica em discriminações relacionadas às questões de gênero, principalmente étnico-raciais, quando foram analisadas como construções sociais causaram prejuízos e conflitos na edificação das identidades das mulheres negras. Foi constatado que para além do conflito que enfrentam por conta da negação de suas estéticas, estas mulheres aprendem e utilizam estratégias para superar e lidar com brincadeiras racistas, o mito da democracia racial, a hipersexualização de seus corpos e os estereótipos negativos associados à negritude (ROSA, 2014).

A tese de doutorado intitulada “Mulheres da reforma agrária na educação: os significados em ser pedagoga da terra”, de autoria de Débora Monteiro do Amaral, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de Práticas Sociais e Processos Educativos da UFSCar, em 2014, investigou a atuação de pedagogas da terra formadas no primeiro curso de Pedagogia da Terra do estado de São Paulo. Foi feita a discussão da Educação do Campo e do processo de luta dos movimentos sociais para garantir a educação nos assentamentos rurais e que ocorra com qualidade e respeito a esta cultura. Os resultados apontaram alguns processos educativos, como a conscientização destas mulheres, que passaram a compreender suas histórias de vida ao terem a oportunidade de aprofundar seus estudos em relação ao contexto agrário e da educação do campo, permitiu com isso que elas tivessem outros instrumentos para transformar a realidade em que vivem. Também, através da reflexão entre a teoria e a prática, puderam melhorar sua atuação enquanto educadoras, tendo uma postura mais crítica nos espaços onde estão atuando (AMARAL, 2014).

A dissertação de mestrado intitulada “Relações educativas no brincar na educação infantil e no ensino fundamental: construção de identidades e autonomia em crianças”, de autoria de Camila Tanure Duarte, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de Práticas Sociais e Processos Educativos da UFSCar, em 2015, focalizou as relações criança-criança e criança-professora nas brincadeiras realizadas em uma turma de Educação Infantil e outra do primeiro ano do Ensino Fundamental. A análise dos dados revelou que nas relações criança-criança nas brincadeiras, elas interpretaram papéis e compartilharam conhecimentos sobre os gêneros

feminino e masculino ao construírem suas identidades. Também apontou que nas relações criança-criança as mesmas organizaram-se, criaram regras, escolheram brincadeiras, brinquedos, parceiros/as e governaram suas próprias brincadeiras (DUARTE, 2015).

As pesquisas e artigos apresentados neste item corroboram com a construção de nosso referencial teórico, trazendo contribuições a partir de conceitos como Capoeira, discussões sobre gênero, mulheres e resistência, que serão discutidos nos próximos capítulos. Conceitos que estão relacionados com esta pesquisa de Mestrado, podendo contribuir ainda para o fortalecimento de nossa argumentação. Sendo assim, ao tomar contato com estes trabalhos por meio desta revisão, estamos situando nosso estudo a partir do fortalecimento da argumentação e do referencial teórico, para que assim possamos justificar a pertinência e relevância acadêmica e social desta pesquisa.

Este estudo pode contribuir para o desenvolvimento das pesquisas na área da Educação envolvendo a educação das relações étnico-raciais e a educação para as relações de gênero mais igualitárias, uma vez que propõe que tanto aqueles/as que reconhecem sofrer preconceito, racismo, machismo e sexismo diariamente, quanto aqueles/as que negam suas existências sejam ouvidos sobre suas impressões e experiências, levando-os/as a refletir sobre sua posição e ação no mundo, numa ação pautada no diálogo, na compreensão e no respeito às diferenças.

1.4 Questão e Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa foi descrever e compreender os processos educativos desencadeados na Capoeira praticada por mulheres, entendendo tais processos a partir de aspectos históricos de luta de mulheres por espaço e reconhecimento neste campo. Os objetivos específicos foram: conhecer a trajetória dessas mulheres na prática da Capoeira e compreender a escolha e permanência dessas mulheres na mesma.

Para tanto, o estudo foi orientado pela seguinte questão de pesquisa: o que e como ensinam e aprendem mulheres na prática da Capoeira?

1.5 Estrutura do Texto

No próximo capítulo, iremos continuar a apresentação das bases teóricas desta dissertação, levando em consideração o que já foi apresentado anteriormente, buscando trazer para a discussão aspectos históricos, sociais e ideológicos da Capoeira, bem como apresentar as relações que são construídas na e a partir dela.

No segundo capítulo trazemos discussões sobre práticas sociais e processos educativos, a partir da prática social da Capoeira.

No terceiro capítulo, trazemos aspectos históricos e de luta das mulheres no âmbito da Capoeira, salientando como se deu esse reconhecimento para que hoje elas ocupem esse espaço.

No quarto capítulo, apresentamos a trajetória metodológica desta pesquisa, as bases que a compõem, especificando o contexto da pesquisa, os passos e etapas bem como os procedimentos metodológicos adotados na coleta de dados. Apresentamos, ainda neste item, os procedimentos de análise dos dados.

No quinto capítulo, apresentamos a construção da análise dos dados, que foi realizada a partir dos referenciais teóricos e metodológicos que são os pilares deste estudo. Os dados serão apresentados a partir de três categorias que emergiram da análise: Família e Capoeira; Como me sinto sendo mulher na Capoeira; Capoeira que transforma.

Por último, no sexto capítulo serão apresentadas as considerações finais que construímos com a realização deste estudo.

1. A CAPOEIRA

*“A capoeira na briga/ é a roda da vida/
É a festa do povo/ é revolta contida/ Mas
é o brotar do novo/ é esperança florida/
Capoeira é história/ é povo é dor/ Mais
que nunca vitória/ Mistério amor/ É a
fonte infinita/ de um povo que canta/ Sua
história que vive/ dando a volta por
cima/ É a volta do mundo/ é a força
unida/ Capoeira é história/ é povo é dor/
Mais que nunca vitória/ mistério amor”.*
(Tânia Leal e Anande das Areias)

1.1 Dos caminhos do continente Africano até aqui

Ao se observar a Capoeira como uma prática desenvolvida na e pela diáspora africana, se pode perceber a sua relevância histórica e política na formação da sociedade brasileira, como uma criação cultural popular dos povos escravizados. Como uma das expressões estéticas diaspóricas, ela possibilita o entendimento dos acontecimentos políticos que atravessam a experiência dos próprios praticantes.

A cultura afro-brasileira sempre foi colocada numa posição de inferioridade pelas outras culturas eurocêntricas. A população negra fortemente dominada pela comunidade europeia no século XVI, foi escravizada, pois a ideia disseminada pelo eurocentrismo da época era que ela era inferior. Negros e negras capturados e sequestrados vindos da África vieram para o Brasil dentro de navios negreiros, passavam dias dentro desses navios, com comida e água extremamente racionados. Muitos morriam antes de chegar ao destino. As pessoas que conseguiam chegar ao Brasil eram escravizadas e quando elas reagiam eram açoitadas e muitas delas morriam assassinadas pelos senhores de engenho ou pelos capatazes (AREIAS, 1998).

A escravização não começou com o tráfico de negros/as africanos/as para o Brasil, pois esta prática já existia antes disso. De acordo com Munanga e Gomes (2016):

A palavra escravidão não foi inventada a partir da deportação dos africanos e de sua escravização em outros continentes. Trata-se de uma prática antiga na história da humanidade. Textos bíblicos e escrituras santas falam da escravidão dos israelitas no Egito antigo, onde trabalhavam nos rebanhos dos faraós. Tem-se eco do trabalho escravo nas literaturas sobre antigas civilizações egípcia, grega e romana. Alguns dos monumentos gigantescos, cujos vestígios e ruínas resistem até hoje nessas civilizações, foram construídos em parte com o trabalho escravo (p. 24).

Antes dos povos africanos houve a subjugação dos povos indígenas ao trabalho, o que foi a primeira tentativa de escravização em nosso país. A escravidão era necessária no contexto de exploração que foi criado pelos colonizadores, pois eles precisavam de mão de obra para extrair as

riquezas do continente americano, após invasão:

Para conseguir a mão de obra necessária, os colonizadores recorreram a um procedimento chamado escravidão, destituindo populações indígenas de todos os seus direitos sobre a terra de seus ancestrais e de seus direitos humanos, transformando-os em força animal de trabalho [...] A resistência dos povos indígenas ao processo de escravização teve duas consequências notáveis: a sua massiva extermínio e a busca dos africanos que aqui foram deportados para cumprir o que os índios não puderam fazer. Assim, abriu-se caminho ao tráfico negreiro que trouxe ao Brasil milhões de africanos que aqui foram escravizados para fornecer a força de trabalho necessária ao desenvolvimento da colônia (MUNANGA; GOMES, 2016, p.16).

Os povos africanos vieram para o Brasil forçadamente na época da escravidão, de diferentes regiões. Da África ocidental, os povos sudaneses e iorubás (nagôs, ketus, agbás); gegês (ewês, fons); fanti-ashanti (minas); e os povos islamizados como os mandingas, haussas e peuls. Da África Central vieram os povos bantos: congos, angolas, benguelas, cabindas e loangos, e da parte oriental da África foram trazidos os moçambiques (SILVÉRIO, 2013, p. 13).

Sem conhecerem a nova terra, trabalhavam obrigados/as o dia todo, longe de suas famílias e seus costumes, sem falarem a mesma língua, pois eram divididos em grupos de idiomas diferentes para dificultar a comunicação e a organização, mas mesmo assim nunca deixaram de tentar ter uma vida digna e lutar para consegui-la. Reagiam de várias formas, desde a fuga até o assassinato do seu opressor, pois eles nunca aceitaram passivamente a escravidão, o que lhes faltava eram condições favoráveis para a luta em massa. O povo negro não possuía armas para lutar, mas tinham seus corpos, movidos pela preservação da vida, acabaram descobrindo em seus corpos a essência da sua arma. Eles treinavam seus movimentos nas chamadas “capoeiras”, espaços abertos no meio da mata. Usavam movimentos de animais em seus treinos e assim se defendiam dos capitães do mato. Era preciso a defesa, frente aos chamados capitães do mato, serviços das fazendas ou feitorias, encarregados da captura de escravizados que fugiam (AREIAS, 1998).

Silva (2009) traz que nas comunidades tradicionais africanas a ancestralidade mantém vivas as tradições e os rituais, o que faz com que as pessoas se fortaleçam, através da oralidade, possibilitando, assim, que essas comunidades possam estar sempre conectadas com seus antepassados.

A grande dúvida de muitas pessoas é se a Capoeira veio do continente Africano ou nasceu no Brasil. Por falta de documentos, não há confirmação definida, mas podemos identificar que não há nada similar a esta prática na África (AREIAS, 1998).

Para Sodré (2002), Abib (2005) e Acuña (2016), o importante não é o começo, a data histórica, mas é o princípio, questões que a geraram e que a mantém em expansão até hoje. Consideram que a Capoeira é uma criação de africanos em solo brasileiro a partir de danças rituais como o N’Golo, por exemplo, proveniente do sul de Angola, que consiste em um ritual de passagem

da puberdade para vida adulta, uma “dança das zebras”, onde os jovens combatem com as pernas, simulando coices, com o objetivo de acertar o rosto do adversário. No caso da Capoeira, a historicidade, o começo de tudo é brasileiro, mas o princípio, tanto o fundamento, quanto o mito é africano.

Para Rego (1968):

No caso da capoeira, tudo leva a crer que seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e sobretudo no convívio e diálogo constante com capoeiras atuais e antigos que ainda vivem na Bahia (p.31).

Há muitas dúvidas em relação a como a Capoeira surgiu, a escravização, a cultura desse povo, pois Ruy Barbosa, que foi nomeado em 1889 Ministro da Fazenda do Brasil da primeira república, queimou documentos referentes a essa época em nosso país, dizendo que essa parte da nossa história era uma vergonha para todos nós e deveria ser apagada (AREIAS, 1998). Dados históricos sobre o período da escravização são escassos e ainda carecem de pesquisas e estudos, consequência das políticas conservadoras do Estado brasileiro.

Mas nem tudo foi perdido e esquecido, as ligações entre os antepassados estão em forma de provérbios e histórias transmitidos oralmente, como aponta Silva (2009):

Os provérbios e as histórias, transmitidos oralmente, guardam a filosofia, a história de um povo, de suas raízes culturais. Observando a natureza, o ambiente onde se vive as relações entre pessoas, vai-se construindo conceitos, atitudes diante da vida das pessoas. Assim se formulam provérbios que, como as histórias, permitem a quem os ouve estabelecer relações entre fatos, comparar situações, tirar conclusões, formular opiniões, posições, julgamentos (p.45).

A tradição oral é fundamental para compreender os modos próprios de educar e de se educar encontrados juntos à população negra. A tradição oral confere à história do continente africano uma força original e por isso as pessoas mais velhas, mais experientes, são tidas como “museus vivos”, pois nelas se encontram as histórias das produções socioculturais e das lutas dos povos africanos e seus descendentes (SILVA, 2003).

Os/as negros/as escravizados/as utilizavam da dança e da música para mascarar a luta, assim os capitães do mato não podiam identificar aqueles movimentos. A Capoeira era comandada pelo som vibrante, avisando da chegada do feitor e o ritmo da dança. Em suas horas de folga, ou antes, de irem dormir, dançavam, jogavam Capoeira, cantavam seus lamentos, seus momentos de dor, esperavam por dias melhores (AREIAS, 1998).

Em 1888, ocorre a abolição da escravatura, com inúmeras pressões internacionais, sendo o Brasil um dos últimos países que mantinham a escravização. Com os negros e negras libertos/as, acontece um grande problema social, como empregar toda aquela gente provinda dos engenhos? Então sem rumo, vagavam no Rio de Janeiro, em Pernambuco e na Bahia, acabam ficando

excluídas. Depois de um ano da libertação dos/as escravizados/as, foi proclamada a República no Brasil, que, a exemplo do regime imperial, continuou a política de perseguição aos negros e negras e, por consequência, também às suas manifestações culturais (AREIAS, 1998).

Mas ficou claro que a libertação dos/as escravizados/as não foi algo simples e fácil, uma vez que a coroa portuguesa sofria forte pressão da Inglaterra, pelo interesse desta de criar no Brasil um mercado consumidor. Ainda havia, de outro lado, inúmeros movimentos abolicionistas e agrupamentos de escravizados/as, simultaneamente em todo o país, o que amedrontava o governo e a sociedade da época (AMARAL, 2015).

Neste sentido, o decreto nº 487 do Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, de 11 de outubro de 1890, estabelecia no capítulo XIII, que tratava dos "Vadios e Capoeiras":

Art.402 - Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem, andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor ou algum mal: Pena de prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo Único - É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro.

Art.403 - No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena de um a três anos, a colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presídios militares existentes.

Art.404 - Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas combinadas para tais crimes (citado por REGO, 1968).

Segundo Pires (1996) os artigos 402, 403 e 404, que criminalizavam a prática da Capoeira, motivaram um número considerável de crimes na cidade do Rio de Janeiro:

A partir desses artigos a capoeira foi cerceada e punida, mesmo que sob a forma de simples demonstração pública. No entanto, essa periodização não é rígida e se estabelece orientada pela documentação principal que são os processos crime referentes aos presos por capoeira. Esse tipo de fonte sustenta os principais argumentos da tese sendo acompanhada por fontes de outra natureza (p. 3).

O governo naquela época associava a Capoeira a grupos organizados, que praticavam crimes, assaltos e eram denominados de "malta". O governo praticou uma repressão na tentativa de eliminar tal prática durante mais de quarenta anos. Em Outubro de 1930 instala-se, em caráter provisório, o Governo Getúlio Vargas. Este assume o poder encontrando o país em situação difícil de governar e busca o apoio das massas populares. Assim, em 1934, legaliza o voto feminino, do analfabeto e do soldado, além de extinguir a proibição de cultos afro-brasileiros e da prática da Capoeira (AREIAS, 1998).

Vargas objetivava a integração e homogeneidade do país e atendeu algumas reivindicações dos/as trabalhadores/as, liberando uma série de manifestações populares, entre elas a Capoeira,

restringindo-a, no entanto, a recintos fechados, criando uma forma de controle sobre a mesma (LIMA, 1990).

Vemos que a vida do povo negro não foi fácil, mesmo com a abolição, continuou perseguido, e colocado como inferior até os dias de hoje. Mas, se por um lado, o corpo negro foi seu maior patrimônio, seu meio de expressão, manutenção e reconstrução cultural, por outro, é ainda hoje o fator determinante do preconceito e do racismo.

O ocultamento da diversidade no Brasil vem reproduzindo, tem cultivado, entre índios, negros, empobrecidos, o sentimento de não pertencer à sociedade. Visão distorcida das relações étnico-raciais vem fomentando a idéia, de que vivemos harmoniosamente integrados, numa sociedade que não vê as diferenças. Considera-se democrático ignorar o outro na sua diferença (SILVA, 2007, p. 498).

A ideia da negritude e o peso que existe a ela só surgem para o povo negro no momento em que o branco assim o denomina: De um dia para o outro, os/as negros/as tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência, de um lado seus costumes e instâncias de referência que foram abolidos porque estavam em contradição com um outro lado, uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta (FANON, 2008).

Percebemos como são fortes as ligações dos povos africanos e da diáspora com os seus antepassados por meio da oralidade com a cultura e visão de mundo. Assim sendo, manter a ligação com nossos/as antepassados/as é fundamental para saber quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Construir nossa identidade, preservar nossa cultura, tradições e rituais, nos fortalecendo enquanto comunidade, passando para futuras gerações. A preservação e valorização dos antepassados se faz ainda muito presente dentro dos grupos de Capoeira, que através da oralidade mantêm suas tradições e sua história ancestral. Mas essa ligação deve ser vista de forma intersubjetiva, transcendendo as barreiras tradicionais de cultura. Para Castiano (2015):

[...] as “raízes” culturais só servem como tal, somente e só na medida em que constituem o veículo das águas profundas para tornarem o tronco da árvore mais frondoso, as folhas mais verdes e as flores poderem dar frutos. Doutra forma não se justifica o “regresso” às raízes da tradição e à cultura, regresso este que é alegado, muitas vezes, por posições tradicionalistas de africanos pouco atentas na armadilha em que se metem. O conceito de cultura deve, assim, ser dê-tradicionalizado [...] (CASTIANO, 2015, p. 60).

A Capoeira traz muito da cultura africana através dos ensinamentos dos/as Mestres aos seus discípulos como nos rituais e nas tradições, nas conversas, cantos, danças, músicas, gestualidade, características do modo de vida dos povos africanos que se preservaram no decorrer do tempo no meio da capoeiragem, apesar de toda a repressão sofrida e a incorporação de elementos de outras culturas, necessárias para a continuidade de sua existência.

Segundo Abib (2005):

A Capoeira, ao buscar constantemente os vínculos com essa ancestralidade africana, e também com a ancestralidade que tem como referência os tempos da escravidão no Brasil, e, posteriormente, os tempos remotos da capoeira de rua, das desordens e vadiagens, busca estabelecer o elo entre o seu passado ancestral, o seu presente constituído e o seu futuro enquanto possibilidade concreta de afirmação social, cultural e política (p.188).

Nos últimos anos, a população afro-brasileira tem conseguido alguns avanços no que diz respeito às diversas políticas de ações afirmativas em discussão no país. Com essas características, a luta do movimento negro alavancou a criação da lei nº 10.639/2003, a qual torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica (BRASIL, 2004), e uma das propostas da política de ações afirmativas, é referente à reserva de vagas nas universidades para os/as afro-brasileiros/as. Ambas conquistas têm proporcionado relevantes debates e diálogos com a sociedade brasileira. Entretanto, estas propostas podem ser consideradas recentes, se levarmos em conta a trajetória das tradições culturais negras que há décadas vêm tentando desenvolver atividades de ações afirmativas no Brasil (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Essa lei de 2003 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino da "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana". Essa decisão mostra a contribuição do povo negro na construção e na formação da sociedade brasileira e propõe que se tragam aos estudantes do ensino básico os conhecimentos acerca das relações étnico-raciais e das histórias afro-brasileira e africana (BRASIL, 2004).

Ações afirmativas são políticas públicas feitas pelo governo ou pela iniciativa privada com o objetivo de corrigir desigualdades raciais presentes na sociedade, acumuladas ao longo de anos, uma ação afirmativa busca oferecer equidade de oportunidades a todos e todas. Nesse sentido a Lei Nº 12.288, de 20 de julho de 2010 instituiu o Estatuto da Igualdade Racial e altera as Leis nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003.

Nas disposições preliminares o Art. 1º traz:

Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera-se:

I - discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;

II - desigualdade racial: toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica;

III - desigualdade de gênero e raça: assimetria existente no âmbito da sociedade que acentua a distância social entre mulheres negras e os demais segmentos sociais;

- IV - população negra: o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga;
- V - políticas públicas: as ações, iniciativas e programas adotados pelo Estado no cumprimento de suas atribuições institucionais;
- VI - ações afirmativas: os programas e medidas especiais adotados pelo Estado e pela iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais e para a promoção da igualdade de oportunidades (BRASIL, 2010).

As ações afirmativas no Brasil partem do conceito de equidade expresso na constituição, isto é, oferecer estímulos a todos/as aqueles/as que não tiveram igualdade de oportunidade devido à discriminação e ao racismo. Uma ação afirmativa não deve ser vista como um benefício, ou algo injusto, pelo contrário, a ação afirmativa só se faz necessária quando percebemos um histórico de injustiças e direitos que não foram assegurados.

É preciso dizer que muito se caminhou, e que há iniciativas sendo construídas em todo o país para que essas injustiças sejam corrigidas, para que a cultura negra seja valorizada, para que o racismo seja combatido e nos educarmos na e para as relações étnico-raciais. No entanto, sabemos que é um trabalho árduo e constante e que exige que estejamos atentos às formas de permanência das ideias e práticas preconceituosas em nossa sociedade, a fim de denunciá-las e combatê-las.

1.2 Escorregar não é cair, é o jeito que o corpo dá!

Dentre as mais diversas práticas culturais afro-brasileiras, uma manifestação cultural que, ao longo do tempo, têm proporcionado que a guarda de saberes e a proteção material de diferentes elementos da cultura afro-brasileira seja efetiva: essa prática é a Capoeira (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

A Capoeira é oriunda da junção da experiência sociocultural de africanos/as vindos/as sequestrados/as de seus países e seus descendentes no Brasil. Conta em sua trajetória histórica a força da resistência contra a escravidão e a expressão de diversas identidades étnicas de matriz africana em nosso país (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Foram milhões de homens e mulheres arrancados de suas raízes que morreram nas guerras de captura na própria África, nas longas caminhadas para os litorais de embarque, nas condições de confinamento, falta de comida e higiene nos armazéns humanos construídos nos portos de embarque da carga humana, na travessia, enfim nas condições de trabalho e de vida reservadas a eles nos países de destino que ajudaram a construir e a desenvolver (MUNANGA; GOMES, 2016, p.27).

Surgiu no Brasil, como forma de defesa, disfarçada de dança, e que caracteriza a luta de um povo. Quando surgiu, a Capoeira foi proibida, caçada e perseguida durante muitos anos, retornando então quando Getúlio Vargas assume o governo e aceita a volta da prática Capoeira, porém

restringindo a recintos fechados e com um alvará de instalação, criando uma forma de controle sobre ela (AREIAS, 1998).

Para muitas pessoas, a descriminalização da Capoeira estaria vinculada ao esforço do mestre Bimba em promover a Capoeira como educação física ainda na década de 1930. Mas, além disso, outro fator que teria influenciado a extinção da Capoeira do Código Penal está relacionada a uma apresentação que mestre Bimba fez, também em 1937, na Bahia, para Getúlio Vargas, que na época era presidente do Brasil. No entanto, o que muitos ainda precisam saber é que, no mesmo ano de 1937, ocorreu em Salvador o II Congresso Afro-brasileiro organizado por diversos intelectuais, preocupados com o estudo da cultura negra no Brasil. Nesse congresso, os diferentes representantes de práticas culturais afro-brasileiras foram convidados a se pronunciar, ampliando o diálogo sobre as manifestações de matriz africana (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Neste contexto, liberando para controlar, o governo formaliza o ensino da Capoeira e, em 1937, Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba (1899-1974), funda e recebe o alvará do Centro de Cultura Física Regional, em Salvador – Bahia. Bimba combinou à Capoeira movimentos vindos de outras lutas, tais como o batuque, o jiu-jitsu e o boxe, visando ao mesmo tempo, torná-la mais eficiente para o combate e tirá-la da marginalização social (AREIAS, 1998).

Mestre Bimba (ver figura 1), conhecido pela sua sistematização dos ensinamentos da Capoeira, criou oito sequências de golpes e contragolpes que eram trabalhados em duplas, para a maior fixação dos movimentos. Inaugurou a luta regional baiana, posteriormente denominada de Capoeira Regional (AREIAS, 1998).

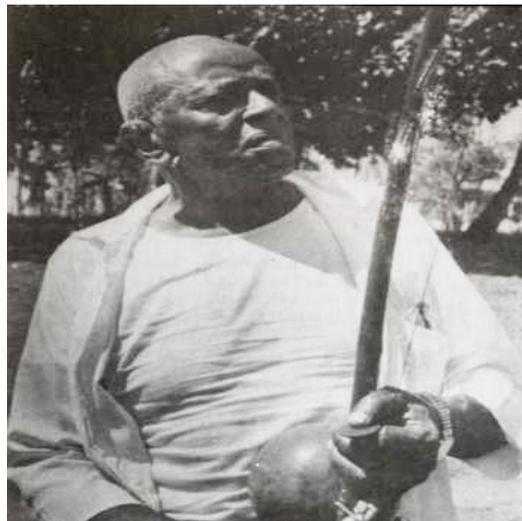


Figura 1: Mestre Bimba (imagem de domínio público)

Com tudo isso, a liberação da Capoeira, o surgimento de Mestre Bimba e da Capoeira Regional, a prática da Capoeira ganha status e projeção, porém perde a sua manifestação popular espontânea. Tal perda acontece, pois o governo utiliza-se da Capoeira para eventos e promoção

turística, tentando destituí-la do seu passado, determinando uma nova ideologia e filosofia para a sua prática (AREIAS, 1998).

Ainda considerando os fatores sócio-políticos-culturais, ao analisar a trajetória e a transformação da Capoeira não podemos perder de vista a influência que apenas “um homem” teve sobre esse processo de transformação presente até hoje, toda a evolução posterior da arte/luta/dança/jogo/esporte tem como ponto de partida o Mestre Bimba (FRIGERIO, 1989).

A Capoeira Regional antes chamada de Luta Regional Baiana, criada por Manoel dos Reis Machado, conhecido como Mestre Bimba, trata-se de uma junção da Capoeira com um tipo de luta livre chamado Batuque (que era muito comum na Bahia no século XIX) e também alguns movimentos de outras artes marciais. Na Capoeira Regional, o capoeirista passou a jogar mais em pé num jogo mais rápido. Mestre Bimba criou o primeiro método didático de ensino que consistia na sequência de Bimba, uma sequência de movimentos específicos, conhecida como as oito sequências de Bimba. Instituiu o uniforme branco e o sistema de graduação, na época da criação eram com lenços coloridos, mais tarde passou a ser através de cordas ou cordões. A bateria é constituída por um berimbau e dois pandeiros, já os toques são constituídos por sete, são eles: iuna, cavalaria, Amazonas, Santa Maria, Benguela, Idalina e São Bento Grande de Bimba. Já as músicas são, na maioria, quadras e corridos, as quadras são pequenas ladainhas com versos compostos de 4 a 6 linhas, já os corridos são cantigas com frases curtas que são repetidas pelo coro (AREIAS, 1998).

Já em contraposição à chamada Capoeira Regional, Vicente Ferreira Pastinha (ver figura 2), o Mestre Pastinha (1889-1981), funda, em 1941, o Centro Esportivo de Capoeira Angola. Que tinha como ideal preservar o que julgava ser a verdadeira Capoeira, antiga, que era praticada na época da escravização, baseada na tradição africana, com ritualidade, ludicidade, teatralidade e musicalidade (GONÇALVES JUNIOR, 2009).



Figura 2: Mestre Pastinha (imagem de domínio público)

A Capoeira Angola representa a conjugação de diferentes manifestações culturais que incluem a dança, a música, a dramatização, a brincadeira, o jogo e a espiritualidade. No espaço da roda há uma dramatização de luta que transforma possíveis golpes poderosos em gestos contidos no momento do toque no adversário. A bateria da Capoeira Angola é constituída de três berimbaus, o Gunga (de som mais grave, que faz a marcação do toque e rege a roda de Capoeira), o Médio (cabaça de tamanho médio) e o Viola (de som mais agudo), dois pandeiros, um atabaque, um agogô e um reco-reco. O canto na Capoeira Angola começa a partir de uma ladainha, que é uma espécie de lamento, contando uma história, depois uma louvação e um corrido. Essa escola de Capoeira não teve um criador, mas quando falamos de Capoeira Angola sempre é atribuído a ela um nome, conhecido como Mestre Pastinha que foi um grande defensor da Capoeira Angola (REGO, 1968).

Aliada ao processo posterior de institucionalização por parte dos mestres Bimba e Pastinha, a Capoeira foi nacionalizada a partir da Bahia desde a década de 1930. Sendo praticada e difundida legalmente, além de passar por um processo de desmarginalização crescente, com elementos presentes em outras esferas sociais, como a música, a literatura e a educação física (BATALHA, 2018).

Visto as diferenças entre a Capoeira Regional, de mestre Bimba, e a Angola com mestre Pastinha, suas particularidades, seus costumes, observações sobre o desenvolvimento da Capoeira, e a composição da bateria, nos dão uma amostra de como as divergências nas diferentes Capoeiras, mesmo com a preocupação compartilhada em retirar a Capoeira das ruas e, por isso, tornarem-se agentes no âmbito de institucionalização, criam algumas disputas, bem como suas construções estéticas permeiam discursos que até hoje são vigentes tanto nas músicas quanto no posicionamento de vários mestres, mestras e praticantes atuais (BATALHA, 2018).

Foi nesse contexto que começaram haver as desavenças entre a Capoeira Angola e a Capoeira Regional, praticantes de uma criticando praticantes da outra. Os partidários da Capoeira Regional, diziam que a Capoeira Angola era muito fraca, que estava ultrapassada e que era brincadeira de desocupados. Já os defensores de Capoeira Angola diziam que a Capoeira Regional não era autêntica e que Mestre Bimba tinha destruído a Capoeira misturando-a com outras lutas, perdendo assim o ritual da capoeiragem (AREIAS, 1988).

Assim, a Capoeira baiana é a responsável por formar a prática como o campo de disputas, convergências e divergências entre as lideranças. Sua constituição ritual, berimbau e roda, mediando as expressões corporais dos praticantes, é a maneira que a Capoeira se torna cultura popular e é praticada até os dias atuais (BATALHA, 2018).

Durante muito tempo, a diferença entre a Capoeira Regional e a Capoeira Angola foi predominante no ambiente da capoeiragem do século XX, no entanto, já existe um movimento dos descontentes com essa divisão da Capoeira em duas vertentes, portanto, há os que defendem a ideia de uma terceira escola de Capoeira. E assim surge a Capoeira intitulada de Contemporânea. A

Capoeira é, na verdade, uma constante reinvenção, está em contínua construção e isso significa que em cada momento histórico a prática da Capoeira possui significados e características próprias (ASSUNÇÃO; VIEIRA, 1999).

A Capoeira Contemporânea, que basicamente mistura os estilos Angola e Regional. Com um jogo objetivo e rápido (características da Capoeira regional) e ao mesmo tempo equilibrado, floreado e malicioso (características da Capoeira Angola), mais acrobático, este estilo misto é visto por alguns como a evolução da Capoeira, por outros como descaracterização das tradições capoeirísticas. Falar de Capoeira Contemporânea, no entanto, não esclarece muito de que Capoeira se trata, dado que há muitas formas distintas na atualidade, a começar pela Angola e Regional contemporâneas. Em outras palavras a transformação da Capoeira vai além da clássica oposição Angola-Regional, e das distinções das escolas de Capoeira, dependendo dos aspectos enfatizados: luta, tradição, cultura, brincadeira ou dança (ASSUNÇÃO, VIEIRA, 1999).

Depois de anos, a Capoeira foi reconhecida como desporto e há uma formação para isso, com algum tempo de dedicação para conseguir um cordão. Hoje há competições e um dos focos é no rendimento esportivo, priorizando os gestos técnicos dos golpes, das defesas e contragolpes, em detrimento do aspecto histórico-cultural.

A Capoeira, uma das mais antigas culturas afro-brasileiras de resistência, e que resiste até hoje, consegue preservar sua força pelo modo de transmissão às novas gerações, e que permite uma expansão desta cultura ancestral, tendo à frente inúmeros mestres e mestras com suas escolas, grupos e academias espalhados por todo o país, que se expandiram para todos os continentes, alcançando hoje mais de 150 países (AMARAL, 2015).

Podemos perceber que a Capoeira só conseguiu ser transmitida e ensinada até os dias de hoje, por conta dos/as mestres de Capoeira, pois, naquele tempo, a Capoeira se aprendia “de oitiva”, ou seja, um método que se constitui a partir da transmissão de ensinamentos através da oralidade, baseada na experiência e na observação (ABIB, 2006).

Essa figura do mestre de Capoeira é fundamental no seio de uma cultura na qual a transmissão do saber passa pela via da oralidade e, por isso, é preservada e oferecida às novas gerações. O/a mestre é aquele/a que é reconhecido/a por sua comunidade, onde vive e com quem se relaciona, pois ele/a é o detentor/a de um saber que encarna as lutas e sofrimentos, alegrias e celebrações, derrotas e vitórias, das gerações passadas, e tem a missão quase religiosa de disponibilizar esse saber àqueles/as que a ele/a recorrem (ABIB, 2006).

É necessário buscar compreender a Capoeira enquanto linguagem e manifestação cultural dentro da área da educação, pensando num processo educativo, e respeitando seu caráter histórico-cultural, a Capoeira enquanto meio e fim educacional, significativo para o povo afro-brasileiro e brasileiro como um todo.

Cabe então a nós, entendermos e valorizarmos os elementos que caracterizaram e contribuíram para a formação da Capoeira como um símbolo da identidade brasileira e a sua justificação pelo registro pelo governo brasileiro como patrimônio nacional (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

2. A PRÁTICA SOCIAL DA CAPOEIRA

Capoeira é pra homem, menino e mulher!
(Mestre Cobra Mansa)

As heranças, as memórias e as tradições estão em toda a diáspora, e nesse sentido a Capoeira se insere no contexto diaspórico da América Latina, esta explorada, dominada, oprimida e que luta por sua libertação. Para essa libertação há uma rede de solidariedade, de coletividade que visa a sobrevivência da comunidade, correspondendo ao princípio africano Ubuntu, que significa “eu sou, porque nós somos” (REGO, 1968). Acrescenta Tutu (2012) que na perspectiva africana “Existo porque pertencço”, pois preciso de outros seres humanos para ser. Somos criados para uma rede de relacionamentos, relações de interdependência com os nossos companheiros e companheiras em contexto do mundo-vida.

É necessário lutar contra a dominação eurocêntrica, e essa luta exige vontade e disposição para reconhecer as realidades em que vivemos e nos constituem. Reconhecer, respeitar e valorizar as diferentes raízes históricas e culturais da nossa região, do nosso continente é atitude essencial para a construção de política para libertar a América Latina das opressões que até hoje são sofridas (OLIVEIRA, 2014b).

A educação libertadora se faz a partir do povo e com o povo, é a cultura popular. Ela ganha seu sentido originário de busca do pleno reconhecimento ativo do ser humano, pelo ser humano. Reconhecimento é o outro nome do amor, e o poder, o outro nome da liberdade (FIORI, 1991).

Bosi (1992) traz que cultura popular é diretamente ligada ao povo, criada pelo povo, grupos marginalizados, mulheres e homens empobrecidos/as. A cultura popular está inteiramente ligada a um modo de vida, emerge de um cotidiano simbólico, físico e imaginário de homens e mulheres, vai desde a maneira de se vestir até a forma de plantar e colher, lidar com a terra.

Nesse sentido, Dussel (1997a) chama de cultura popular, aquela que resiste, mesmo que não tão facilmente, a todo tipo de propagandas e tudo o mais que tenta desvalorizar a criação popular humana. Dussel conceitua: “Cultura popular é o fruto do compromisso e da história do povo”. (DUSSEL, 1997a, p.147).

Fiori (2014) diz que cultura se diversifica e se determina pela forma particular de vida de um grupo de pessoas, na qual se reconstitui a forma de viver e a construção histórica desse determinado grupo. Assim, esse determinado grupo deve ser o sujeito de seu próprio processo histórico-cultural, então a ele cabe o risco e a responsabilidade da sua forma particular de vida. Isto quer dizer que a pessoa participante desta cultura tem o direito de autovalorizar-se, segundo seus próprios valores. O processo de constituição do ser humano pela cultura exige autonomia, pois cultura sem autonomia é anti-cultura.

Dussel (1982, p.277) afirma que a cultura popular está longe de ser uma cultura menor, “é o centro mais incontaminado e irradiativo da resistência do oprimido contra o opressor”, ou seja, é a forma de manter vivas as tradições, fonte de vida, criação do povo, resistência e luta.

Dessa maneira a cultura se diversifica, particulariza e se transforma, apresentando características notáveis, que simbolizam um jeito de viver, de encarar as diversidades e as transformações socioculturais.

Faz-se então necessário conhecer e reconhecer estratégias próprias da cultura popular no contexto latino-americano, observando-a como um modo de ser e estar no mundo na perspectiva do povo, que são criadores e protagonistas dessa cultura e, no contexto desta dissertação, da Capoeira, entendida enquanto manifestação de matriz africana engendrada na esfera da cultura popular.

Este estudo parte da compreensão de que, ao longo de toda a vida, nas mais diversas práticas sociais e em todos os espaços, e não apenas no espaço escolar, estamos vivenciando processos educativos, nos relacionando uns/mas com os/as outros/as e com o mundo. Compreendemos, segundo Oliveira et al. (2014) que:

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social, cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas.

Desta forma, o educar e educar-se na roda de Capoeira implica em manter vivas as tradições ancestrais, resistir a tudo aquilo que de uma forma ou de outra pode levar ao esquecimento de suas raízes africanas. Freire (2005) diz que homens e mulheres educam-se uns aos outros em comunhão, ou seja, homens e mulheres são sujeitos de seu próprio processo educativo, por isso, diz o autor, educam-se, é a vocação ontológica, a busca do *ser mais*. Homens e mulheres educam-se entre si, uns aos outros, compartilhando suas ideias, em diálogo, mediatizados pelo mundo.

O jogo de Capoeira é uma documentação cultural e histórica expressada pelos movimentos e gestos corporais, e nesse sentido o corpo tem um papel marcante nos processos educativos da Capoeira, transmitindo conhecimento através do jogo, da música e da movimentação. Ele é a memória viva, possuindo sabedoria cultural e tendo a ancestralidade, um dispositivo de identidade e linguagem.

Merleau-Ponty (1996) diz que o corpo é o veículo do ser ao mundo, é o instrumento pelo qual percebemos o mundo. Ao viver com outrem ao mundo, percebemos diferentes formas de ser que são diferentes das nossas, pois vivenciamos o mundo a partir de nossas referências e experiências, que nos constituem como ser-ao-mundo. De acordo com o autor “[...] é preciso que o mundo esteja, em torno de nós, não como um sistema de objetos dos quais fazemos a síntese, mas como um conjunto aberto de coisas em direção às quais nos projetamos” (p. 518). A Capoeira é ua

das formas que através do jogo, pela música e pela movimentação percebemos o mundo, nos comunicamos com ele e construímos relações com ele.

[...] é sendo sem restrições nem reservas aquilo que sou presentemente que tenho oportunidade de progredir, é vivendo meu tempo que posso compreender os outros tempos, é me entranhando no presente e no mundo, assumindo resolutamente aquilo que sou por acaso, querendo aquilo que quero, fazendo aquilo que faço que posso ir além (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 611).

Ressaltamos o corpo-próprio, pois desde ele foi possível a transmissão de conhecimento, a troca de saberes, superando as dificuldades enfrentadas por meio da verbalização, devido as diferentes línguas de matriz africana dos/as escravizados/as no Brasil. A Capoeira mantém a característica do canto, da música e do toque para a criação, transmissão e transformação do conhecimento.

Dessa forma, Brandão (2002, p.73) leva a reflexão sobre educação e a troca de saberes:

O saber é o que nós somos. Somos o saber que criamos e somos a experiência de partilharmos saber e cada movimento de nossas vidas. De uma múltipla maneira, sempre frágil, inacabada, imperfeita, aperfeiçoável, irreversível, crescente e a cada momento possível de ser mais integrada e mais complexa, saber criar saberes, partilhar saberes e aprender a saber é o que nos torna o que somos: seres humanos. (BRANDÃO, 2002, p. 73).

Essas reflexões nos permitem compreender, dentro da prática social na qual nos inserimos, nesse caso, a Capoeira, que devemos estar dispostas/os ao diálogo e às trocas de conhecimento. Devemos nos expor às experiências que vivenciaremos ali, buscando a compreensão daquela prática social. Para isso, devemos estar atentas/os para a questão de que nosso saber acadêmico não é o melhor e tampouco o único saber que deve ser seguido e valorizado. É importante considerar e respeitar o saber de experiência das participantes de nossa pesquisa, aprendendo e interagindo de forma a experimentar a convivência e as relações que são estabelecidas.

A valorização e reconhecimento das diferentes maneiras de aprender e ensinar, que considere o saber de experiência e respeite as histórias de vida de mulheres e homens ainda não faz parte do ideal das forças que pensam os modelos de educação vigentes (FREIRE, 1989).

O saber de experiência é único, bem como a experiência também é única e singular, e esse saber de experiência deve ser respeitado e reconhecido, já que nos propomos a construir um conhecimento em que buscamos construir nossa história e nos reconhecemos como protagonistas dessa construção. Desse modo, as reflexões de Larrosa-Bondía (2002) sobre o saber de experiência muito nos ajudam em nosso trabalho de viver experiências para compreender:

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como

configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria (LARROSA-BONDÍA, 2002, p. 27).

Para isso, devemos reconhecer o saber de experiência feito e respeitá-lo, o que compreende os saberes que trazemos conosco, aquilo que aprendemos por meio da experiência, do fazer e do viver. Antes de lermos teorias, já conhecemos muitas coisas a partir de nossa experiência.

O jogo é compreendido como um diálogo entre duas pessoas, nessa linguagem de música, canto, toque, gestos, movimentos, enfim o jogo/luta/dança/arte/esporte de Capoeira, e essa linguagem não tem a função apenas de transmissão e sim de manifestação.

A dialogicidade, que é a essência da educação como prática de liberdade, demonstra o quanto é pertinente o desenvolvimento do diálogo no processo educativo. A comunicação é expressa pela ação, por isso a verdade tem que estar constante nestes dois momentos de construção da educação. É isso que dá sentido ao mundo em que as pessoas convivem e se relacionam. Oliveira et al. (2014) nos levam a refletir sobre a dialogicidade:

O diálogo é o encontro de seres humanos que visam a pronunciar e a transformar o mundo percebido. A dialogicidade se funda no amor e na fé no ser humano, exige, como já apontado anteriormente confiança, humildade e comunidade, isto é, disponibilidade para estar e aprender com o outro (OLIVEIRA et al., 2014, p.128).

Podemos entender que a convivência é a palavra chave para a promoção dos processos educativos e das práticas sociais que possibilitam o diálogo entre as partes. E que é através da “convivência que os participantes revelam aspectos que favorecem o estabelecimento de diálogo e promovem relações de colaboração” (OLIVEIRA et al., 2014, p. 135). Para conviver é preciso dialogar, ouvir o outro com respeito, mesmo que se confronte com suas opiniões. Através do diálogo, podemos ter discordâncias, praticar o respeito, ocorrer discursos e chegar à ação transformadora.

A ação transformadora se faz pela reflexão e ação, demonstra também que um ser que se dedique à liderança revolucionária contra a opressão, não deve confundir seu papel de representante do diálogo oprimindo, impondo o seu ponto de vista. Tem que levar a verdadeira palavra daqueles que representa emergindo o novo em meio ao velho da sociedade dominante. O caráter revolucionário dos oprimidos, em sua ação transformadora, é uma ação pedagógica, da qual emerge novas possibilidades de renovação social (FREIRE, 2005).

Freire (2005) coloca alguns elementos da ação dialógica, que são a colaboração, a união, a organização e a síntese cultural. A colaboração do diálogo entende outrem e respeita a sua culturalidade. A união da massa oprimida se faz necessária, e é papel do representante dessa classe

mantê-la unida para ganhar força de transformação. A organização é um aporte da união das massas, mas é também um sinal de liberdade para os oprimidos. A síntese cultural se fundamenta na compreensão e confirmação da dialeticidade, que compõem a estrutura social.

Fiori (2014) quando fala da consciência do mundo, diz que o mundo, através dela, vai aparecendo com vários significados e que estes significados não são postos somente pelo mundo ou dados pela consciência, mas que o mundo se descobre, ao mesmo tempo em que a consciência, ao expressá-lo, se expressa nela. Portanto, nem a consciência é reflexo do mundo, e nem o mundo é projeção dela.

O mundo é significado no permanente significar ativo, que não é atividade de uma consciência pura, mas desenvolvimento dialético da consciência do mundo ou do mundo consciência. Este significar ativo não termina num significado que seria como seu produto estático acabado (FIORI, 2014 p. 57).

O processo de educação parte da consciência humana, pois só os homens e as mulheres têm consciência de sua incompletude e, por isso buscam compreender o mundo em que vivem. Mas é na transformação que percebem a sua importância, portanto, é na educação problematizadora que gera história que se humaniza a sociedade.

A Capoeira surge em território brasileiro como resistência e luta de africanos e afro-brasileiros. Memmi (1989) chama de um dos mais tristes e dolorosos períodos da história da humanidade, o da colonização das Américas pelos povos europeus e com isso o uso de mão de obra escravizada de povos africanos durante quatro séculos.

As práticas sociais tanto podem enraizar como desenraizar ou levar a criar novas raízes. Por exemplo, a escravização do povo africano provocou desenraizamento, exigiu a criação de novas raízes, e isso só foi possível pelos valores de refúgio advindos das tradições africanas. Desse modo, as práticas sociais se constituem nas ações de grupos e comunidades que visam à transformação da realidade (OLIVEIRA et al., 2014).

A prática social, é ela própria um lugar de experiências, onde estas se entrecortam, são construídas e desconstruídas. Estando, pesquisador/a e pessoas envolvidas naquela prática, postos como sujeitos de experiência, de conhecimento, de histórias, de conviver é viver, um viver que transita entre mundos e significados diferentes. Significações que se cruzam e se complementam. A experiência, nas práticas sociais, inclusive na de pesquisar, é uma tessitura de significados que não é tecida sozinha (OLIVEIRA et al., 2009, p. 20).

As práticas sociais transmitem conhecimentos, valores, tradições, propõem e executam transformações na estrutura social, garantem direitos sociais e culturais. Por isso, a interação entre os/as sujeitos/as é imprescindível no que tange ao aprender e ensinar.

Compreendemos que as práticas sociais têm origem nas relações entre sujeitos/as em si e entre os ambientes em que vivem e convivem, em busca de manter ou transformar valores, significados e modos de ser e estar no mundo. São ações de grupos, buscando construir no espaço-

tempo daqueles/as que delas fazem parte, podendo permanecer, desaparecer ou se transformarem de acordo com as condições e contextos das relações que ali se estabelecem, de sujeitos plurais em gênero, raça-etnia, culturas, necessidades, escolaridade, faixa etária, orientação sexual e classe (OLIVEIRA et al., 2014).

As práticas sociais nos encaminham para a criação de nossas identidades. Estão presentes em toda a história da humanidade, inseridas em culturas e se concretizam em relações que estruturam as organizações das sociedades. Permitem, elas, que os indivíduos, a coletividade se construam. Delas, participam, por escolha ou não, pessoas de diferentes gêneros, crenças, culturas, raças/etnias, necessidades especiais, escolaridades, classes sociais, faixas etárias e orientações sexuais. Participam pessoas com diferentes percepções e conhecimentos, em diferentes processos de trabalho e lazer, em diferentes espaços, escolares e não escolares. Nelas, as pessoas expõem, com espontaneidade ou restrições, modos de ser, pensar, agir, perceber experiências produzidas na vida, no estudo de problemas e dificuldades, com o propósito de entendê-los e resolvê-los (OLIVEIRA et al., 2009, p.6).

Os processos educativos nos levam a compreender as práticas em seu sentido mais amplo, pois o ser humano expressa a importância de transformar o mundo por meio de seu trabalho, de sua criatividade. Sobre a educação, enquanto um processo educativo que visa o desenvolvimento do ser humano, Freire (2011a) revela ao pesquisador/a que “a educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quando mais estimula o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, e de sua expressividade”. (FREIRE, 2011a, p.33).

As práticas sociais e os processos educativos devem estar envolvidos com a vida, sendo assim, para desenvolver os processos educativos é preciso a construção de saberes com paciência, dedicação e perseverança. É o ato de aprender a se relacionar (SILVA, 2014).

A prática social é uma rede múltipla de relações, afetos e construções de conhecimento e dela é possibilitada uma pluralidade de processos educativos. Em práticas sociais, os processos educativos constituem-se em educação e construção de identidades em determinado espaço/tempo, no convívio entre sujeitos e suas relações coletivas com e no mundo, construindo juntos modos de ver, viver, conviver e agir no mundo. Diante disto, no presente estudo, entendemos a Capoeira como prática social, pois gera interações entre os indivíduos que a praticam, e delas com o tempo-espaço que se inserem. Essas relações construídas entre as pessoas por meio da prática da Capoeira podem proporcionar a troca de valores, tradições e conhecimentos. Além de trazer reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira.

A Capoeira enquanto uma prática social nos leva a conhecer um pouco da história e cultura do povo africano e de seus descendentes no Brasil, a luta dos negros e negras por sua liberdade, sua humanidade e corporeidade. Os processos educativos para a superação da opressão se dão também pelo diálogo. Por meio dele é possível que o ser humano reflita, constitui a uma consciência de sua existência no mundo, produzindo assim que todos e todas se eduquem em comunhão.

[...] sei também que o que sei não poderia escapar à continuidade histórica. O saber tem historicidade. Nunca é, está sempre sendo [...]. A história é tão vir-a-ser quanto nós [...] quanto o conhecimento que produzimos. [...] Seria impensável um mundo onde a experiência humana se desse fora da continuidade, quer dizer, fora da História. [...] Não podemos sobreviver à morte da história que, por nós feita, nos faz e refaz (FREIRE, 2001, p.18-19).

Dentro dessa história, em uma sociedade com tantas desigualdades, assumimos posições. E quando nos posicionamos estamos nos colocando a favor de alguém ou contra a alguém, a favor de um grupo ou contra a um grupo (FREIRE, 2005). Nos colocamos a favor da Capoeira, da educação para as relações étnico-raciais a partir da Capoeira, a favor das mulheres capoeiristas e da educação para a busca de relações de gênero mais igualitárias.

3. MULHERES E A CAPOEIRA

*"Sou mulher capoeirista, compro no jogo, entro na roda
tô na luta contra o machismo, e na roda de samba o atabaque toca
Na favela ou no quilombo chego de Aú, meia lua e rasteira,
nossa luta não acaba na roda, no dia a dia eu também sou guerreira
o machismo enfrento na raça, pois é violência e não brincadeira
Sou mulher capoeirista, compro no jogo, entro na roda
tô na luta contra o machismo, e na roda de samba o atabaque toca
Nessa roda joga todo mundo, homem, mulher, menina, menino
toda gente que sonha e acredita que a mulher manda no seu destino
Sou mulher capoeirista, compro no jogo, entro na roda
tô na luta contra o machismo, e na roda de samba o atabaque toca"*

(Música de autora desconhecida, tornou-se símbolo nas rodas de mulheres e em atos feministas)

Como capoeirista, há dez anos, me deparo, como em tantas outras instâncias da sociedade, com a busca pelo espaço e afirmação da mulher no jogo da Capoeira. Uma prática configurada como jogo/luta/esporte/dança/arte culturalmente afro-brasileira, marcada, até meados do século XX, pela presença predominantemente masculina. Na Capoeira a beleza dos corpos não passa pela questão do feminino ou masculino para que se aprecie um bom jogo, mas sim por uma questão de quebra de padrões, de aceitação da diversidade e legitimação do papel da mulher em diversas áreas, como econômica, social, cultural, artística, política, dentre outras.

Em seu livro “O segundo sexo”, Simone Beauvoir (1960) escreveu: “Ninguém nasce mulher; torna-se mulher”. Vivemos em uma sociedade em que somos construídos/as para nos tornarmos mulheres ou homens, somos formatados/as e isso começa na gestação, já se prepara a decoração do quarto para menina ou menino, depois de nascidos/as os primeiros brinquedos, na sua maioria, que meninos e meninas ganham desde cedo, costumam ser carrinhos e bolas para eles e bonecas ou utensílios domésticos para elas.

As habilidades ditas masculinas ou femininas vão sendo priorizadas, impostas a meninos e meninas ao longo dos seus primeiros anos de vida. Azevedo (2003) afirma que força, agressividade e velocidade são características heteronormativamente construídas como masculinas, assim como, flexibilidade, cuidado e afetividade construídas como femininas. Dessa forma, desde novas as meninas aprendem que alguns jogos, brincadeiras e esportes fogem do padrão imposto socialmente, não podem ser praticadas por elas, pois “atrapalham” a sua imagem e desempenho de “reprodutora”.

Relacionada às distinções biológicas, a diferença entre os gêneros serviu para justificar as mais variadas distinções entre homens e mulheres. Muitas teorias foram construídas para “provar” as diferenciações psicológicas, físicas e comportamentais. Indicando diferentes habilidades sociais, aptidões ou talentos para justificar os lugares sociais a que esses gêneros se destinam (LOURO, 1997).

O gênero se relaciona principalmente com o que é considerado feminino e masculino, mas também remete a construções de ordem racial, étnica e de classes sociais. Porém, é necessário mencionar que todas essas construções são recriadas com o passar dos anos e essa mudança é algo que deve ser levado em consideração.

[...] gênero se constitui na prática social que se dirige aos corpos. O conceito pretende se referir ao modo como as características sociais são compreendidas e representadas. Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino obriga [...] levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos. [...] o conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos (LOURO, 1997, p.22-23).

O conceito de gênero engloba formas de construção social, cultural e linguística embasadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (MEYER, 2003). Scott (1995, p.75) traz que gênero é “[...] uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.” Parte-se então à ideia de que o corpo, em momentos distintos e em culturas diferentes é e pode ser visto de formas variadas, atribuindo diferenças aos sentidos do que é ser homem ou mulher, é “utilizado para designar as relações sociais entre os sexos” (SCOTT, 1995, p.75).

Tais significados, por exemplo, auxiliam homens e mulheres a compreenderem as experiências vivenciadas e, a partir daí, escolherem o que devem ser e fazer, delineando assim suas identidades (MEYER, 2003). Desta forma, é possível entender que nossas identidades são constituídas culturalmente e estão fortemente vinculadas às práticas sociais. Para Hall (1997, p.33) toda prática social depende e tem relação com o significado: “conseqüentemente, a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural”.

Mulheres e homens, nas mais diferentes práticas sociais, constituem relações onde há negociações, consentimentos, alianças, avanços e relações de poder. Isso não significa que as mulheres não tenham sofrido mais fortemente manobras de poder (LOURO, 1997). Foucault (1988, p.91) diz que “lá onde há poder, há resistência, no entanto, nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”.

O universo da Capoeira não está separado da sociedade, a roda da Capoeira é também a roda da vida, e neste sentido, a mulher sofreu e ainda continua sofrendo com o machismo. Uma história antiga, que se repete ao longo do tempo em diversas relações em nossa sociedade. A atuação da mulher na Capoeira não pode ser considerada como inexistente, talvez seja mais coerente fazermos a reflexão sobre a oportunidade de participação nessa prática, e do apagamento da mulher nos registros históricos da Capoeira.

O tema “Mulheres e Capoeira” é um tema pouco falado e pouco estudado, entretanto, não podemos descontextualizar o universo da Capoeira de uma realidade na qual as mulheres, até hoje,

não têm os mesmos direitos que os homens. Torna-se considerável salientar que as conquistas femininas, no mundo ocidental, são recentes do ponto de vista histórico e até hoje não são acessíveis a todas as mulheres.

Segundo Silva (2015), na formação dos grupos de Capoeira no século XIX era comum a participação dos homens, mas as mulheres dificilmente eram citadas. Praticamente não se fala da presença das mulheres entre os capoeiristas dessa época, como se fosse uma prática exclusiva dos homens. Engana-se quem pensa que as mulheres negras não sabiam jogar Capoeira. “Pesquisas na Bahia relatam que era comum as rodas de Capoeira acontecerem em frente às quitandas mantidas por mulheres, que protegiam os capoeiras nos momentos de perseguição da polícia” (VITÓRIA, 2015, p.112).

Podemos compreender então que esses momentos de observação por parte de algumas mulheres como processos de aprendizagem do jogo da Capoeira. Mas, não era comum ver a mulher na rua jogando Capoeira, como os homens faziam com frequência, devido ao papel que a mesma exercia na sociedade, o qual estava associado aos serviços domésticos e à visão da “docilidade” feminina que a excluía de alguma outra prática que fugisse a esse estereótipo (VITÓRIA, 2015, p.113).

A Capoeira é uma prática diretamente associada ao homem por comportar elementos que constituem o universo da masculinidade, as capacidades físicas, por exemplo. Porém, alguns registros existem sobre a presença de mulheres neste universo da Capoeira, como é o caso de “Maria Doze homens”, personagem da memória da Capoeira baiana, que viveu na Bahia do século XIX. Uma capoeirista, assídua frequentadora das rodas do Cais Dourado e da rampa do Mercado Modelo. O sobrenome de Maria não está registrado na memória de Salvador, mas o apelido, foi pelo fato de ter conseguido levar 12 homens a nocaute (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Eram poucos os registros sobre a atuação das mulheres no âmbito da Capoeira, e as notícias sobre atos de violência cometidos por mulheres foram bem menos frequentes do que os cometidos pelos homens. Isso não significa que não houvesse, mas que eles não foram registrados pela documentação judiciária e pelos meios de comunicação. Ainda em muitos casos em que o homem era vítima de alguma mulher e que não foram registrados judicialmente têm como razão mais convincente a de assegurar a masculinidade da vítima com a não denúncia do ocorrido (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Mas a cultura patriarcal tem, em certos contextos, a dimensão de criar na opinião pública a ideia de que as mulheres são oprimidas e, como tais, são vítimas indefesas e silenciosas. Este estereótipo torna possível ignorar ou desvalorizar as lutas de resistência e a capacidade de inovação política das mulheres (SANTOS, 2011).

Nesta perspectiva, existiram algumas mulheres que ficaram registradas na história, que desafiaram a imposição do sistema patriarcal e se inseriram no mundo da Capoeira. Dentre essas

mulheres, Abib (2005) e Oliveira e Leal (2009) trazem o relato sobre registros de participação delas nos grupos das maltas dos capoeiristas cariocas. Foi o que aconteceu com Almerinda, Menininha e Chica, que sobreviviam nas ruas, cuidando umas das outras, as quais são chamadas como A Malta de Saias.

Para além dessas, Araújo (2016) cita a atuação de outras mulheres que se destacaram pelo valor histórico no universo da Capoeira como Palmeirona, Júlia Fogareiro, Catu, Maria Pernambucana, Maria Cachoeira, Maria Pé no Mato, Odília, Júlia Endiabrada e Maria Doze Homens como vemos na figura 3 a seguir.



Figura 3: Maria Doze Homens (imagem de domínio público)

Mulheres exímias capoeiristas apareciam nos artigos policiais. Iam totalmente contra ao modelo imposto, eram vistas como mulheres “destemidas”. Utilizavam armas como navalhas e facas, e também batiam em homens, causando vergonha para a moral masculina. Aparecem em conflitos amorosos, defendendo seu sustento e reagindo a assédios sexuais (OLIVEIRA; LEAL, 2009). São esses registros, associados as histórias orais, que comprovam a existência de mulheres capoeiristas, seja como defesa, resistência, estilo de vida ou necessidade.

A Capoeira, como uma expressão afro-brasileira, está diretamente relacionada às culturas e manifestações da população negra no Brasil. Mesmo sendo aberta a qualquer pessoa, sua história e seus valores são constituídos nas experiências de homens e mulheres negras/os. Neste sentido, identificar estas imagens de representações das mulheres capoeiristas nos permite reconhecer que a história dos primórdios da Capoeira também é história das mulheres negras. Na historiografia brasileira são poucos os documentos que tratam da imagem das mulheres negras, isto é, são poucos os documentos que vão além dos estereótipos (CARNEIRO, 2002).

No Brasil, entre os séculos XIX e XX, os esforços por parte de alguns/umas intelectuais da elite eram os de designar os papéis de gênero e adestramento dos corpos masculinos e femininos na divisão do trabalho para o controle social. Isso seria preparar as mulheres para a maternidade e os homens para a vida pública. Essa construção da corporalidade feminina perpassa pelas relações de classe, gênero e raça. O corpo reprodutor, meigo, frágil e delicado se encaixaria apenas para as mulheres da elite, pois as negras escravas, as mulheres trabalhadoras, deveriam aguentar longas jornadas de trabalho e exploração, sob a pena de serem torturadas e/ou terem seus corpos violentados pela repressão. Porém, apesar dessa contradição, o modelo de corpo e sexualidade feminina seguia a ideia de família burguesa (ADELMAN, 2003).

A conquista do espaço da mulher na Capoeira ocorre concomitante à luta das mulheres trabalhadoras na sociedade de classe. A Capoeira, assim como os esportes e as lutas de maneira geral, historicamente esteve associada ao universo masculino.

No âmbito da Educação Física não podemos deixar de mencionar a situação que envolvia a mulher na prática de exercícios e de atividades esportivas. Com base em Castellani Filho (1991), podemos situar a chegada da Educação Física ao Brasil no século XIX tendo como principal tarefa a higienização da população brasileira. Essas funções atribuídas à Educação Física tinham a ideia de que as mulheres que praticassem ginástica se tornariam mais fortes e saudáveis e teriam maiores chances de gerarem filhos saudáveis.

Foi criado no Brasil um Decreto-Lei que proibia a participação oficial de mulheres em determinadas práticas consideradas “violentas à natureza de seu sexo”, inclusive as “lutas de qualquer natureza”. O Decreto-lei 3199/41, que entrou em vigor no dia 14 de abril de 1941, dizia em seu Art. 54 do Capítulo IX, “Disposições gerais e transitórias”, que “às mulheres não será permitida a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza” (BRASIL, 1941).

E, em 1965, através da Deliberação 7/65, foi criada a regra que dizia: às mulheres – item 2: não seria permitida a prática “de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, rugby, halterofilismo e beisebol” (MOURÃO, 2010). E, percebemos que ainda encontramos em nosso cotidiano limitações para uma inserção mais ampla das mulheres no campo das lutas, fundamentalmente, porque são julgadas como práticas que não são consideradas do universo feminino pela sociedade.

No entanto, a partir das décadas de 70 e 80 do século XX, as mulheres passam a atuar de forma mais ativa no jogo de Capoeira, marcando presença e se destacando nas rodas, nas academias e grupos, em números cada vez maiores. Rosângela Costa Araújo, a mestra Janja, em entrevista afirma que a mulher deixou de ser novidade na Capoeira e passou a representar quase a metade do número dos/as praticantes, de modo que não podem mais ser ignoradas e nem reduzir sua participação na prática e nem na organização dos grupos e academias, podendo ocupar cargos de

dirigentes, com graduações de professoras, contramestras e mestras de Capoeira (BARBOSA, 2005).

Apesar dos desafios enfrentados pelas mulheres, podemos considerar que, com muita luta e resistência, avançamos no campo social, político e cultural. Desde as últimas décadas do século XX, podemos encontrar relatos de mulheres que se tornaram professoras, contramestras e mestras de Capoeira, seja ela Angola ou Regional, a exemplo de Rosângela Costa Araújo (Mestra Janja – ver figura 4). Formada em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), é baiana e treina Capoeira desde 1981. Ela começou Capoeira Angola no Pelourinho/GCAP, na Bahia (SANTOS, 2011).

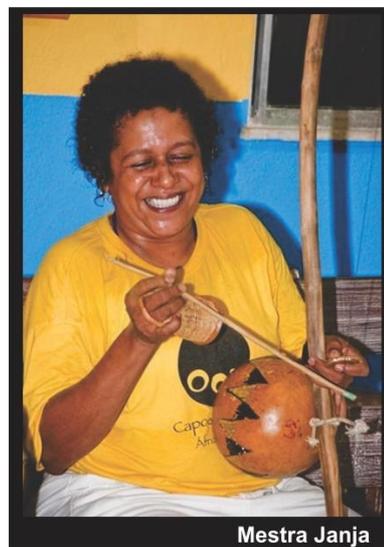


Figura 4: Mestra Janja (imagem de domínio público)

Maria Eugenia Poggi (Mestra Gegê - ver figura 5), natural do Rio de Janeiro, sua vivência na Capoeira Angola começou em 1995 quando foi residir em Washington, Distrito de Columbia - DC, Estados Unidos e conheceu o Mestre Cobra Mansa. É membra fundadora da Fundação Internacional de Capoeira Angola (FICA) e durante os seus 14 anos morando nos EUA, Gegê ajudou nas atividades desenvolvidas pelo núcleo da FICA (SANTOS, 2011).



Figura 5: Mestre Gegê (imagem de domínio público)

Fátima Colombiana (Mestra Cigana – ver figura 6), primeira mulher a tornar-se mestra de Capoeira no Brasil, é formada em Educação Física, Filosofia e Pedagogia, nasceu no Rio de Janeiro, mas começou a praticar a Capoeira em Belém do Pará, em 1970. Edna Lima é uma reconhecida professora de Capoeira, é graduada em Educação Física, pós-graduada em Ciência Desportiva e desenvolveu um programa nacional de ensino de Capoeira para escolas superiores no Brasil. Mestra Cristina (Rio de Janeiro), mestra Elma (Florianópolis) e mestra Brisa (Salvador), entre outras professoras e contramestras, têm desenvolvido significativos trabalhos no Brasil e no Exterior (SANTOS, 2011).



Figura 6: Mestre Cigana (imagem de domínio público)

Paula Cristina da Silva Barreto (Mestra Paulinha), começou a praticar Capoeira no início dos anos 1980 no Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GCAP), em Salvador / Bahia. Em 1998, ela se mudou para São Paulo por 4 anos e participou do processo de estruturação do grupo de Capoeira Angola Nzinga. Valdelice Santos de Jesus (Mestra Jararaca – ver figura 7), primeira mestra na Capoeira Angola na Bahia. Frequentou a roda com sua irmã mais velha Rita que era aluna de João

Pequeno. Iniciou a Capoeira com 11 anos de idade e seu pai proibiu dizendo que era uma prática de menino, parou e retornou apenas em 1989.



Figura 7: Mestre Jararaca (imagem de domínio público)

Essas mulheres conseguiram superar algumas situações opressoras, em busca do ser mais, pois na Capoeira há um grande volume de mulheres, grandes capoeiristas que buscaram seu espaço, atravessando preconceitos e buscando sua autonomia. Segundo Freire (2005):

Daí, a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica no reconhecimento crítico, na “razão” desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais (p. 18).

O que podemos perceber é uma imagem ativa de mulheres capoeiristas contra sua discriminação e objetificação na Capoeira. O sexismo e diferentes formas de violência de gênero aparecem como elementos característicos na construção de imagens negativas de mulheres fora e dentro da Capoeira. No entanto, os debates em torno das relações de gênero têm possibilitado a mudança dos estereótipos negativos, elas deixam de ser apenas as “alunas novas”, “namoradas ou mulheres de Mestre” para serem Mestras, Contra Mestras e capoeiristas. Apesar do difícil cenário de atuação, as mulheres capoeiristas são representadas como sujeitas ativas e resistentes. Seja na luta pela liberdade de existir, seja na luta pelo direito de ocupar os espaços, seja na luta pela manutenção dos valores que fundamentam a riqueza da expressão cultural afro-brasileira: a Capoeira.

Para que possamos ter estratégias de intervenção, primeiro é necessário reconhecer as formas de desigualdades sociais. A sensibilidade e a disposição para se lançar nessa tarefa são indispensáveis, mas as pesquisas e as teorizações vindas de estudos feministas podem se tornar elementos relevantes para estimular inquietações e provocar outras questões (LOURO, 1997).

Mulheres e homens feministas precisam estar atentos/as às relações de poder existentes em várias dinâmicas sociais, e a Capoeira é uma delas, das quais elas e eles fazem parte. Os debates de cunho feministas são necessários, e não há porque temê-los, eles podem significar novas ideias, novas alianças, e isso pode resultar numa intervenção social, capaz de alterar as relações sociais de poder.

4. CAMINHOS METODOLÓGICOS

*"Era eu era você
Era você era eu
Era eu era meu mano
Era mano era eu
Você não jogava sem eu."
(Mestre Pastinha)*

O percurso pelo qual transitamos para desenvolver a pesquisa requer situarmos o lugar de onde falamos e as concepções que orientaram o direcionamento do nosso caminhar, pois consideramos necessário na realização de um estudo, o posicionamento ético-político e de comprometimento com determinada produção de conhecimento, influenciada pela visão de mundo que perpassa a vida da pesquisadora. Silva (1995) traz que a pesquisadora não é externa ao fenômeno estudado, pois sua motivação para conhecer e seu interesse partem do engajamento ao objeto de estudo.

Brandão (2003) nos traz que há diferença entre “como se faz uma pesquisa” e “como nós vivemos a pesquisa que fazemos”. Há de se considerar que algumas práticas sociais são espaços de sobrevivência, de resistência, recusando certas hierarquias impostas, esses espaços promovem a educação, a construção coletiva de conhecimentos e a troca de saberes (OLIVEIRA et al., 2014).

A escolha metodológica é influenciada também pelas escolhas de posicionamento político que fazemos diante do mundo, pois “[...] pesquisar é parte importante de nossos afazeres, conectado com nossos trabalhos de ensino, extensão e militância” (OLIVEIRA; SOUSA, 2014, p.7).

Toda atividade humana implica um objeto que manipula uma situação em que interfere, com a intenção de transformá-la. Tem-se um objetivo a ser alcançado, uma concepção a se configurar, ao criarem-se situações que efetivam a transformação da atividade humana (COTA, 2000, p. 206).

Nossa concepção de produção da ciência se contrapõe às ideias difundidas pelo positivismo quanto ao caráter de neutralidade do/a pesquisador/a ao campo onde desenvolve seus estudos. Ao negar outras formas de interpretações e produções advindas desses olhares, nega o outrem enquanto sujeito que produz saberes válidos, propagando e fortalecendo aquilo que Santos (2010) denomina como pensamento abissal, que divide a realidade social em dois universos distintos e inconciliáveis, onde um para existir necessita negar o outro.

Uma das manifestações mais características do pensamento abissal encontra-se no campo do conhecimento, quando é concedido à ciência moderna o poder de determinar o que é falso e o que é considerado verdadeiro. São conhecimentos produzidos por outrem que se encontram do outro lado da linha, os povos colonizados, aos quais foi imposta a hegemonia da cultura eurocêntrica e suas formas de determinar a "verdade" impondo a negação e marginalização cultural de outros povos.

Refiro-me aos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha. Eles desaparecem como conhecimentos relevantes ou comensuráveis por se encontrarem para além do universo do verdadeiro e do falso (SANTOS, 2010, p. 25).

E abrir-se ao Outro significa assumir uma atitude de escuta. Essa atitude ou capacidade de escutar a voz do Outro chama-se consciência ética. E não é só a escuta respeitosa da voz do Outro, como consciência ética, que constitui o processo humanizador. A responsabilidade pelo Outro, “o encontro com o Outro, na face-a-face, a partir do paradigma da alteridade” (DUSSEL, 1977a, p. 65).

A alteridade, como um dos principais fundamentos da Filosofia da Libertação, fez com que as pessoas latino-americanas fossem descobertas como exterioridade em relação às pessoas consideradas do centro do mundo. No entanto, a simples descoberta da alteridade não é o suficiente para estabelecer um processo de libertação para além do âmbito da totalidade. E para indicar uma real exterioridade, em que o Outro é respeitado em sua liberdade, é proposto a categoria do momento analético. O analético indica o fato real humano pelo qual todo homem, toda mulher, todo grupo ou povo, se situa sempre “além” do horizonte da totalidade. O momento analético quer indicar que a libertação não se faz apenas pela negação da opressão (DUSSEL, 1977a).

Nessa perspectiva, implica-se o sentido de uma pedagogia ética. Com efeito, na pedagogia, a voz do Outro significa o conteúdo que se revela, e é somente a partir da revelação do Outro que se realiza a ação educativa (DUSSEL, 1977a). O processo de humanização se apresenta na acolhida do outro enquanto sujeito de sua história (DUSSEL, 1977b, p. 191).

Buscamos, como alternativa de nos contrapor a essa visão discriminatória de produção científica, e nos referenciar naqueles que se encontram do outro lado da linha, “[...] na perspectiva do Sul, isto é, a partir das condições de vida da população afetada pelos efeitos da colonialidade” (ARAUJO-OLIVERA, 2014, p. 47).

Os/as pesquisadores/as devem assumir uma postura frente aos/as participantes que preze pelo respeito às pessoas com quem se trabalha. Buscando pela abundância de diálogo, tendo em vista seus posicionamentos políticos/sociais e também com os objetivos do estudo, procurando agir de forma coerente com os mesmos (SILVA, 1995).

Nessa perspectiva, nos propusemos a realizar a pesquisa enquanto caminho de produção de conhecimentos que se deu a várias mãos e que, feita por humanos, esteve sujeita a um determinado olhar sobre a realidade. A fim de descrever e compreender os processos educativos desencadeados na prática da Capoeira feita por mulheres, entendendo tais processos a partir de aspectos históricos de luta de mulheres por espaço e reconhecimento neste campo, como abordagem metodológica que atendesse a essa perspectiva, optamos pela pesquisa qualitativa, pois o fenômeno investigado caracterizou-se complexo, visto tratar-se de práticas construídas e partilhadas por participantes singulares condicionadas pelas experiências culturais, históricas e sociais.

4.1 Procedimentos de coleta de dados

Para falarmos em metodologia partiremos de sua função social e do papel da/o pesquisadora/o frente ao objeto de estudo. A metodologia não é captação de dados empíricos. Ela deve ser entendida como um movimento reflexivo utilizado pelos/as pesquisadores/as para ajudar na análise dos processos investigativos. Desse modo, Oliveira et al. (2014) nos apontam que:

O (a) Pesquisador(a) não é externo (a) ao fenômeno estudado, pois sua motivação para conhecer e seu interesse partem do engajamento ao objeto de estudo. Esses interesses movem aqueles (as) que, com seu trabalho, procuram inferir na realidade e, nela, buscam ampliar compreensões acerca de processos humanos (OLIVEIRA et al., 2014, p.119).

A base desse tipo de investigação se concentra na descrição, análise e interpretação dos dados recolhidos durante o processo investigatório, procurando entendê-los de forma contextualizada. Isso significa que nas pesquisas de corte qualitativo não há preocupação em generalizar os achados (NEGRINE, 1999).

Para compreender determinada realidade, é preciso buscar as impressões daquelas que vivenciam as experiências que envolvem o tema de estudo, e por isso optamos pela abordagem qualitativa, que favorece esta perspectiva de trabalho. Compreendemos que:

Os investigadores qualitativos em educação estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objetivo de perceber aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem. [...] O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 51).

A abordagem qualitativa nos possibilitou uma ação reflexiva a partir de uma re-significação dos dados e de uma busca teórica constante para dar novos sentidos ao que estava sendo encontrado durante o processo de investigação.

Portanto, quando buscamos compreender processos educativos, trabalhamos com metodologias qualitativas, pois estas atendem a questões situadas no “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 1994, p.22).

Embora existam outras técnicas de se realizar um trabalho de campo, uma delas foi o instrumento principal desse tipo de trabalho: a entrevista, que é fala dos/as participantes da pesquisa (MINAYO, 2013).

O procedimento metodológico para a coleta de dados foi a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com essas mulheres. A escolha por realizar entrevistas semiestruturadas se deu visto que o grau de estruturação da entrevista deverá manter-se coerente com a natureza da pesquisa realizada e permitir compreender o discurso próprio da participante entrevistada, sem que a entrevistadora controle o conteúdo do diálogo de modo demasiadamente rígido. Trata-se da combinação de perguntas abertas e fechadas (MINAYO, 2013).

Na entrevista o/a pesquisador/a busca informes contidos nas falas das participantes, ela não pode ser feita de forma despreziosa, pois se insere como coleta de fatos, com sujeitos que são focos da pesquisa. Neste sentido, a entrevista é uma conversa a dois com propósitos bem definidos, pois em um primeiro momento se caracteriza por uma comunicação verbal, já em outro momento se caracteriza como coleta de informações (MINAYO, 2013).

Portanto, a opção pela escolha da técnica da entrevista como forma de coletas de dados se dá a partir de quando o/a pesquisador/a precisa de respostas mais profundas para que os resultados de sua pesquisa sejam atingidos. Podemos afirmar que a entrevista não se trata apenas de perguntas e respostas, mas sim de um diálogo orientado e com objetivo definido (ROSA; ARNOLDI, 2008).

É necessário que a entrevistadora deixe a conversação acontecer livremente, sem interferências. Levando em consideração a subjetividade da pesquisadora para a participante e vice-versa, pois poderá transformar-se em dados relevantes para os objetivos e resultados serem alcançados (ROSA; ARNOLDI, 2008).

O ato de se tornar pesquisador/a é parte do tornar-se pessoa, procurando cada vez mais ser um/a pessoa humanizado/a e um/a cidadão/ã sempre mais comprometido/a, por isso requer ações vinculadas aos interesses e necessidades de uma realidade cultural e social que, está reclamando por uma intervenção que estabeleça relações justas.

O processo de pesquisar tendo em vista as práticas sociais, parte de relações entre pessoas ou grupos e essas relações são intencionais e são pautadas no convívio e no diálogo. O/a pesquisador/a que tem a intenção de ser coerente com a sua prática educativa dialógica deve reconhecer os/as participantes de sua pesquisa, como pessoas capazes de produzir conhecimento e cultura em relações com outras pessoas. Nesse sentido os/as participantes da pesquisa não devem ser vistos/as como objeto de estudo e sim de pessoas que colaboram com a investigação realizada (OLIVEIRA et al., 2014).

O diálogo tem aparecido em pesquisas de educação popular e visa pronunciar e transformar o mundo percebido. Mais que isso é necessário que a dialogicidade esteja disponível para estar e aprender com o outro. O diálogo é o encontro de seres humanos que visam pronunciar e transformar o mundo percebido, fundado no amor e na fé no ser humano, e para isso é necessário humildade, confiança e comunhão (FREIRE, 2011b).

Portanto, nos interessa construir uma pesquisa com as pessoas e as relações que mantêm entre si e o contexto onde vivem.

Dizendo de outro modo, chamam nossa atenção processos educativos em que as pessoas vão construindo jeitos de ser, viver, conviver umas com as outras, nos ambientes que herdaram e onde atuam, convivem e também naqueles que criam (SILVA, 2014, p. 19).

Para Brandão (2014), a razão de ser da ciência não é mais somente criar saberes e conhecimentos, mas sim na interação entre saberes, no diálogo entre pessoas. Para o autor, um avanço nas pesquisas depende que esta se configure como práxis, buscando um pensar dialógico e crítico a respeito de uma realidade que se empenha em transformar. Para o autor:

Todo nosso trabalho em pesquisar o que quer que seja deve desaguar em uma das muitas dimensões de uma ação social e, entre elas, de uma educação vivida e pensada como uma experiência socialmente perene e pessoalmente permanente na vida de cada um de seus sujeitos: pessoas e povos (2014, p.14).

Brandão (2014) fala sobre a circulação do conhecimento entre as pessoas e grupos de pessoas para que este possa desaguar na educação, como forma de sabedoria, deixando de ser privilégio apenas de alguns e passe a integrar um projeto de mudança. Nesta pesquisa, buscamos como um dos resultados esperados um projeto de mudança, que possa trazer à tona as compreensões sobre as culturas africana e afro-brasileira, sobre as relações de gênero e como isso impacta na nossa sociedade e na Capoeira, sobre as discriminações vividas, sentidas e praticadas, para que possam dialogar sobre caminhos e construções que colaborem para um novo projeto de mundo.

4.2 Apresentação das participantes da pesquisa

A pesquisa aconteceu com quatro mulheres capoeiristas que moram atualmente em três cidades do estado de São Paulo: duas em São Carlos, uma em Mogi Guaçu e uma em Campinas. Como critério de seleção foi delimitado que essas mulheres tivessem no mínimo quatro anos de vivência com a Capoeira. Elas escolheram seus nomes fictícios, que foram usados em todos os momentos desta pesquisa.

Para a realização das entrevistas, primeiramente foi feito um roteiro (apêndice 1) e; posteriormente, entramos em contato pessoalmente com as participantes. Deixamos o local, dia e horário da realização das entrevistas a critério das entrevistadas, de acordo com suas disponibilidades. Todas as entrevistas aconteceram individualmente na residência de cada participante, com exceção de uma que preferiu que fosse na residência da pesquisadora. O tempo para a realização das entrevistas foi bastante flexível, levando em consideração a forma de narrativa de cada uma.

Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, apêndice 2), estando cientes que essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos. O referido comitê emitiu parecer nº 2.689.978 (anexo 1), aprovando a realização deste estudo.

A primeira entrevista foi realizada com a participante Iuna, de 34 anos, nascida em Campinas e que mora em São Carlos há 7 anos. Iuna compartilha com a Capoeira há 20 anos, seu primeiro encontro com essa prática foi aos 14 anos de idade na cidade de Marília. Essa entrevista foi feita no dia 19 de junho de 2018 na residência da participante.

A segunda participante, chamada de Dandara, teve sua entrevista realizada no dia 22 de junho de 2018, na residência da pesquisadora, escolheu dessa forma, pois, a entrevistada entendeu ser-lhe mais cômodo. Dandara tem 38 anos, nasceu e reside na cidade de Mogi Guaçu, compartilha com a Capoeira há 20 anos, seu primeiro encontro com a Capoeira foi aos 18 anos em uma roda de rua onde parou para observar e se encantou.

A terceira entrevista foi realizada com a participante Aiyra, de 34 anos, nascida em São Paulo e que mora em São Carlos há 11 anos. Aiyra compartilha com a Capoeira há 4 anos, seu primeiro encontro surgiu a partir do seu filho que estava fazendo aulas na escola. Essa entrevista foi realizada na residência da participante no dia 26 de junho de 2018.

A quarta participante chamada de Sabrina teve sua entrevista realizada no dia 31 de julho de 2018 na residência dela. Sabrina tem 38 anos e compartilha com a Capoeira há 17 anos, nasceu na cidade de Bebedouro e mora em Campina há 2 anos e meio. Seu primeiro encontro com a Capoeira foi dentro da Universidade Federal de São Carlos quando andava pelo campus e encontrou pessoas treinando.

As entrevistas mostraram-se relevantes, pela ação reflexiva que possibilitou às participantes, sobre suas atuações no e com o mundo, permitindo virem à tona novas possibilidades de ação e valorização de seus conhecimentos, muitas vezes desprestigiados e/ou menosprezados. A reflexão pela e sobre a própria narrativa proporcionada por meio da entrevista torna-se um elemento relevante desse instrumento.

4.3 Procedimentos de análise de dados

Os dados construídos nesta pesquisa constituem-se de quatro entrevistas, transcritas na íntegra. Para análise destes dados, primeiramente foi feita uma leitura inicial, sem buscar interpretações, apenas com a finalidade de ter uma visão geral do todo dos dados. Nesse processo, voltamo-nos novamente à interrogação da pesquisa, o que implica que retornemos também as motivações da pesquisa.

Durante os encontros com essas mulheres, procuramos dar enfoque às relações e interações envolvidas e a prática social da Capoeira feita por mulheres. Os resultados foram analisados a partir do estudo do referencial teórico da temática escolhida.

Essa inserção deve se dar na tentativa de assumir o lugar de um integrante, procurando olhar, identificar e compreender os processos educativos que se encontram naquela prática social. Isto só é possível quando somos acolhidos, nos dispomos a ser acolhidos e a acolher. Participar com a intenção de compreender, não para julgar. Esta inserção é insuficiente se ficar apenas no olhar e não houver participação ou se ficar apenas na procura de resultados, sem se perguntar sobre o processo (OLIVEIRA et al., 2014, p. 39-40).

A análise dos dados coletados foi feita a partir do sistema de categorias, que abrange elementos com características comuns ou que se relacionam entre si. As categorias são usadas para estabelecer classificações, trabalhar com elas significa agrupar ideias, expressões ou elementos em torno de um conceito capaz de abranger essa totalidade (MINAYO, 2013).

Parece adequado tomar como ponto de partida a proposta de interpretação qualitativa de dados formulada por Minayo (2013) e os procedimentos metodológicos de análise de conteúdo: “categorização, inferência, descrição e interpretação” (p. 87). As categorias são, segundo a autora, exaustivas, exclusivas, concretas e adequadas (MINAYO, 2013). Já a inferência se caracteriza por uma fase intermediária, como uma espécie de contextualização. A descrição se trata do trabalho de campo em si e a interpretação busca ir mais além, “atribuir um grau de significação mais ampla aos conteúdos analisados” (MINAYO, 2013, p. 90).

Para análise, inspirei-me nos passos propostos por Minayo (1994):

- ordenação dos dados - transcrição das quatro gravações;
- classificação dos dados - leitura repetida dos documentos para apreender as ideias centrais e estabelecer as categorias que deles emergiram;
- leitura profunda dos registros - enxugamento da classificação, reagrupamento e reordenação por temas (apêndice 3);
- análise final - articulações entre as informações e as referências teóricas adotadas.

Na classificação dos dados, procuramos destacar trechos das entrevistas, buscando elementos que guardavam maior relação com a questão de pesquisa. Na etapa seguinte, após reler algumas vezes o material, codificamos o texto, marcando elementos correlatos com grifos da mesma cor. Buscamos nos trechos destacados, identificar dados, ideias e sentidos, que por proximidade pudesse agrupar, para melhor compreendê-las no passo seguinte. Selecionamos os temas mais significativos, levando em consideração a quantidade com que se manifestaram, bem como a relevância para responder à pergunta de pesquisa, e posteriormente, esses trechos grifados foram agrupados em um quadro (apêndice 3) de acordo com as categorias que emergiram.

Desse modo, para a análise dos dados, foram feitas as escutas e transcrições das entrevistas. Essa análise foi feita com o objetivo de conhecimento geral do material coletado, bem como para que, a partir da fala das participantes e das referências bibliográficas, pudéssemos agrupar os dados em categorias temáticas.

Assim, das releituras e reagrupamentos, emergiram três categorias temáticas: A- Família e Capoeira; B- Como me sinto sendo mulher na Capoeira; C- Capoeira que transforma, a partir das quais procedemos a discussão do estudo. Então, no próximo capítulo desta dissertação, apresentamos a construção da análise dos dados, na discussão das categorias de análise, sempre serão identificadas as entrevistas das quais elas foram extraídas, sendo que os excertos das entrevistas serão identificados pela sigla EN, seguida da numeração correspondente em números romanos (I, II, III ou IV) e do nome fictício da colaboradora da pesquisa.

5. CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS - “Através da Capoeira a gente se melhora como ser humano” (ENI – Iuna).

*Eu segui pela noite sem lua
Histórias na algibeira
Não é fácil acabar com a sorte de um bom Capoeira
Se você não acredita me espere num outro caminho
E prepara bem sua navalha
Eu não ando sozinho
Era uma noite sem lua,
Era uma noite sem lua,
Era uma noite sem lua.
(Mestre Toni Vargas)*

Neste Capítulo, retornamos ao objetivo da investigação, que foi descrever e compreender os processos educativos desencadeados na Capoeira praticada por mulheres, entendendo tais processos a partir de aspectos históricos de luta de mulheres por espaço e reconhecimento neste campo. Além disso, como objetivo específico, conhecer a trajetória dessas mulheres na prática da Capoeira e compreender a escolha e permanência dessas mulheres nessa prática. A seguir apresentamos os resultados nas três categorias temáticas elencadas, a saber: A- Família e Capoeira; B- Como me sinto sendo mulher na Capoeira; C- Capoeira que transforma.

5.1 A - Família e Capoeira

Esta categoria apresenta os resultados sobre os trechos das entrevistas que se referem às situações que trazem experiências e falas das participantes com suas famílias e como isso influenciou e influencia na sua prática e escolha pela Capoeira.

Os resultados mostram que, depois de leitura minuciosa das entrevistas, podemos perceber que as famílias das participantes influenciaram em suas práticas de Capoeira, positivamente ou negativamente, de alguma forma. Em alguns momentos suas famílias foram decisivas na escolha e permanência dessas mulheres. Nas falas a seguir vemos como as famílias de Iuna e de Aiyra, incentivaram a prática em um primeiro momento.

A Capoeira assim, na minha família ou nos lugares que eu ia sempre soava como uma coisa legal (ENI-Iuna).

Os meus pais me levaram em alguns jogos de Capoeira, assisti, e eu gosto muito dessa cultura afro-brasileira sabe? (ENIII- Aiyra).

Como anteriormente citado, vemos o quão importante é o suporte de familiares e pessoas próximas para praticarmos algo do nosso interesse. Foi possível identificar nos resultados que o

apoio ou o não apoio influencia no poder de escolha das participantes, se estamos bem amparadas e confortáveis, nos sentimos confiantes para fazer o que queremos.

Nossos dados mostram que o não apoio dos familiares traz um sentimento de insegurança e um questionamento de “por que eu não posso?” Isso faz com que algumas pessoas desistam, ou nos melhores casos resistam, procurando outras formas de se conseguir o que queriam, como vemos nas falas da participante Dandara, nos trechos abaixo.

O pai de Dandara não quis que ela treinasse Capoeira e desde o começo colocou empecilhos para que ela não praticasse, enquanto seus dois irmãos puderam treinar e seu pai pagava pelos treinos, ou seja, privilegiou a prática dos irmãos e dificultou a prática dela. Nesse caso Dandara conversou com o Mestre desse grupo e conseguiu participar dos treinos de forma gratuita.

Algumas pessoas acreditam que os meninos precisam ser fortes, competidores e briguentos, e as meninas amorosas. Isso só revela o quanto é forte o modelo sexista e como são reproduzidos pela família (WHITAKER, 1993).

Quando eu quis treinar Capoeira meu pai foi contra, entendeu?, assim tem muita gente que acha que a Capoeira é assim só pra homem, um jogo mais masculino, mais pancadaria e não é (ENII – Dandara).

Tive, vamos dizer, empecilhos, por meu pai não queria deixar, não queria pagar também entendeu? (ENII – Dandara).

Eu creio que seja, sei lá, ele queria que eu estudasse? Que eu fizesse outra coisa? Ao invés de ir atrás de Capoeira, porque eu enforcava aula pra ir na roda de Capoeira (risos) (ENII – Dandara).

Nesse caso Dandara resistiu ao seu pai e conseguiu treinar Capoeira, mesmo sem o apoio dele, ela achou suporte em outras pessoas. Construir uma rede de apoio, uma rede de pessoas que estão ao nosso lado para um amparo em qualquer situação é imprescindível para não nos sentirmos sozinhas, e, assim, mais confiantes.

Os resultados mostram que há falta de conhecimento sobre a Capoeira, pois, reproduzem pensamentos que não são verdadeiros e até preconceituosos. No caso dos próximos trechos, da segunda e terceira entrevistas, alguns familiares das participantes Aiyra e Dandara trazem mais situações. Muitas vezes a intercomunicação de conhecimentos não se faz possível, pois como nos afirma Boff (2006), “os pré-conceitos são obstáculos e barreiras ao verdadeiro conhecimento, nem sempre fácil de serem superados” (p. 28).

Minha família, né? “Nossa, você tá fazendo Capoeira?” “Nossa”, e é né? Tô fazendo Capoeira! E no imaginário das pessoas, a Capoeira é aquilo que você dá uns pulos que vai lá no teto e cai e não sei o que... (ENIII- Aiyra).

Uma vez que uma mãe de uma amiga da minha filha perguntou se Capoeira era macumba, tem gente que acha que é, então é falta de conhecimento, as vezes eu vejo, hoje, mês passado eu já vi um preconceito assim “ah mas você faz Capoeira?” A pessoa fica meio assim de ficar perto de você entendeu? Por quê? Por causa da falta

de conhecimento, hoje em dia ainda tem isso, creio que tem muitas meninas, mulheres que queriam fazer e não fazem, por preconceito, por falta de conhecer a Capoeira (ENII- Dandara).

Entendemos que a Capoeira e muitas outras manifestações culturais de origem africana, como, por exemplo, a religiosidade e espiritualidade de matriz africana, encontram dificuldade de reconhecimento e aceitação devido às ideias difundidas que descaracterizavam essas práticas buscando inferiorizá-las. De acordo com Quijano (2009) e Galeano (1990), o padrão mundial do poder capitalista sustenta a imposição de uma classificação racial, na qual brancos/as são superiores a negros/as e indígenas, inclusive nos conhecimentos.

É necessária a adoção de posturas e práticas pautadas no respeito à diferença como exigência para a construção de relações mais justas, para que possamos ouvir uns aos outros sobre as experiências de ser ao mundo a partir de diferentes pontos de vista, pois:

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não pode se dar. Se discrimino o menino ou a menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino indígena, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las, e se não os escuto, não posso falar com elas, mas a elas, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo de entendê-las. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito, é um isto ou aquilo, destrutável ou desprezível (FREIRE, 2011b, p. 118).

Quando dizemos relações pautadas no respeito às diferenças estamos querendo dizer que é preciso reconhecer em outrem e nas outras culturas aquilo que é também parte de nós, de nossa história. Para isso, consideramos que é preciso questionar a hierarquização posta até então e criar a unidade na diversidade (FREIRE, 2011b), trabalhando não só as diferenças entre os indivíduos, mas também as semelhanças, para reconhecer na humanidade de outrem, também a minha humanidade.

Conforme visto anteriormente Castiano (2015), nos alerta para que busquemos por ser justos diante das causas e realidades com que nos deparamos constantemente, adotando-as com postura ética, mas uma postura ética que tenha suas bases fundadas e cultivadas pelo ubuntu: “eu sou porque tu és e nós somos porque vós sois” (CASTIANO, 2015, p. 178).

Para além de se tratar de uma procura por justiça pautada na ética vista sob a ótica do ubuntu, é preciso que busquemos refletir sobre valores que esta filosofia preconiza, tais como: a beleza, a justiça, a compaixão, sabedoria, diálogo, valores que hoje muito nos faltam nas relações com outrem (CASTIANO, 2015).

Os próximos trechos das entrevistas da participante Sabrina e da participante Iuna nos chamaram atenção, pois é uma questão velada em nosso país, velada também em nossas famílias, como mostram nossos resultados. As influências históricas e sociais que consolidaram o racismo na sociedade brasileira, e o mesmo transita em várias esferas e tem total influência em como é vista a Capoeira.

Aqui no Brasil a gente é formatado pra ser racista, todo mundo, por que a minha família ia ser diferente? (ENIV- Sabrina).

Minha mãe, ela às vezes, mas isso é muito particular dela, ela tem um preconceito com a questão energética assim, acha que a energia que acontece na roda, ela sabe da influência africana então ela imagina que tem um pouco dessa questão dos orixás, e ela fala que tá meio contra o que ela acredita de espiritualidade, então ela “será que não é uma coisa que mais te aprisiona do que te liberta”, sabe umas coisas assim? (ENI – Iuna).

Nesse sentido Munanga (2009) destaca que o racismo tem como postulado fundamental da existência uma hierarquia de raças dentro da espécie humana, existindo nessa concepção raças superiores e raças inferiores, e que funcionam como uma categoria de dominação e exclusão. Na percepção das participantes o racismo no Brasil acontece de forma bem específica:

O racismo no Brasil se dá de um modo muito diferente de outros contextos, alicerçado em uma constante contradição. As pesquisas, histórias de vida, conversas e vivências cotidianas revelam que ainda existe racismo em nosso país, mas o povo brasileiro, de modo geral, não aceita que tal realidade exista. Dessa forma, quanto mais a sociedade, a escola e o poder público negam a lamentável existência do racismo em nosso país, mais ele se propaga e invade as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais e educacionais dos negros (MUNANGA; GOMES, 2016, p.181).

Na fala a seguir da participante Sabrina, vemos que esse racismo, esse preconceito é praticado em várias esferas da sociedade, e em muitos casos consiste em um julgamento prévio e falta de conhecimento. E é necessário a partir da fala dela que seja feita uma desconstrução, começando por pessoas próximas, como familiares, amigos e amigas, pessoas que estão no nosso convívio.

A gente tem que desconstruir o racismo dentro da gente todo dia, porque todo dia ele é reafirmado na televisão, na onde a gente vai o racismo é reafirmado, eu sou colocada num lugar de privilegio em relação a você e a outras pessoas na sociedade, porque eu sou branca dos olhos verdes, todo dia, eu sou tratada de um jeito e se você for nesse mesmo lugar você pode ser tratada de outro jeito, então a desconstrução é todo dia (ENIV- Sabrina).

Compreendemos que as discriminações se alimentam e perpetuam por meio das ideologias que vão sendo reproduzidas e criadas para negar o racismo presente em nossa sociedade.

Nessa categoria identificamos alguns trechos em que aparecem o preconceito, o racismo, africanidades e as relações étnico-raciais. As próprias participantes trazem em seus relatos como anteriormente citados a busca pela desconstrução do racismo e a busca por novas posturas.

Os processos educativos desvelados nos mostram que apesar dos preconceitos que existem, há a preocupação em desfazê-los, há a preocupação em procurar relações favoráveis à desconstrução de ideias discriminatórias.

Estas falas somente encontram espaço para acontecer quando há abertura para a problematização e o diálogo sobre o diferente, sobre o que nos causa estranhamento, o que desperta nossa curiosidade (FREIRE, 2011b). É a partir da humanização das relações que se encontra a mais eficaz forma de combate às discriminações, pois se encontro em outrem o meu semelhante, reconheço nele a minha humanidade.

Entendemos que estas percepções se constroem cotidianamente ao longo da existência dos/as indivíduos/as, mas vemos como potencialidade para a construção de relações respeitadas e humanizadas o trabalho com a educação das relações étnico-raciais e a educação para as relações de gênero, dando o devido enfoque à diversidade, à pluralidade de formas de ser e estar ao mundo, a fim de combater desigualdades, discriminações e preconceitos.

Somente a partir de uma luta coletiva, que reconheça o passado colonizado do Brasil e as semelhanças dos/as escravizados/as, explorados/as e marginalizados/as, é que podemos vislumbrar novas posturas, questionando preconceitos, discriminações.

Reconhecer também a relevância da cultura negra para o nosso país é proporcionar a todos/as os/as brasileiros/as a oportunidade de se perceberem permeados por essas influências. Além disso, é uma forma de combater o racismo, identificando que o nosso país é também fruto do trabalho e da luta dos/as negros/as.

5.2 B - Como me sinto sendo mulher na Capoeira

Esta categoria traz os resultados em relação aos momentos, experiências e situações pelos quais as participantes passaram em suas práticas enquanto mulheres capoeiristas, como foi esse reconhecimento de ser mulher no mundo da Capoeira e, ainda, quais as implicações disso.

Essa categoria traz falas e sentimentos pessoais das quatro participantes capoeiristas. Falas essas que nos mostram o quanto é significante a educação para os papéis de gênero em nossa sociedade e na Capoeira.

Nas quatro entrevistas feitas foram identificadas várias situações que dificultam a permanência ou afastam as mulheres da prática da Capoeira, como:

- As duplas jornadas de trabalho: além do trabalho externo, as mulheres, muitas vezes, desempenham sozinhas as funções domésticas;
- A ausência de apoio para cuidar dos/as filhos/as: a responsabilidade de cuidar das crianças geralmente impede as mulheres de frequentar a Capoeira;
- O assédio sexual: muitas mulheres se afastam porque sofrem assédio dos homens do grupo, inclusive professores e Mestres; assédio moral, frequentemente, mulheres são expostas com comentários que as diminuem;

- No término dos relacionamentos com companheiros do mesmo grupo de Capoeira: a mulher questiona sua relação de pertencimento com o grupo de maneira comparativa com a do seu ex-parceiro;

- Violência física nas rodas de Capoeira;

- Falta de perspectiva com o seu próprio desenvolvimento com a dificuldade de ocupar espaços dentro da Capoeira, como por exemplo, tocar o gunga (principal berimbau da roda) e puxar um canto, como vemos nas falas seguintes da participante Iuna:

De subestimar mesmo, de tratar a gente como café com leite, e se deixar a gente fica como aprendiz o resto da vida tocando agogô, se deixar isso vai acontecer (ENI – Iuna).

A mulher não tá tocando o berimbau, e não percebe que ela não tá tocando o berimbau por muitos fatores, só acha que é falta de iniciativa dela, já percebi assim “mas porque que ela não vai?” e não percebe que pra ela ir é muito mais difícil que pra um homem, de falar deixa eu pegar o berimbau pra tocar, é muito importante ainda nesse momento alguém facilitar, incentivar, é isso (ENI- Iuna).

Falar que a Capoeira é um ambiente masculino e machista chega a ser redundante, mas identificar essas diferenças encontradas para mulheres e homens é importante, mais do que isso é começar a identificar o que está naturalizado, o que passa despercebido, o que nos passa sem que nos dê o tempo de compreender.

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos educativos subjacentes (CARNEIRO, 2003). Também esta prática lhes possibilitou identificar as diferenças nos papéis de homens e mulheres na sociedade, assim como podemos ver nas falas a seguir:

E a Capoeira também, fez eu começar a perceber, mas depois um tempo viu, que existe uns papéis que são mais facilitados para os homens, que a gente tem que transgredir dentro de si pra alcançar, então o casamento e a Capoeira fez eu perceber essa diferença, e a partir, quando abriu essa janelinha eu comecei ver um monte, mas essas duas coisas que me fizeram abrir essa janela de nossa é diferente pra homem e pra mulher, você acredita que eu fiquei muito tempo da minha vida sem perceber essa diferença? (ENI- Iuna).

Apreendi que existe muita diferença entre ser mulher e homem nesse mundo, eu comecei a perceber (ENI – Iuna).

E perceber, que eu, por exemplo, já fiquei em papéis de submissão e tal sem saber assim, aceitando, aceitando (ENI – Iuna).

As falas da participante Iuna trazem o que nós mulheres passamos diariamente na Capoeira e em vários outros espaços em nossa sociedade. Precisamos estar afirmando e provando que somos capazes de fazer algo, somos capazes de jogar Capoeira, que somos capazes de tocar um instrumento, que somos capazes de sermos capazes. Segundo Zonzon (2014) as expressões como

“as mulheres não seriam capazes” aparecem com frequência nos debates sobre mulheres na Capoeira e isso sugere que “a mulher deve permanecer eternamente no lugar de aluna nova” (ZONZON, 2014, p. 233).

Como vemos nas falas seguintes das participantes Dandara e Aiyra, trazendo a reflexão de autoafirmação, provando algo, para alguém, ou para um grupo. Comentam também dessa situação de pressão que existe no mundo da Capoeira, de sempre ter que comprovar que é capaz para ser aceita.

Mas sempre vai ter esse preconceito da mulher em algum canto que ela se desenvolva mais, sempre vai ter um “por que que ela tá ali?” (ENII- Dandara).

Eu acho que eles veem as mulheres assim, tem que tocar, cantar, fazer acrobacia, quebrar pau, eu vejo assim entendeu? Tem que ser completa... e bonita (risos) (ENII – Dandara).

Existe essa cobrança sim que pra gente ser alguma coisa a gente tem que ser a mais foda do mundo (ENIII – Aiyra).

Nossa eu acho que na Capoeira isso aparece demais, é gritante, eu acho que tem que ficar provando, eu não tenho essa preocupação, mas eu acho que é uma coisa que aparece muito e é um saco sabe? Eu não quero tocar o berimbau da melhor maneira possível pra falar “olha eu sou mulher e eu posso”, eu quero tocar porque eu quero aprender enquanto ser humana assim, mas existe isso dentro da Capoeira e é um saco assim (ENIII – Aiyra).

Apesar de todas as contradições, a figura feminina tem se inserido no campo da Capoeira, “existem mestras, contra-mestras e professoras no Brasil e no exterior desenvolvendo trabalhos de qualidade. (...) Mas, infelizmente, o preconceito persiste” (FERNANDES; SILVA, 2009, p.3). As autoras realizaram um estudo, por meio de aplicação de questionários, para mulheres praticantes de Capoeira, em duas academias da cidade de Campinas-SP, com análises qualitativas. Nessa pesquisa, trinta por cento das entrevistadas disseram que suas famílias não as aceitam como capoeiristas. Quando perguntadas se já sofreram preconceito na prática da Capoeira, noventa e seis por cento diz que sim. “[...] seja através de músicas preconceituosas, no momento em que participavam de uma roda, ou através de outro tipo de intimidação como: atitudes de desprezo, recusa de homens em jogar com uma mulher e comentários maldosos” (FERNANDES; SILVA, 2009, p. 6).

Nosso estudo também traz que as participantes sofreram ou sofrem algum julgamento familiar, e também já sofreram preconceitos na Capoeira, mas para, além disso, as participantes da nossa pesquisa buscam formas de transformar o meio em que vivem, e a comunidade em que se inserem, buscando alternativas para resistirem e não desistir da Capoeira. Apesar das dificuldades, essas mulheres buscam melhorias e transformações para os contextos no qual estão inseridas.

Nas falas a seguir, as participantes trazem a discussão das inúmeras dificuldades que foram encontradas por elas para ocupar o espaço da Capoeira. Nesses exemplos é que muitas mulheres

desistem e se afastam da Capoeira. Trazem referências sobre a relação com os/as filhos/as e companheiros.

Eu acho que a Capoeira apesar de ser pra criança, mulher e homem, é um espaço muito dominado por homens, é difícil as vezes ocupar esse espaço, porque você quer ir no evento de Capoeira e não tem espaço pra levar seus filhos, e a gente sabe que na realidade a gente cria e a mulher que cuida do filho, sabe? (ENIII- Aiyra).

Ah eu já teria parado, com certeza, a maioria para por causa disso, né? Às vezes não tem incentivo do marido, às vezes não tem com quem deixar o filho, minhas filhas já levei pra um monte de roda de Capoeira, até pra São Paulo uma delas já foi quando era pequena, então a mulher tem que ir se encaixando, não tem com quem deixar? Leva junto! (ENII – Dandara).

A mulher concilia o inconciliável, ela é mãe, esposa, serviçal dos/as filhos/as, administradora da comida, e ao mesmo tempo, profissional, professora, engenheira, faxineira, e um malabarismo para equilibrar, tentando representar diferentes papéis sociais que lhe esgotam as energias (WHITAKER, 1993). Como vemos nas falas da participante Dandara a seguir, a mulher precisa fazer escolhas tentando conciliar:

Então a Capoeira assim pra mulher, ela tem que fazer uma escolha, você tem que conciliar em ser a capoeirista e a dona de casa, a mãe, a esposa, são várias coisas que você tem que tá ali, aqui e tudo ao mesmo tempo, tem que conciliar, eu já tive vontade de parar com a Capoeira por causa disso, eu sou mãe, sou esposa, sou mulher também (ENII – Dandara).

São escolhas, né? Porque pro homem é diferente, porque o homem não, assim se você for ver a diferença entre o homem e a mulher na Capoeira, o homem é pai e é marido, mas assim ele pode virar as costas assim vamos dizer e ir lá fazer, treinar, dar aula, viajar, não tem tanta aquela preocupação que a mulher tem, é totalmente ao contrário, tanto fisiologicamente como socialmente, né? (ENII- Dandara).

Se fala muito sobre a mulher ocupar o espaço da Capoeira, dos eventos e dos treinos, mas não há a preocupação que a mulher tem outras demandas, enquanto os homens, que são isentos desses papéis e seu tempo é para ele próprio. Mas temos que deixar de lado aquela ideia aparentemente progressista de que o companheiro deve ajudar a mulher nas tarefas que são dela, e a partir disso surgir a ideia de divisão de responsabilidades (WHITAKER, 1993).

Nas falas seguintes sobre os eventos e festas feitos nos grupos de Capoeira, é muito comum que mulheres não consigam ocupar os espaços, mas também é muito comum que determinados papéis sejam atribuídos a elas sem questionamentos, como é o caso da culinária nos eventos, onde fica de responsabilidade das mulheres a demanda da alimentação para todas e todos que estarão participando.

Toda vez que tem festa de Capoeira sempre tem comida, alguém vai fazer as comidas, quem vai fazer as comidas? (ENIV- Sabrina).

E é muito comum, e também da mulher ficar nesse papel de na hora dos eventos de cozinhar, de limpar, quando os homens tão lá com os Mestres, fazendo coisas legais, as mulheres ficam lá na sustentabilidade, a mulher é útil na Capoeira nesses papéis, de organização, de comida (ENI – Iuna).

Nossos dados mostram que as desigualdades existem e são inúmeras, homens estão à frente dos grupos de Capoeira, comandam as rodas, tocam o berimbau, e ficam próximos dos Mestres/as de Capoeira. Enquanto as mulheres fazem parte da organização, limpeza e cozinha e quando “sobra um espaço” elas podem jogar, podem cantar ou ficar próximas desses/as Mestres/as.

As participantes de nossa pesquisa trazem em seus relatos que a Capoeira é um reflexo da sociedade, e que existem posições de submissão e hierarquias presentes nela. Como vimos nas falas anteriores, a participante Iuna traz esse incômodo, criticando que somente homens participam das partes “legais” da Capoeira. Os papéis de gênero são culturalmente naturalizados e aceitos em nossa sociedade, mas há um fortalecimento por parte de mulheres, e mulheres capoeiristas para transformar essa situação.

A profundidade em ser mulher ou ser homem está diretamente ligada ao conceito de cultura, que é um conjunto de valores, conhecimentos e práticas de uma sociedade. Ela está dividida em subculturas, que correspondem a grupos e classes sociais, a cidade e ao meio rural, mas privilegia os conteúdos culturais das classes dominantes. O fator conflitante é que essas subculturas ainda se fragmentam, subdividindo-se em subcultura feminina e subcultura masculina, esta sempre superior à outra (WHITAKER, 1993).

Para as participantes do estudo, é de extrema relevância que todas as mulheres que praticam Capoeira se fortaleçam, mas isso não significa sair de seus grupos e formarem grupos femininos. As participantes Iuna e Sabrina trazem que é necessário se fortalecer enquanto mulheres, mas permanecer em seus grupos de origem para que haja transformação, para que consigam modificar os meios em que convivem.

Então eu acho que é isso que eu falaria para as mulheres que querem entrar na Capoeira, buscar espaços para se fortalecer, mas não adianta todas as mulheres só fazerem uma Capoeira só feminina, eu acho assim ter momentos pra se fortalecer é legal, mas sempre em relação aos homens, se não, não vai evoluir, né (ENI – Iuna).

Não concordo com as mulheres que saem dos seus grupos, e monta um grupo só de mulher, e fica treinando só mulher treinando com mulher e tal, não concordo com isso não, ah! Mas eu concordo com o que a mestra Janja falou no dia que eu vi ela na palestra dela lá, foi na USP, no evento desse ano da mulher na Capoeira, é... eu concordo que as mulheres permaneçam nos seus grupos de origem e façam um movimento intergrupal de mulheres, vamos nos fortalecer como mulheres mas trazer essa força pro grupo, isso eu acredito, acredito nisso (ENIV- Sabrina).

Eu acho que ser mulher com fundamentos enraizados dentro da prática da Capoeira atualmente é uma coisa que pode trazer fortaleza pra muita gente nesse mundo, em qualquer espaço, inclusive na academia (ENIV- Sabrina).

Foi possível observar nas falas das participantes da pesquisa, que ocorrem processos educativos relacionados à enraizamento, à fortalecimento, à resistência. Que a Capoeira possibilita e favorece a percepção ou compreensão dos papéis de gênero que são ali construídos e/ou reforçados,

mas que também podem ali ser transformados e aos aprendizados e ensinamentos que se referem ao ser mulher, ser mãe, ser esposa e ser capoeirista.

A liberdade feminina é um processo histórico lento, que ainda está caminhando, e que não ocorrerá nesse tipo de sociedade em que vivemos, pois isso implica também a liberdade masculina. Enquanto lutamos para termos uma sociedade sem preconceitos raciais, sociais e sexuais, temos que procurar relações mais igualitárias, promovendo isso em nossas famílias, nossa comunidade, nossa escola e com nossos/as companheiros/as de Capoeira.

A Capoeira é um misto de luta, dança, brincadeira, teatralização, jogo e tem inúmeras características, que fazem com que ela possa ser praticada por qualquer pessoa, independente de sua raça, religião, sexo, idade e condição física. Isso faz com que repensemos, a todo o momento, o papel da mulher na sociedade, e na prática social da Capoeira. Pensamos que a Capoeira deve ser refletida, proposta e praticada de forma democrática e igualitária.

5.3 C- Capoeira que transforma

Nesta categoria apresentamos os resultados que dizem respeito a situações e experiências em que se referem como a Capoeira mudou suas vidas e suas formas de ver, ser e estar ao mundo, bem como os aprendizados a partir da Capoeira, além das contribuições para a vida em sociedade.

Eu tenho muita dificuldade de definir o que ela é, mas fico com uma sensação é que eu tô na frente dela, e é igual quando eu tô na frente do mar, sabe? Que você entra no mar, você vai lá, sente as ondas e tal, mas eu não consigo ver o fim, e imagine quantos mundos não existe dentro do mar? Fico com essa sensação da Capoeira, que ela é como se fosse o mar e que eu nunca vou conseguir ter noção de tudo assim, mas enquanto isso, eu fico aproveitando tudo que, a brisa, às vezes vou numas ondas mais fortes, às vezes fico na praia, acho que a Capoeira é uma grande riqueza que nosso país tem, né? E atualmente no mundo, mas é uma grande riqueza cultural, artística, e que envolve muitas coisas, né? Prática social afro-brasileira que engloba muita coisa (ENI – Iuna).

Existem diversas maneiras e momentos nos quais aprendemos e ensinamos, e nossa experiência de vida nos ensina por meio do convívio e das trocas de saberes. Ao convivemos com grupos e pessoas, precisamos estar dispostas/os a essas trocas, a essas interações de saberes. Durante a vida, temos momentos de aprendizados intensos em casa, com a família, com os amigos, na rua, enfim, aprendemos sempre. Nas falas seguintes as participantes descrevem quais aprendizados foram proporcionados a partir da Capoeira, aprendizados esses que são transferidos para outros espaços, como dizem as participantes:

Aprendi que quando muita gente se junta, com o mesmo objetivo, no caso de uma roda de Capoeira, quando todo mundo está muito concentrado num mesmo objetivo da roda de Capoeira, assim, por exemplo, de fazer uma roda legal, existe uma energia mesmo na roda, né? Como se fosse uma mágica, eu aprendi isso assim, que o ser humano tem uma força muito grande quando se junta num propósito, no caso da roda de Capoeira é um propósito legal né? Dependendo da roda de Capoeira...

mas ai tem uma força que pode mudar a gente, fazer a gente ser mais alegre, mas feliz, não acho que a Capoeira é a única fonte de felicidade (ENI- Iuna).

Ela ensinou que a gente tem que respeitar muito aos outros, a socialização entre um e outro, as diferenças sociais, tudo nesse termo, ela me fez ver que um dia você está bem e no outro você não está bem, um dia você está pra cima, um dia você tem amigos outros dias não, ela me ensinou melhor a conviver com pessoas diferentes, saber conversar, ela me pôs num lugar assim que muitas mulheres antigamente e ainda hoje não tem coragem, de entrar no esporte, de praticar um esporte qualquer que seja, a Capoeira eu vejo que melhorou isso em mim (ENII- Dandara).

Aprendi que as pessoas são surpreendentes, né? que eu também sou, e que todo mundo é, e que às vezes você fica esperando uma coisa e vem outra, então eu acho que eu aprendi a lidar mais com essa dualidade, que, nossa como posso explicar isso? De que a vida é uma surpresa mesmo, de que o outro é uma surpresa, e de estar preparado pra isso, de ser mais flexível, mais maleável (ENIII- Aiyra).

Eu aprendi que a gente pode superar nossos limites, eu aprendi com a Capoeira que quando você começa a treinar você sente uma dificuldade muita grande de fazer os movimentos (ENIV- Sabrina).

A relação entre o aprender e o ensinar na Capoeira, ultrapassa as questões relativas somente ao treino de Capoeira, como o jogo, a música, o canto e a brincadeira. Os ensinamentos e aprendizados são para além desses fazeres, mas é por meio deles que meninos e meninas, homens e mulheres aprendem para a vida.

Aprender para a vida, dentro da Capoeira, é uma lição que essas mulheres participantes da pesquisa nos mostram. Não faz sentido separar os ensinamentos e aprendizados que ocorrem dentro dos grupos dos saberes e fazeres que ocorrem fora dos grupos de Capoeira, já que essas mulheres se formam dentro e fora da Capoeira.

A fala da participante Dandara traz seu sentimento de quando presenciou a Capoeira pela primeira vez, entendendo que participar daquilo traria satisfação para sua vida.

“Fizer aquilo lá, eu vou ficar feliz, vai me completar”, ai me apaixonei pela Capoeira (ENII- Dandara).

Nas declarações a seguir das participantes Aiyra, Iuna e Sabrina podemos perceber o quanto é possível vivenciar e aprender no mundo da Capoeira e como é transformador esse processo. Dentro da Capoeira, vivenciamos momentos de emancipação, opressão e libertação. Cada capoeirista com suas potencialidades e limitações, procurando saídas libertadoras para transformar. Desta forma, é que “há sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação” (FREIRE, 2005, p. 192).

Eu acho que é um espaço de libertação, espaço de autoconhecimento, espaço de crescimento pessoal muito forte, acho que é liberdade a palavra mesmo, porque é me permitir, me permitir conhecer o outro, me permitir me conhecer, me permitir errar, me permitir me expor, é... Acho que é isso (ENIII- Aiyra).

A Capoeira vai me mostrando um mundo, vai me libertando, né? Porque ela vai me mostrando a humanidade, a história da humanidade, ela me mostrou primeiro a história dos negros, que me fez pensar a minha história como branca aqui no Brasil, a história dos negros no Brasil me fez pensar a história dos brancos, aí depois no Doutorado ela me mostra como o universo, a história da humanidade que começa em África (ENIV – Sabrina).

A Capoeira em si é uma coisa muito maior, é uma entidade praticamente, é uma entidade mesmo, que ela dá e tira, conforme se dá pra ela, ela te dá em dobro, conforme você tira, ela tira em dobro, a Capoeira é uma entidade e nós somos apenas instrumentos pelo qual passa a Capoeira (ENIV- Sabrina).

Através da Capoeira a gente se melhora como ser humano (ENI – Iuna).

As participantes da pesquisa mostram em suas falas que a Capoeira transformou suas vidas e seus modos de pensar, pois na convivência com a Capoeira é possível conhecer, aprender e se transformar. A prática social da Capoeira promove essa experiência, de se reconhecer como sujeito no mundo.

Nós, como sujeitos de transformação, vamos nos recriando no convívio de uns/umas com os/as outros/as, mas, sem deixar de ser o que somos, vamos interagindo, transformando-nos e contribuindo para a formação de outras pessoas.

Nas falas seguintes das participantes Sabrina, Aiyra e Dandara também vemos como são possíveis transformações libertadoras através da Capoeira. O processo de libertação parte do educar e educar-se, e a Capoeira promove esse movimento.

Quem me propiciou esse aprendizado foi a Capoeira que me abriu, me libertou, me abre pra ver o mundo de uma forma mais global até hoje (ENIV- Sabrina).

E às vezes é também uma válvula de escape pra mim também, porque às vezes tô meio cansada da rotina, do dia-a-dia, e aí é um espaço que é meu, que é pra mim, e eu acabo desestressando, e aí são muito significados (risos), acho que é isso que me mantém lá (ENIII- Aiyra).

Então ela tem importância no meu convívio social, ela me ajuda a trabalhar psicologicamente falando, por exemplo, se eu tomo uma queda na Capoeira eu tenho que me levantar, respirar fundo e me controlar, na vida também é a mesma coisa, então a Capoeira me dá isso, me dá um controle físico e mental, ela tem essa importância (ENII- Dandara).

Existem diversas maneiras e momentos nos quais aprendemos e ensinamos, e nossa experiência de vida nos ensina por meio do convívio e das trocas de saberes. Ao convivemos com grupos e pessoas, precisamos estar dispostas(os) a essas trocas, a essas interações de saberes, e a Capoeira promove isso, como vemos nas falas das participantes, é na convivência que aprendemos e trocamos saberes.

São múltiplas as sensações que o corpo transita dentro da roda da Capoeira. As questões que nos atravessam na história pessoal, grupal e social de cada um/a de nós. Sobre o assunto, a autora Zonzon (2014) nos diz:

É um espaço de encontros múltiplos, fortuitos, desiguais, lúdicos, amistosos, imprevisíveis e perigosos. É o ambiente donde nasce a sabedoria que o capoeirista expandirá para outros ambientes: da pequena para a grande roda. Ou, pelo menos, esse seria o objetivo da iniciação e a comprovação de que o aprendizado está sendo bem sucedido, já que como argumentam alguns mestres: não basta ser um jogador de capoeira, precisa ser um capoeirista aqui (na academia) e “no mundo de fora”. (ZONZON, 2014, p. 76).

Essa Capoeira que transforma só é possível, pois ela é vivida em comunidade, em convivência, em união com os/as parceiros/as de prática. Oliveira e Stotz (2004) dizem que conviver é estar junto, pois assim são construídos laços de simpatia, humildade, confiança e assim o respeito pode emergir. Como vemos nas falas a seguir sobre viver melhor com a Capoeira:

Vai, faz a Capoeira pra você, pro seu retorno também, mas sem querer atender expectativa masculina, acho que é isso que eu queria falar mais (ENIII- Aiyra).

Você vive melhor, você não sobrevive, você vive melhor, a sua vida é melhor com a Capoeira, independente das suas condições materiais (ENIV- Sabrina).

Dentro da Capoeira é acolhimento, é aprendizado, comunidade, bora lá (ENIV- Sabrina).

Como diz Sabrina, a Capoeira é acolhimento, é aprendizado. A Capoeira está disponível para ensinar, para abraçar, para acolher quem estiver disposto/a a se doar a ela.

Colaborar, resistir, lutar e aprender são características presentes na prática social da Capoeira. Por meio dela, capoeiristas demonstram sua ginga, mantêm e renovam a tradição e criam estratégias de ser e estar no mundo. Fazem-se ouvir por meio do canto e da música, colocam-se por meio do jogo, reafirmam suas identidades e reforçam a importância do reconhecimento da Capoeira como resistência negra, na qual homens e mulheres se educam e se formam para a vida.

A Capoeira é um espaço de convivência, um espaço onde fazemos amizades, onde nos relacionamos. Nas falas seguintes, as participantes da pesquisa mostram o quanto foi e é importante para elas essa questão social que a Capoeira oferece.

Porque a Capoeira é uma prática muito social, né? Tem muito essa questão do social (ENI – Iuna).

Eu acho que até os meus 22 anos e estive na Capoeira pelo prazer de social, por me movimentar, por me dar alegria, atualmente eu percebo que a Capoeira tem uma potência assim, de a gente ter uma outra visão, do mundo, da gente mesmo, então eu acho que a Capoeira possibilita o autoconhecimento, eu acho que ela possibilita enxergar melhor (ENI – Iuna).

E eu entrei mais na faculdade por causa da Capoeira, a Capoeira abriu várias portas pra mim, não só profissional mas também de amizades, né? E eu entrei na Educação Física e aí comecei a dar aula de Capoeira para crianças de 4 a 6 anos, dei aula de 2004 a 2008, tive alunos até a corda bege, e dei aulas para crianças e adultos, mulheres também (ENII – Dandara).

É um espaço de socialização muito forte pra mim também, eu conheço muita gente por causa da Capoeira, eu fiz muita amizade, que são amizades intensas dentro da Capoeira (ENIII – Aiyra).

Então muito das coisas que aconteceram na minha vida eu não escolhi entrar, mas depois que eu entrei eu escolhi permanecer, a Capoeira Angola foi assim (ENIV-Sabrina).

Foi possível observar nas falas das participantes da pesquisa, que ocorrem processos educativos relacionados à liberdade, ao aprendizado, à experiência de vida, à convivência, à resistência, e aos aprendizados e ensinamentos que se referem às relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Todas essas maneiras de se educar dentro do grupo em que essas mulheres se inserem trazem características do viver em comunidade, em que a colaboração e o respeito se fazem presentes.

A oralidade, o jogo, a dança, a música a relação entre o mundo visível, real, concreto com o mundo invisível e dos mistérios são elementos que permeiam as falas das participantes deste estudo e nos mostram as visões de mundo que constituem o universo da Capoeira.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS

*Já passou aquele tempo
Que era só bater pandeiro
Bater palma e cantar coro
Pra poder ganhar terreno
Mulher na roda
Não é pra enfeitar
Mulher na roda
É pra ensinar
(Carolina Soares)*

A pesquisa desenvolvida traz o desafio de não trazer respostas fechadas, mas sim de oferecer esta escrita como um possível caminho de desconstrução e construção de imagens sobre mulheres capoeiristas. Já que sou uma mulher capoeirista e escrevo a partir do meu corpo, das minhas vivências, da minha presença que continua acontecendo até agora, as questões apresentadas são parte também de meu desenvolvimento na prática, das minhas experiências, das significações e subjetividades possíveis de objetivar nesta escrita, deixando muitas coisas ao nível do invisível, impossíveis de trazer aqui.

Quando penso em finalizar, lembro-me do começo e vejo que terminar o texto é um recomeçar, recomeçar a pensar, ter novos desejos de pesquisa, novos olhares, novas tentativas, abrir portas e janelas para o novo e para o que não foi dito.

A experiência da pesquisa mostrou-me que olhar para processos de resistência de mulheres dentro da roda de Capoeira, leva à reflexão sobre assuntos de grande profundidade, tais como as relações de gênero, as relações étnico-raciais, a vida em sociedade e a existência de saberes diferentes. Conhecendo faces das diversas realidades das minhas interlocutoras, fui convidada a olhar para estas questões, em mim mesma e nas relações pessoais ao meu redor, de onde brotou a inspiração para a pesquisa. Que feliz oportunidade de conhecer um pouco mais a Capoeira dei a mim mesma!

O diálogo construído entre os saberes dos dois espaços nos quais transitei como pesquisadora, o da academia e dos encontros com as participantes, possibilitou chegar a algumas compreensões a respeito dos processos educativos desencadeados na prática da Capoeira praticada por algumas mulheres, entendendo tais processos a partir de aspectos históricos de luta de mulheres por espaço e reconhecimento neste campo. Além de conhecer a trajetória dessas mulheres na prática da Capoeira e compreender a escolha e permanência delas nessa prática.

Por meio desta pesquisa, pude ver a beleza do encontro entre os universos popular e acadêmico, aprendi que existem diferentes perspectivas sobre as histórias da Capoeira. Foram muitos aprendizados, o ensinar e o aprender ao mesmo tempo; a “intuição”, tão necessária no decorrer da pesquisa; o respeito; a luta. Destaco aqui que as entrevistas contribuíram para o

fortalecimento da oralidade, como uma oportunidade para trocar e reafirmar as histórias dessas mulheres capoeiristas.

Aprendi ainda e fundamentalmente que as segregações e os preconceitos pelos quais passam as mulheres fazem com que a cada dia reforcem a luta, criem estratégias e diversas maneiras de ser e estar ao mundo, por meio da Capoeira, das histórias de vida, das experiências vividas e a troca de saberes.

Entre os aprendizados que tive durante esse processo de pesquisa, destaco nossa aproximação com grupos de manifestações culturais populares de matriz africana. A partir do convívio e das trocas de ensinamentos e aprendizados, pudemos buscar a transformação de nossas práticas educativas, desenvolvendo, em conjunto com esses grupos, ações para o reconhecimento e a valorização da cultura popular e também para a educação das relações étnico-raciais.

Em consonância com aportes de Freire (2005), Whitaker (1993), Louro (1997), Oliveira et al. (2014), os resultados do estudo permitem afirmar que as participantes, conviveram, colaboraram, aprenderam e ensinaram, desta forma fortalecem-se como autoras de suas próprias histórias.

As mulheres participantes da pesquisa ensinaram, a mim, a partir de seu saber de experiência, que com a Capoeira na contemporaneidade, podemos vivenciar, a partir da prática, os fundamentos ancestrais e suas adaptações atuais, dentro das contradições, disputas e tensões geradas nas relações sociais. Viver a Capoeira é movimento, entrar na roda é movimentar nossos pensamentos, estruturas, valores, ideias, práticas e saberes construindo nossas corporeidades neste aqui e agora.

Este estudo traz contribuições no sentido de mostrar para pessoas que atuam no campo da educação para as relações étnico-raciais, que a educação pela Capoeira é uma, entre as muitas possibilidades ainda pouco exploradas, de promover processos educativos junto a esta prática.

É preciso que sejam contadas outras histórias, afirmadas novas verdades a partir de outros pontos de vista, buscando outras formas de ver e conhecer, fortalecendo argumentos que reforcem o questionamento desses mitos que há tanto se instauraram em nossa sociedade. Concordamos com Quijano (2005), quando o autor diz que: “é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos” (p. 126).

É necessária a construção de imagens positivas acerca do continente africano, dos/as negros/as africanos/as e afro-brasileiros/as, é preciso desconstruir imagens, crenças e valores que durante muito tempo tem contribuído para inferiorizar tudo aquilo que não se encaixa nos padrões eurocêntricos. É preciso reconhecer nossas identidades de povo latino-americano e tomar como objetivo comum para a busca de um novo projeto de sociedade, o combate às injustiças que vem sendo cometidas contra os/as marginalizados/as da nossa sociedade.

Com relação aos/às negros/as afro-brasileiros/as esse processo envolve que se mexa nas feridas causadas pelo racismo velado, pelo mito da democracia racial, pela crença de que “somos todos iguais”, pelas práticas racistas silenciosas que se fortalecem nas relações pessoais e instituições sociais. Esse movimento se dá no desejo de que o povo negro se reconheça como construtor deste país, como produtor de conhecimento e também como força na luta por um país justo.

Para isso é preciso que também os/as brancos/as brasileiros/as sejam capazes de fazer a denúncia, de reconhecer que estamos inseridos em uma sociedade que é racista, e não mais negar a existência do racismo, mas reconhecer que estamos imersos num contexto permeado por práticas racistas. Para além da denúncia, é preciso fazer o anúncio, assim como Freire (2011b) que “[...] não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, político, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens” (FREIRE, 2011b, p. 126).

Câmara (2004) afirma que a Capoeira pode configurar-se “[...] enquanto um processo educativo de perpetuação de valores e crenças da comunidade afrodescendente, na tentativa não apenas de se libertar da marginalização e das discriminações, mas também de afirmar uma identidade afrodescendente” (p.9).

Relacionando com nossa revisão de literatura no artigo de Amaral e Santos (2015) traz que a Capoeira é luta que remonta à ancestralidade afro-brasileira, capaz de transmitir, por meio do jogo e de suas músicas, os conteúdos negados da história e cultura da população negra no Brasil.

Os processos educativos desvelados apontam a diversidade de conhecimentos que decorrem de uma vivência com a Capoeira, como: aprendizados históricos e sociais, a luta contra a discriminação e o preconceito, aumento da compreensão sobre a condição de mulher no contexto social em que estão inseridas, bem como, o aumento da compreensão sobre os papéis de gênero existentes em nossa sociedade e vislumbres de como superá-los, na potência do resistir.

Em consonância com a dissertação de mestrado de Ferreira (2016) vista em nossa revisão de literatura, concordamos que as mulheres capoeiristas buscam mecanismos de afirmação nos espaços, dentro e para além da Capoeira, de maneira a (re)significar seus corpos por meio desta arte/luta/jogo/brincadeira e apropriar deste espaço como um espaço também pertencente ao feminino.

No que se refere à metodologia da pesquisa, considero que os procedimentos metodológicos adotados mostraram-se adequados ao seu desenvolvimento. A opção por fazer a pesquisa *com* as mulheres, convidando-as a participar da construção de conhecimentos em um processo dialógico, permitiu que as reflexões sistematizadas partissem do pensamento e da visão delas mesmas.

A opção por utilizar entrevistas semiestruturadas como ferramenta de coleta de dados permitiu conhecer as participantes da pesquisa de uma forma muito próxima e criarmos relações de

afeto e colaboração. Os laços criados entre nós, com respeito às diferenças, constituíram um campo de trocas, onde pudemos aprender e ensinar umas às outras.

A experiência desta pesquisa, dentro de suas delimitações, trouxe muitos aprendizados, e olhando para tantas perguntas que ela despertou, percebo que a relação entre mulheres e a Capoeira, é um campo amplo, instigante e ainda pouco estudado, sobre o qual ainda temos muito a pesquisar.

Devo dizer que, no decorrer da pesquisa, encontrei limites e dificuldades. O primeiro deles foi com relação ao tempo que tivemos para a realização da pesquisa. Esse tempo, ao qual estamos condicionadas, acaba por impor o ritmo das coisas e prejudica aprofundamentos e abordagens de determinadas ideias que surgem nesse caminho. Posso destacar ainda como limitação deste estudo a dificuldade em elencar as categorias de análise, diante de tantos dados coletados.

Durante a pesquisa, vamos amadurecendo os pensamentos, tendo novos olhares, enxergando novas possibilidades, e o tempo da academia, nesse caso, não está a nosso favor. Como é difícil fazer esse exercício, ao estudar um universo tão múltiplo, com tantas possibilidades de compreensão e de entendimento como a Capoeira. Outro ponto que é relevante, com relação aos limites desta pesquisa, é a dificuldade de assumirmos outros lugares, sairmos do papel de pesquisadoras acadêmicas para buscar compreender os diferentes modos de vida e de significar o mundo.

Enfim, com este estudo, foi possível perceber que aprendemos, trocamos, ensinamos e nos refazemos por meio dos convívios existentes nos processos educativos da vida de mulheres capoeiristas.

A Capoeira é um dos tantos espaços onde a disputa pela existência de práticas não machistas e não racistas torna-se um desafio cotidiano que no decorrer da disputa de poder entre gêneros, sexos, classes sociais e etnias vão construindo possibilidades emancipatórias. As mulheres a partir do fundamento da Capoeira e as reivindicações por permanência nesse espaço vão construindo uma nova forma de ser e estar e que se expande para outros espaços. Isso significa pensar em construção permanente, em luta constante utilizando a ginga, a mandinga, nossa ancestralidade como estratégia de luta, para nosso cuidado corporal, nossa liberdade, nossa possibilidade de ser quem queremos ser. A perspectiva é o projeto político antirracista e antipatriarcal, que vai além da prática da Capoeira.

O novo projeto político antipatriarcal deve começar pelo respeito à alteridade e redefinição dos papéis dentro da dinâmica da sociedade. Trata-se, portanto, de uma relação em que ambos os lados contribuem para a libertação e construção de uma relação que privilegie a dinâmica da alteridade. Dussel assim propõe a libertação no que tange à erótica:

A libertação do éros se realiza pela libertação da mulher, o que permitirá ao homem recuperar parte da sensibilidade perdida na ideologia machista. Libertação do antigo patriarcalismo (que já os indoeuropeus e semitas transmitiam milenarmente), libertação da mulher definida desde sempre como castrada, como não-falo. É necessário começar de novo (DUSSEL, 1977a, p. 90).

Sendo assim trata-se de uma libertação complementar que na medida em que propõe uma nova dinâmica social visa redefinir os conceitos e os papéis sociais tanto da figura masculina, quanto da figura feminina.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas: UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2005.
- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006
- ACUÑA, Mauricio. The berimbau's social ginga: notes towards a comprehension of agency in capoeira. Rio de Janeiro: **Revista de Sociologia e Antropologia**. 2016 (págs. 383-405).
- ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 11(2): 445-465, julho-dezembro/2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2003000200006>. Acesso em: 11 set. 2018.
- ALMEIDA, Juliana Azevedo de; TAVARES, Otavio; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. A reflexividade nos discursos identitários da Capoeira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 375-390, jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132892012000200009&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- AMARAL, Débora Monteiro do. **Mulheres da reforma agrária na educação: os significados em ser pedagoga da terra**. 2014. 212 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
- AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do; SANTOS, Valdenor Silva dos. Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 62, p. 54-73, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S002038742015000300054&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig; VIEIRA, Luiz Renato. **Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira**, 1999, p. 46.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Ringue ou academia? A emergência dos estilos modernos da capoeira e seu contexto global. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 135-150, jan. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702014000100135&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- ARAÚJO-OLIVEIRA, Sonia Stella. Exterioridade: o outro como critério. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SOUSA, Fabiana Rodrigues de (Orgs.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- ARAÚJO, Rosângela Costa. Elas Gingham! In: PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões; FIGUEIREDO, Franciane Simplício; MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade; MACHADO, Sara Abreu da Mata (Orgs.). **Capoeiras em múltiplos olhares. estudos e pesquisas em jogo**. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.
- AREIAS, Almir das. **O que é Capoeira**. 4ª edição São Paulo: Tribo, 1998.

AZEVEDO, Tania Maria Cordeiro de. **Brinquedos e gênero na educação infantil**: um estudo do tipo etnográfico no estado do Rio de Janeiro. (Tese de Doutorado) São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2003.

BARBOSA, Maria José Somerlate. A mulher na capoeira. **Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies**, V. 9, 2005, p. 9-28.

BARBOSA, Viviane Malheiro. **Mulher na roda**: experiências femininas na capoeira Angola de Porto Alegre. 2017. 156 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BARROS, Líliam; BACCINO, Marcelo Pamplona. Capoeira na disciplina sociologia da música. **Per Musi**, Belo Horizonte, n. 32, p. 323-337, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151775992015000200323&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.

BATALHA, Ettore. **A tradução da mandinga**: as reinterpretações da capoeira em São Paulo durante a ditadura militar. Dissertação (Pós-Graduação em Sociologia) São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2018.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**: convivência, respeito e tolerância. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sara Knopp. Notas de campo. In_____: **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994, p. 150-175.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.308-345.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sugestões para um jovem pesquisador. In: BOSI, Ecléa (Org.) **O tempo vivido da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003. p.59-67.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Prefácio Perguntas, pesquisas. Para quem? Para quê? In: OLIVEIRA, Maria Waldenez de.; SOUSA, Fabiana Rodrigues de. (Orgs.) **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EDUFSCar, 2014, p. 11-18.

BRASIL. Constituição Federal (1988). Artigo 216. Rio de Janeiro: [s.n.], 1988. 00 p. Disponível em:<https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp>. Acesso em: 14 jan. 2019.

BRASIL. DECRETO-LEI n. 3.199, de 14 de abr. de 1941. **Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país**. Rio de Janeiro, v. 1, abr. 1941. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Ético-Raciais e para o Ensino de História e cultura Afro-Brasileira**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Diário Oficial da república Federativa do Brasil. Brasília, DF, 20 jul. 2010. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br>. Acesso em: 11 dez. 2018.

BRASIL. LEI n. 378, de 13 de jan. de 1937. Dá nova organização ao Ministério da educação e Saúde Pública. Rio de Janeiro, p. 00-00, jan. 1937. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

CÂMARA, Engels. **Capoeira Angola**: uma contribuição à prática do professor no reconhecimento e valorização da comunidade afro-descendente. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, nº 49, p. 117 – 203, dez. 2003. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008>. Acesso em: 15 jan. 2019.

CARNEIRO, Sueli. Raça e gênero. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (org.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas e Editora 34, 2002. 1 ed.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil**: a história que não se conta. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1991.

CASTIANO, José Paulino. **Filosofia africana**: da sagacidade à intersubjetivação. Maputo: Educar, 2015.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 5. ed.. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

COTA, Maria Celia. De professores e carpinteiros: Encontros e desencontros entre teoria e prática na construção da prática profissional. **Educação e filosofia**. Uberlândia, v.14, n. 27/28, jan/jun e jul/dez., 2000. p.203-222.

DUARTE, Camila Tanure. **Relações educativas no brincar na educação infantil e no ensino fundamental**: construção de identidades e autonomia em crianças. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

DIAS, João Carlos Neves de Souza e Nunes. Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 620-628, set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742010000300009&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.

DUSSEL, Enrique. Cultura ilustrada e libertação da cultura popular. In: DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana III**: erótica e pedagógica. Piracicaba: UNIMEP, 1982.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação na América Latina**. Piracicaba: UNIMEP; São Paulo: Loyola, 1977a.

DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana III**: erótica e pedagógica. Piracicaba: UNIMEP; São Paulo: Loyola, 1977b.

DUSSEL, Enrique. **Oito ensaios de política sobre cultura latino-americana e libertação**. Tradução: Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Paulinas, 1997. (Coleção: Atualidades em diálogos).

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Carla Cristiane; SILVA, Paula C. da C. Um estudo sobre a participação feminina na capoeira em Campinas/SP. **Educação Física em Revista**, v. 2, nº 2, 2009.

FERREIRA, Tarcísio José. **A capoeira sob a ótica de gênero**: o espaço de luta das mulheres nos grupos de capoeira. 2016. 133 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO.

FIORI, Ernani Maria. Educação libertadora. In _____. **Textos escolhidos**, v. II. Educação e Política. Porto Alegre L&PM, 1991, p. 83-95.

FIORI, Ernani Maria. Conscientização e educação. In BRASIL. Ministério da Saúde. **II Caderno de educação popular em saúde**. Brasil Ministério da Saúde, 2014, p.55-72.

FIRMINO, Camila Rocha. Capoeiras: gênero e hierarquias em jogo. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Vol. 1: A vontade de saber. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade e outros escritos**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIGERIO, Alejandro. Capoeira: de arte negra a esporte branco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v.4, n.10, p.85-98, jun/1989.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América latina**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende; PEREIRA, Vinícius Oliveira. Educação e patrimônio: notas sobre o diálogo entre a escola e a capoeira. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 62, p. 74-90, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S002038742015000300074&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **Edital de atividades de extensão** - vivências em atividades diversificadas de lazer. São Carlos: ProEx/UFSCar, 2013.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Dialogando sobre a capoeira: possibilidades de intervenção a partir da motricidade humana. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.3, p.700-707, jul./set. 2009.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Brasília, 2008.

LIMA, Luiz Augusto Normanha. **A capoeira: um discurso em extinção**. São Paulo: PUCSP/FAPESP, 1990.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, jan./fev./mar./abr. 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo; TRIGUEIRO, Nilene Matos. Educação, jogo de corpo e “mandinga” na capoeira de Bimba. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 38, n. 104, p. 89-102, abr. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622018000100089&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto. Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 267-278, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092015000200267&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio. et al. Protagonismo infantil na educação física: Uma experiência pedagógica com a capoeira. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 29, n. 2, p. 51-73, dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087191872016000200004&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.

MATOS, Janaína barbosa; MENEZES, Fábio Sprada de. Capoeira para deficientes visuais: comparação do equilíbrio entre praticantes e não praticantes de capoeira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 81-93, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132892012000100007&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MEYER, Dagmar. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 33^a ed., Petrópolis (RJ), Editora Vozes, 2013.

MONTEIRO, Adriana Diniz. et al. Tempo de reação de escolha de capoeiristas iniciantes e experientes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 37, n. 4, p. 395-399, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132892015000400395&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.

MOURÃO, Ludmila; GOMES, Euza Maria de Paiva. Mulheres no ringue: a pioneira Maria Aparecida de Oliveira. In KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.). **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2.ed, 2016.

NAVARRO, Verónica Daniela. **N'outras corpas Desconstruções e múltiplas possibilidades corporais na capoeira angola do grupo Nzinga**. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS/ Sulina, 1999, p. 61-93.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: UFBA, 2009.

OLIVEIRA, Maria Waldenez.; STOTZ, Eduardo Navarro. Perspectivas de diálogo entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico. In: **Reunião Anual da Anped, 32., Caxambu. Anais...** Caxambu, 2004. p. 1-17.

OLIVEIRA, Maria Waldenez; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida V. G.; JOLY, Ilza Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), 32. Sociedade, cultura e educação: novas regulações. 2009, Caxambu-MG. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2009.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de. et al. Processos educativos em práticas sociais: Reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues de (Orgs). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EDUFSCAR, 2014, p. 29-46.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Leituras de artigo de Fiori, com a intenção de despertar outras leituras. In BRASIL. Ministério da Saúde. **II Caderno de educação popular em saúde**. Brasil Ministério da Saúde, 2014, p.49-54.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SOUSA, Fabiana Rodrigues de. Apresentação. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SOUSA, Fabiana Rodrigues de (Orgs). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.7-10.

PETRY, Diogo Miranda; NERY, Sheila; GONCALVES, Clezio Jose dos Santos. Avaliação neuropsicológica de idosos praticantes de capoeira. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 51-54, jan. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151786922014000100051&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo no Rio de Janeiro (1890-1937)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p.73-117.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapoã, 1968.

ROSA, Camila Simões. **Mulheres negras e seus cabelos: um estudo sobre questões estéticas e identitárias**. 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzales Colombo. **A Entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 112 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **As mulheres não são homens**. 2011. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/As-mulheres-nao-sao-homens/19489> acesso em: 05 mai. 2019.

SANTOS, Sílvia Macêdo dos Anjos. Mulher e Capoeira: reflexões da convivência, lugar social e participação na diversidade. In: Grupo Conviver (org.) PRASERES JR., Jaime de Oliveira; LIMA Efon Batista; OLIVEIRA, Rejane de; OLIVEIRA, Fredson. **Diversidade e convivência: construindo saberes**. Salvador: EDUFBA, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Texto reproduzido na **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20; n. 2; p. 71 – 99; Jul/ Dez, 1995.

SILVA, Ana Beatriz Matilde. **Capoeira no ensino fundamental: processos educativos decorrentes de uma intervenção**. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

SILVA, Lucas Contador Dourado da; FERREIRA, Alexandre Donizete. Capoeira dialogia: o corpo e o jogo de significados. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 665-681, set. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132892012000300010&lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2018.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira nas aulas de educação física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 4, p. 889-903, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132892011000400007&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Africanidades. **Revista do Professor**, Porto Alegre, p.29-30, out./dez. 1995.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In: BARBOSA, Lúcia M. de A.; SILVA, Petronilha B. G.; SILVÉRIO, Valter R. (Orgs.). **De preto a afrodescendente**: trajetos de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil. São Carlos: EDUFSCar, 2003, p.181-197.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais**. Educação. Porto Alegre, V. 63, nº 03, Set-Dez de 2007, p. 489-506.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. A palavra é.... africanidades. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v.15, n. 86, p.42-47, 2009.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Práticas sociais e processos educativos: da vida e do estudo até o grupo de pesquisa. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SOUSA, Fabiana Rodrigues de. **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; ARAUJO-OLIVERA, Sonia Stella. Cidadania, ética e diversidade: desafios para a formação em pesquisa. VI Encuentro Corredor de las Ideas del Cono Sur "Sociedad civil, democracia e integración". Montevideo-Uruguai. 2004.

SILVA, Rafael Ferreira da. **A mulher na capoeira e a participação no movimento de resistência ao sistema racista e patriarcal**. IV Seminário Enlaçando Sexualidades, V.1, 2015.

SILVÉRIO, Valter Roberto. (Ed.). **Síntese da coleção história geral da África**: pré-história ao século XVI. UNESCO/Brasil; MEC; UFSCar. 2013.

STOTZ, Marcelo Backes Navarro; FALCÃO, José Luiz Cirqueira. Ritmo & rebeldia em jogo: só na luta da capoeira se canta e dança?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 95-100, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132892012000100008&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba**: corpo de mandinga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

SOUSA, Fabiana Rodrigues de. **A noite também educa**: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição. 2012. 291 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

TEIXEIRA, Iraí Maria de Campos. **Saberes e práticas populares de saúde**: os processos educativos de mulheres camponesas. 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

TUTU, Desmond. Ubuntu: sobre a natureza da comunidade humana. In: TUTU, Desmond. **Deus não é cristão e outras provocações**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012, p.41-44

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Os desafios contemporâneos da capoeira. **Revista Textos do Brasil**, Brasília, v. 1, n. 14, 2008. p.7-19.

VITÓRIA, Andréia. A malta de saias ginga na UFRN: desconstruindo o machismo na roda viva. **Revista INTERFACE** – Natal/RN – v.12 nº 2 | jul/dez 2015.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & homem**: o mito da desigualdade. São Paulo: Moderna, 1993.

ZONZON, Christine Nicole. **Nas pequenas e grandes rodas da capoeira e da vida**: capoeira, corpo, experiência e tradição. Salvador: UFBA, 2014, p. 255. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia - Salvador, 2014.

ANEXO 1



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Mulheres na Capoeira: Resistência dentro e fora da roda

Pesquisador: ANA BEATRIZ MATILDE DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 87017218.5.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.689.978

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de Mestrado, de caráter qualitativo. O estudo será realizado com quatro mulheres capoeiristas. Será feita entrevista semi estruturada e observação participante. A análise dos dados seguirá a proposta de interpretação qualitativa de dados formulada por Minayo.

Objetivo da Pesquisa:

Descrever e compreender os processos educativos desencadeados na prática da Capoeira feita por mulheres, entendendo tais processos a partir de aspectos históricos de luta de mulheres por espaço e reconhecimento neste campo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos com a participação é de eventual constrangimento durante a coleta de dados, mas cuidados como a discrição, o respeito e o sigilo estão sendo e serão tomados para evitá-lo. Benefícios:

Poderá haver benefícios com a participação na pesquisa no sentido de evidenciar a luta de resistência dessas mulheres na roda e fora dela buscando reconhecimento e

valorização das mulheres capoeiras, sendo que esta discussão poderá trazer benefícios para os campos da Educação, Capoeira, cultura afro-brasileira e Gênero.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9683 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 2.689.978

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Temática com relevância acadêmica e social. Método de pesquisa adequado para responder aos objetivos.

Cronograma exequível.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados todos os documentos obrigatórios recomendados pelo CEP: formulário com informações sobre o projeto da Plataforma Brasil; projeto detalhado com o cronograma; folha de rosto assinada pela pesquisadora e diretora de centro e TCLE.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pesquisadora acrescentou no TCLE o tempo aproximado da entrevista; que será feito observação participante e o direito a indenização caso ocorra algum dano referente a sua participação na pesquisa (Resolução CNS 466/2012, Item IV.3-h).

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1079019.pdf	09/05/2018 18:56:57		Aceito

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclefinalcorrigido.pdf	09/05/2018 18:56:15	ANA BEATRIZ MATILDE DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetopesquisaBia.pdf	28/03/2018 18:29:41	ANA BEATRIZ MATILDE DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	28/03/2018 14:45:05	ANA BEATRIZ MATILDE DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO
CARLOS



Continuação do Parecer: 2.689.978

SAO CARLOS, 04 de Junho de 2018

Assinado por:
Priscilla Hortense
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Telefone: (16)3351-9683

CEP: 13.565-905

Município: SAO CARLOS

E-mail: cephumanos@ufscar.br

APÊNDICE 1

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. O que e como ensinam e aprendem mulheres na prática da Capoeira?

Dados iniciais:

- nome
- idade
- nasceu onde? Mora atualmente onde?
- há quanto tempo pratica Capoeira?

Questões:

- Me conte desde o início sua prática na Capoeira.
- Por que escolheu essa linhagem da Capoeira?/ Por que você trocou de linhagem?
- Você teve incentivo de alguém para começar essa prática?
- Por que está a esse tempo treinando Capoeira? O que fez com que você decidisse continuar até agora praticando essa vivência?
- O que significa a Capoeira em sua vida?
- me conte o que você aprendeu com a Capoeira?
- O que você ensina para suas colegas de vivência?
- Sofreu algum preconceito/estranhamento por treinar Capoeira? Se sim, qual/quais.

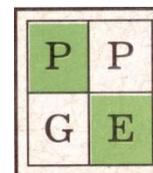
Como superou?

- teve apoio das pessoas no seu convívio (família, amigxs, companheiros) para viver essa prática? Se sim me conte como. Se não porque você acha que não apoiam?
- em sua opinião como é vista a mulher no mundo da Capoeira?
- Que conselhos você daria para mulheres que desejam iniciar essa prática?
- Tem mais alguma coisa, comentário sobre algo que não perguntei e que você deseja me contar?

APÊNDICE 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
 CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
 Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676
 Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356
 CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil
 e-mail: secppge@ufscar.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa de Mestrado sob o título “MULHERES NA CAPOEIRA: RESISTÊNCIA DENTRO E FORA DA RODA”. O objetivo central deste estudo é descrever e compreender os processos educativos desencadeados na prática da Capoeira feita por mulheres, entendendo tais processos a partir de aspectos históricos de luta de mulheres por espaço e reconhecimento neste campo. Sua participação neste estudo consistirá em conceder entrevistas gravadas e autorizar sua utilização na pesquisa, a entrevista pode ter aproximadamente a duração de quarenta minutos. Os dados coletados consistirão na transcrição das entrevistas e registros em diário de campo feitos através da observação participante. Você poderá desistir de participar desta pesquisa e retirar seu consentimento a qualquer momento antes de sua conclusão, sendo que sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. A participante da pesquisa tem o direito a indenização caso ocorra algum dano referente a sua participação de acordo com a Resolução CNS 466/2012, (Item IV.3-h). Todos os dados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, possibilitando a divulgação dos resultados da dissertação em congressos, palestras e outros eventos científicos. Os riscos com sua participação é de eventual constrangimento durante a coleta de dados, mas cuidados como a discrição, o respeito e o sigilo estão sendo e serão tomados para evitá-lo. Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro por ela. Não haverá despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da sua participação na pesquisa. Poderá haver benefícios com a sua participação na pesquisa no sentido de evidenciar a luta de resistência dessas mulheres na roda e fora dela buscando reconhecimento e valorização das mulheres capoeiras, sendo que esta discussão poderá trazer benefícios para os campos da Educação, Capoeira, cultura afro-brasileira e Gênero. Salientamos que as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e que os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, assegurando o sigilo sobre sua participação. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados documentais e o telefone da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto, agora ou a qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Pesquisadora Responsável: Ana Beatriz Matilde da Silva
Aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Educação / UFSCAR
Orientada pela professora Dra. Aida Victoria Garcia Montrone
Endereço: Rua Dom Pedro II, nº 2431, bairro Vila Monteiro, São Carlos/SP
Contato telefônico: 19-99123-4006
E-mail: anab.matilde@hotmail.com
Local e data: _____

Ana Beatriz Matilde da Silva

Nome da participante da Pesquisa:
(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____)

APÊNDICE 3

CAPOEIRA E FAMÍLIA	SER MULHER NA CAPOEIRA	CAPOEIRA QUE TRANSFORMA
<p>A Capoeira assim, na minha família ou nos lugares que eu ia sempre soava como uma coisa legal - E1-Iuna</p>	<p>E dai era bem complicado nessa época de treinar, porque o pai da minha filha não queria ficar com a minha filha pra eu fazer Capoeira, ele era meio preconceituoso com a Capoeira e também tinha ciúmes, e ai eu tinha que arrumar, porque ela era muito pequenininha, tinha 6 meses, 7 meses, 8 meses, então não dava pra deixar com qualquer pessoa e a família dele também não gostava, achava um absurdo eu fazer Capoeira, você acredita? Ai foi uma época que eu não treinei muito, treinava ao poucos, poucas vezes né E1-Iuna</p>	<p>Porque a Capoeira é uma prática muito social né, tem muito essa questão do social E1 - Iuna</p>
<p>Minha família é muito de mulheres, eu nunca tinha morado com nenhum homem antes de morar com o pai da minha filha, porque desde pequenininha fui morar com a minha vó, com a minha mãe, e na casa da minha vó, minha vó teve 4 filhas e 1 filho, praticamente todas as filhas dela já morou na casa dela em algum momento, então sempre fui muito embebedada de mulheres, e essas mulheres, a maioria eram artistas assim, então essa questão da dança tava muito presente, mas nunca ninguém tinha feito Capoeira lá, mas sempre tinha uma impressão boa, até preciso pesquisar da onde vem essa impressão boa da Capoeira, mas sim, nunca me podaram. E1 – Iuna</p>	<p>Tinha um professor, que sempre me respeitou bastante, mas eu percebi que ele tinha uma mulher muito mais nova que ele, inclusive eles engravidaram e ele era uma pessoa que dava muito em cima de outras meninas do grupo, e isso me incomodava, mas em mim ele nunca deu em cima E1 – Iuna</p>	<p>Voltei a treinar porque me fazia bem, porque eu me sentia mais forte, me sentia mais alegre, era mais pra alegria mesmo, e eu sempre gostei muito de movimentar o corpo. E1 - Iuna</p>
<p>E a minha filha não mostra muito interesse pela Capoeira, mas eu percebo que ela já sabe tocar um pandeirinho e ta cantando e tal, e eu queria que ela encontrasse alguma coisa e também fortalecesse ela, e fizesse ela esquivar de situações ruins assim, eu acho que a Capoeira</p>	<p>Aprendi que existe muita diferença entre ser mulher e homem nesse mundo, eu comecei a perceber E1 – Iuna</p>	<p>Eu acho que até os meus 22 anos e estive na Capoeira pelo prazer de social, por me movimentar, por me dar alegria, atualmente eu percebo que a Capoeira tem uma potência assim, de a gente ter uma outra visão, do mundo, da gente mesmo, então eu acho que a Capoeira possibilita o</p>

ajuda isso também, a gente esquivar de situações ruins E1 – Iuna		autoconhecimento, eu acho que ela possibilita enxergar melhor E1 - Iuna
A primeira vez foi em Minas Gerais, em cidadezinha chamada Patos de Minas, aonde a família do pai da minha filha, achavam um absurdo, que Capoeira era pra marginal e pra homem, então eles achavam um absurdo, inclusive o pai da minha filha também não curtia, e agora ele tá mais aceitando, ele nunca assumia, mas assim olha “não gosto de Capoeira”, mas nas sublinhas a gente percebia e a família dele falava escancaradamente assim, mas com o tempo eles foram engolindo isso né, mais com eles assim que eu mais senti E1 – Iuna	Mas até então eu não tinha essa consciência dessa diferença social entre ser uma mulher na sociedade e o homem, foi através da gravidez, do casamento, que eu percebi que tinha coisas diferentes E1 - Iuna	Sabe quando você tira mais véus da realidade assim? Então eu percebo que a minha ingenuidade, eu rompi minha ingenuidade na Capoeira, se acredita? Com as vivências da Capoeira, seja com um pontapé, ou seja, com alguma coisa ruim de alguma relação, ou seja com a própria história da capoeira né, que veio de pessoas escravizadas e tudo mais, então, eu percebo que alguma época eu sempre fiquei numa... Sempre tentando ver o mundo como tudo muito lindo, e eu acho que a Capoeira me ajudou muito a observar que tem a maldade, que tem a bondade, isso aí foi muito importante pra mim E1 – Iuna
Minha mãe, ela as vezes, mas isso é muito particular dela, ela tem um preconceito com a questão energética assim, acha que a energia que acontece na roda, ela sabe da influencia africana então ela imagina que tem um pouco dessa questão dos orixás, e ela fala que tá meio contra o que ela acredita de espiritualidade, então ela “não é uma coisa que mais te aprisiona do que te liberta”, sabe umas coisas assim? Mas nunca me impediu. O meu pai é da congregação sacristã do Brasil, e quando ele veio aqui me visitar, ele é um pai super ausente, devo ter visto ele na minha vida sei lá umas 10 vezes, mas uma vez ele veio me visitar aqui em São Carlos, e ele ia ficar aqui uma semana, e eu ia pros treinos, e ele falava... “parece que a Capoeira é muito importante pra você, porque eu tô aqui e em vez de você ficar comigo, você vai pra Capoeira né, então vê a importância que você tá dando”, não falou “nossa que legal que você faz Capoeira”, só isso, mas também não quis me impedir de fazer nada, apesar de que meu pai nem tem tanta força pra ficar palpitando demais na minha vida. E1 – Iuna	E a Capoeira também, fez eu começar a perceber, mas depois um tempo viu, que existe uns papéis que são mais facilitados para os homens, que a gente tem que transgredir dentro de si pra alcançar, então o casamento e a Capoeira fez eu perceber essa diferença, e a partir, quando abriu essa janelinha eu comecei ver um monte, mas essas duas coisas que me fizeram abrir essa janela de nossa é diferente pra homem e pra mulher, se acredita que eu fiquei muito tempo da minha vida sem perceber essa diferença? E1- Iuna	Através da Capoeira a gente se melhora como ser humano. E1 – Iuna

<p>E ai eu e meu marido, que agora é contramestre, a gente treinou junto, a gente se conheceu na Capoeira, ele já fazia um tempo e nos conhecemos lá E2- Dandara</p>	<p>E perceber, que eu por exemplo já fiquei em papéis de submissão e tal sem saber assim, aceitando, aceitando. E eu acho que quando eu era menor, e acho que atualmente as pessoas de 13, 14 anos tem mais possibilidade, não sei, de informação, ou eu não sei se é porque eu abri essa janelinha, mas agora que ta todo mundo falando sobre isso né? Naquela época não tinha tanto, devia ter, mas não tinha acesso, não percebia, não sei E1 - Iuna</p>	<p>Eu tenho muita dificuldade de definir o que ela é, mas fico com uma sensação é que eu to na frente dela, e é igual quando eu to na frente do mar, sabe? Que você entra no mar, você vai lá, sente as ondas e tal, mas eu não consigo ver o fim, e imagine quantos mundos não existe dentro do mar? Fico com essa sensação da Capoeira, que ela é como se fosse o mar e que eu nunca vou conseguir ter noção de tudo assim, mas enquanto isso, eu fico aproveitando tudo que, a brisa, as vezes vou numas ondas mais fortes, as vezes fico na praia, acho que a Capoeira é uma grande riqueza que nosso país tem né, e atualmente no mundo, mas é uma grande riqueza cultural, artística, e que envolve muitas coisas né, pratica social afro-brasileira que engloba muita coisa. E1 – Iuna</p>
<p>Em 99 eu dei uma parada com a Capoeira porque eu engravidei, e depois de 3 anos eu voltei de novo, teve umas pausas né, mas ai minha filha mais velha começou a interagir com a Capoeira, com 4 anos ela já entrava na roda E2- Dandara</p>	<p>E lógico que buscando transformar isso né, eu tenho muita vontade de ter uma referência feminina na Capoeira, e todo Mestre que eu encontro eu pergunto, qual sua referência feminina pra eles, e todos os homens ficam “ah não gosto muito de falar sobre isso...” ninguém assume uma referência, as vezes eles falam “ah tem uma capoeirista que eu achei muito boa, ela não sei o que...” e sempre falam da Jararaca que era mulher do Curió, primeiro fala e depois fala o nome dela que era Jararaca, a mulher de não sei quem, que chama Mara em Piracicaba, eu já ouvi algumas mulheres, mas nenhum homem tem uma referência, assim lógico que os alunos da Mestra Gege falam “minha Mestra”, os alunos da Mestra Janja também falam, mas dos mestres mais antigos e dos mais novos também, por exemplo o Mestre Toni Vargas, eu perguntei e ele não falou nenhum referência, todo mundo fica bem, com cuidado, pisando em ovos E1- Iuna</p>	<p>Eu tô num processo de autoconhecimento, mas eu acredito que eu tenho muita noção do meu corpo, e da minha relação do meu corpo com o espaço, e isso a Capoeira ajudou bastante, aprendi um pouco sobre isso que já falei né, ser um pouco menos ingênua no sentido de ver as malícias das situações humanas assim, sociais, de ficar mais ligado no que existe e que eu não vejo E1 – Iuna</p>
<p>Ai nesse meio tempo eu tive a outra filha né, em 2013, ai parei</p>	<p>Eu acho que, por exemplo, ontem eu tava mostrando</p>	<p>Aprendi que quando muita gente se junta, com o mesmo objetivo,</p>

<p>de novo com a Capoeira, tive muitas paradas com a Capoeira, é tive acidente de moto, ai até você voltar... ai tem aquele desanimo que você não quer mais voltar, ai tá o marido pra ajudar haha, ai eu tive minha filha mais nova e parei por mais 4 anos e voltei agora E2 – Dandara</p>	<p>exercício com o meu companheiro, ai os meninos.. “olha, ela tá quase batendo nele”, “tá quase pegando ele”, mas tipo, eu mostro que uma mulher também pode ser uma professora de Capoeira, eu acho importante a gente ta mostrando isso as vezes, os meninos ficam assim “olha, ela também pode”, e as meninas principalmente também, elas olham e pensam... E1 – Iuna</p>	<p>no caso de uma roda de Capoeira, quando todo mundo esta muito concentrado num mesmo objetivo da roda de Capoeira, assim por exemplo de fazer uma roda legal, existe uma energia mesmo na roda né? como se fosse uma mágica, eu aprendi isso assim, que o ser humano tem uma força muito grande quando se junta num propósito, no caso da roda de Capoeira é um propósito legal né? dependendo da roda de Capoeira... mas ai tem uma força que pode mudar a gente, fazer a gente ser mais alegre, mas feliz, não acho que a Capoeira é a única fonte de felicidade E1- Iuna</p>
<p>Tive vamos dizer empecilhos, por meu pai não queria deixar, não queria pagar também entendeu? E2 – Dandara</p>	<p>Mas o que eu acho que a gente tem que fazer o tempo inteiro é provar que a gente tem muita força, que a gente também tem muita potência, mas não que quero ser melhor, mas eu acho que a gente tem ficar mostrando principalmente que nossa potência não é na força do martelo, que é uma outra potência, e é isso que tem que ficar toda hora mostrando, tentando encontrar na verdade né? primeiro tentando encontrar qual que é a minha força E1 – Iuna</p>	<p>E como a Capoeira ela é uma prática social, ela reflete tudo que tem na sociedade também, ela tem uma potência, por ter essas matrizes africanas, por exemplo a roda não ter começo e nem fim, sabe essas coisas, muito interessantes, que a fortalecem, mas ao mesmo tempo essa coisa do opressor e do oprimido, se deixar... existe muito. E1 – Iuna</p>
<p>Quando eu quis treinar Capoeira meu pai foi contra entendeu, assim tem muita gente que acha que a Capoeira é assim só pra homem, um jogo mais masculino, mais pancadaria e não é E2- Dandara</p>	<p>Com a Mestre Gege e ela falou que no inicio ela achava que ela tinha que ficar batendo nas pessoas pra ser respeitada, mas ai ela percebeu que a força dela depois, não ta no masculino, ela achava que era o mais yang, o mais masculino, mas ai ela começou a perceber que a força dela tava na graça, na malemolência, em outras coisas que tinham mais a vê com o lado feminino dela, e ai que eu acho que ela teve uma força assim, e ai eu fiquei pensando nisso assim, nessa vivência que eu tive com ela E1 – Iuna</p>	<p>Eu também percebo nas referências né, quanto a gente tem de referências de outros assuntos e quanto a gente tem de referências boas na Capoeira, referências bibliográficas eu to falando, tem muito livro ruim de Capoeira e pouco em relação a outros livros de outras áreas E1 – Iuna</p>
<p>Fora, olha só pra você ver, os meus dois irmãos mais novos puderam treinar, meu pai pagava, nossa aquilo... E2- Dandara</p>	<p>Que eu tive oportunidade de fazer algumas oficinas, que elas falavam assim, “qual é a ginga feminina?” entendeu? É diferente, porque uma cabeçada aqui (mostra os seios) é diferente de uma mulher e pra um homem,</p>	<p>Com o convívio e tal a pessoa começa a vir até com os passos mais abertos do corpo, mas limpa, incrível, não sei se gosta mais e ai se cuida mais, já que não tem um adulto que cuida, então assim é um trabalho de</p>

	<p>como é o seu corpo feminino, porque como a Capoeira é muito masculinizada, a gente tem que encontrar qual é o jeito feminino de fazer as coisas, o nosso, e a nossa potência, então eu concordo com você, concordo com essa informação que a gente tem que ficar o tempo inteiro mostrando que a gente não é café com leite, quantas vezes eu tava numa roda normal, sabe quando você percebe com quem você vai jogar? E o cara que nem me conhece, nem sabe se eu jogo ou não deu um jeito de por uma mulher no lugar, quantas vezes isso já não aconteceu... De subestimar mesmo, de tratar a gente como café com leite, e se deixar a gente fica como aprendiz o resto da vida tocando agogô, se deixar isso vai acontecer, eu percebo, tem que tentar mostrar, mas não para ser melhor, nem pra ser exibida, eu já fui julgada de “ai que exibida”, mas não é, eu acho que a gente tem que se colocar assim, a gente no mundo da Capoeira, se não a gente vai ficar lá. E1 – Iuna</p>	<p>educação mesmo, de arte educação, de vários aspectos, através da Capoeira a gente ajuda a pessoa escovar o dente sabe? É um trabalho que eu gostaria de fazer pro resto da minha vida E1-Iuna</p>
<p>Eles começaram juntos, eu fui lá ver e ai um deles já foi, e depois o outro, meu pai pagou, e eu falei, caramba, o que é isso? E2-Dandara</p>	<p>Recentemente a secretária do centro cultural que eu dou aula chegou pra mim, e eu já tentei fazer uma turma de adultos lá em Ibaté, porque eu dou aula para crianças e adolescentes, os adultos, não sei porque se é um bairro, não, não é porque é um bairro mais simples, mas enfim, os adultos vão lá e quando sabem que é uma professora eles falam “ah, não vou treinar com professora” “professora vai dar aula de Capoeira?” mas ai não é um preconceito por eu tá na Capoeira, porque são pessoas que estão afim, é outro tipo de preconceito, nem foi na minha aula e já me subestima, “ah não vou aprender com uma mulher”. E1 – Iuna</p>	<p>É incrível quando a gente vai pra teoria né, pros livros, enriquece muito a prática, é importante incentivarem as pessoas a lerem sobre a Capoeira, saber falar né, sobre a Capoeira, acho que isso é muito importante E1 – Iuna</p>
<p>Eu creio que seja, sei lá, ele queria que eu estudasse? Que eu fizesse outra coisa? Ao invés de ir atrás de Capoeira, porque eu enforcava aula pra ir na roda de Capoeira (risos), uma vez meu</p>	<p>Tenho visto bastante o discurso que é muito importante a presença da mulher na Capoeira, inclusive agora lá em Ribeirão o Mestre Moraes falou isso numa pergunta que a gente fez, a</p>	<p>E eu achei muito interessante, muito magico aquelas movimentações, os instrumentos, cada pessoa tinha o porque de estar ali né, tem pessoas que ficam mais a vontade num</p>

<p>pai me pegou, aí o Mestre falou “Dandara, olha seu pai lá”, aí meu pai fez assim, vamos pra sala, ele me levou pra dentro da sala, eu estudava no Padre Armani, ele me levou e falou pra eu ir estudar (risos), então eu acho que seja isso, porque na época tinha o CAMPI, essas coisas, e meu pai disse que eu ia só estudar, mas não gostava muito de estudar sabe (risos), queria treinar, passear sabe? Então meu pai não queria que eu trabalhasse, queria que eu estudasse, ele achava certo né, mas podia deixar eu treinar Capoeira né? E2- Dandara</p>	<p>mulher é muito importante na Capoeira, então eu acho que a mulher é vista como uma coisa importante, mas não sei quanto verdadeiramente na ação tá sendo feito isso, porque uma coisa é falar outra coisa é mostrar na ação, de acolher a mulher como mulher, de valorizar a mulher como mulher dentro da Capoeira, não ficar querendo que as mulheres valorizadas serem as mais masculinizadas no jogo por exemplo, é então uma coisa é fala, outra coisa é, mas eu acho que tem um aspecto também na mulher na Capoeira que é achar que é o que embeleza, ou que deixa legal o ambiente, nessa coisa mais... Não sei explicar, como que eu explico? Tipo “uma festa com mais mulher”, pra dar graça ao lugar, acho que tem muito isso assim, por muito tempo a mulher ficou nessa área do samba né, embelezamento, na hora do samba todo mundo quer mulher, “mulheres, mulheres, venham mulheres” E1 – Iuna</p>	<p>instrumento, outras pessoas que ficam mais a vontade nas acrobacias E2- Dandara</p>
<p>Então, o meu marido sempre me incentivava, assim, era pra eu ter parado com a Capoeira já? Era! Mas ele fala assim “não, você chegou até aqui, e vai parar?” e ele fala “você já é professora e tudo, o que você plantou, você vai colher ainda, não desanima né” E2- Dandara</p>	<p>Na hora do samba, os homens “vem, vem, põe a saia”, se acha? Então é isso, e é muito comum, e também da mulher ficar nesse papel de na hora dos eventos de cozinhar, de limpar, quando os homens tão lá com os mestres, fazendo coisas legais, as mulheres ficam lá na sustentabilidade, a mulher é útil na Capoeira nesses papéis, de organização, de comida E1 – Iuna</p>	<p>E eu entrei mais na faculdade por causa da Capoeira, a Capoeira abriu várias portas pra mim, não só profissional mas também de amizades né, e eu entrei na Educação Física e aí comecei a dar aula de Capoeira para crianças de 4 a 6 anos, dei aula de 2004 a 2008, tive alunos até a corda bege, e dei aulas para crianças e adultos, mulheres também. E2 – Dandara</p>
<p>Então assim, por ele ser homem e marido eu acho legal da parte dele, e é difícil né ver marido né, falando pra ir treinar, não parar. E2- Dandara</p>	<p>A mulher não tá tocando o berimbau, e não percebe que ela não tá tocando o berimbau por muitos fatores, só acha que é falta de iniciativa dela, já percebi assim “mas porque que ela não vai?” e não percebe que pra ela ir é muito mais difícil que pra um homem, de falar deixa eu pegar o berimbau pra tocar, é muito importante ainda nesse momento alguém facilitar, incentivar, é isso. E1- Iuna</p>	<p>Então, assim foi uma coisa que me encantou quando eu vi entendeu? “nossa se eu fizer aquilo lá, eu vou ficar feliz, vai me completar”, aí me apaixonei pela Capoeira. E2- Dandara</p>
<p>Eu comecei a Capoeira por causa do meu filho, porque ele tinha</p>	<p>Conversar bastante com outras mulheres e com homens também</p>	<p>Eu me sinto bem, que eu me distraio, que eu canto, que eu</p>

<p>aula lá na Tic Tac na escola que ele estudava, aí ele sempre chegava em casa e mostrava um movimento pra mim, “olha esse rabo de arraia”, “olha esse não sei o que...” e eu sempre tive vontade de fazer Capoeira, desde quando eu era adolescente assim eu tinha vontade, só que o médico falava que eu não podia fazer porque eu tenho hiperfrouxidão E3- Aiyra</p>	<p>sobre a mulher na Capoeira, eu acho que tem que ser um assunto conversado E1- Iuna</p>	<p>jogo, que eu vejo amigos e amigas, então é uma harmonia que eu encontro ali nela, que eu vejo nela e é por isso que eu não parei, que ela tem uma importância pra mim, eu me vejo nela, se eu parar com ela eu paro minha vida, é meio difícil, da vontade de parar sim, você pensa, pensa, mas aí você vê que não vai seguir em frente com o seu objetivo que eu quero pra mim E2- Dandara</p>
<p>É que eu sempre gostei de cultura popular brasileira assim, sempre gostei muito de festa tradicional, gosto de maracatu, de cacuriá, gosto de... cacuriá não conhecia quando era criança, mas conhecia o maracatu, que os meus pais me levaram em alguns jogos de Capoeira, assisti, e eu gosto muito dessa cultura afro-brasileira sabe? E3- Aiyra</p>	<p>Com essa força do amor né, eu acho que não adianta ficar promovendo uma guerra de homens e mulheres sabe? Eu acho que tem que ser através do diálogo, E1- Iuna</p>	<p>Então ela tem importância no meu convívio social, ela me ajuda a trabalhar psicologicamente falando, por exemplo se eu tomo uma queda na Capoeira eu tenho que me levantar, respirar fundo e me controlar, na vida também é a mesma coisa, então a Capoeira me dá isso, me dá um controle físico e mental, ela tem essa importância. E2- Dandara</p>
<p>Minha família né, “nossa, você tá fazendo Capoeira?” “nossa”, e é né? to fazendo Capoeira! E no imaginário das pessoas, a Capoeira é aquilo que você dá uns pulos que vai lá no teto e cai e não sei o que... E3- Aiyra</p>	<p>Então eu acho que é isso que eu falaria para as mulheres que querem entrar na Capoeira, buscar espaços para se fortalecer, mas não adianta todas as mulheres só fazerem uma Capoeira só feminina, eu acho assim ter momentos pra se fortalecer é legal, mas sempre em relação aos homens, se não, não vai evoluir né. E1 – Iuna</p>	<p>Ela ensinou que a gente tem que respeitar muito aos outros, a socialização entre um e outro, as diferenças sociais, tudo nesse termo, ela me fez ver que um dia você está bem e no outro você não está bem, um dia você está pra cima, um dia você tem amigos outros dias não, ela me ensinou melhor a conviver com pessoas diferentes, saber conversar, ela me pois num lugar assim que muitas mulheres antigamente e ainda hoje não tem coragem, de entrar no esporte, de praticar um esporte qualquer que seja, a Capoeira eu vejo que melhorou isso em mim. E2- Dandara</p>
<p>Tive muito apoio do meu filho apesar dele ser pequenininho, foi engraçado porque no primeiro treino eu falei que eu não ia porque não tinha calça branca, porque eu sou meio tímida né, então chegar num lugar novo é muito difícil pra mim, “ah não vou porque não tenho calça branca”, aí ele, ele tinha oito, ele virou pra mim e disse assim” se sabe que isso não é desculpa né?, você sabe que pode ir lá com qualquer cor de calça, que isso não é motivo pra você não ir, se</p>	<p>Eu acho que é importante de tomar cuidado de não ficar sempre no papel de vítima, as mulheres que entrarem, porque se ficar nessa posição já, “ah eu não consigo”, tentar ficar nesse papel, eu acho que isso é importante, não estagnar. E1 – Iuna</p>	<p>Mestre Israel falou assim “vem treinar, você não precisa pagar, vem treinar, porque você vai pegar firme e vai virar professora”, ele me apoiou bastante, então assim é um Mestre que eu dou muito valor, me ensinou a tocar pandeiro, me ensinou os primeiros golpes, então ali dentro foi quem mais me apoiou E2- Dandara</p>

<p>você não quiser ir assume o motivo, a razão”, ele não falou desse jeitinho, mas foi o que ele disse, assume os motivos pelos quais você não quer ir, e no fim ele falou eu acho que você devia ir, e aí eu fui né com ele, E3-Aiyra</p>		
<p>A minha família até hoje não entende porque eu tô na Capoeira, já viram eu defender Mestrado e Doutorado sobre isso e não entende até hoje porque que uma doutora ta querendo tanto fazer Capoeira né, E4-Sabrina</p>	<p>As meninas que vão lá ter aula comigo tem uma jornada assim, de limpar banheiro, 10, 9 anos de idade, antes de ir lá, e os meninos, tem uns que tem essa jornada também, mas não sou todos, tem muitos que ficam na pipa né, então eu percebo isso assim, quando elas vem de alguma forma eu percebo que eles se jogam mais o corpo, e as meninas são mais cautelosas né? E1 – Iuna</p>	<p>Mas hoje eu vejo que o pessoal também mudou no sentido do estudo, o pessoal ta estudando bastante a Capoeira, antigamente a gente não estudava né, ia só lá treinava e o estudo que era bom nada, pegar e ver porque que chama isso, porque que chama aquilo, então a gente não tinha esse interesse, era só treinar e jogar, não tinha aquela conversa, hoje tem papoeira, tem tudo, então mudou esse lado e eu achei bem interessante, gostei. E2-Dandara</p>
<p>Aqui no Brasil a gente é formatado pra ser racista, todo mundo, porque a minha família ia ser diferente? E4- Sabrina</p>	<p>Mas eu percebo que as meninas que a gente da aula tem que incentivar mais, os meninos parece que se jogam mais, “quem quer cantar?” os meninos já fazem assim (levantar a mão), as meninas tem que incentivar mais, eu percebo essa diferença, eu vejo que a atuação em aula tem muito a ver com o que tá acontecendo na vida, então eles e elas conversam muito, chegam a apanhar, chegam e tão travado aí você vai perguntar é porque aconteceu alguma coisa, as meninas todas alguém já passou a mão na bunda delas, então eu tento usar isso assim, de usar a Capoeira pra se livrar dessas circunstâncias, E1 – Iuna</p>	<p>Entrem na Capoeira por vocês, trenem, trenem porque melhora o estado físico e emocional, você vai ter novas amizades, vai se socializar melhor, conhecer pessoas novas, vai aprender tocar, cantar e jogar, vai melhorar o alongamento, flexibilidade, não só as mulheres né, mas como a gente ta falando das mulheres E2-Dandara</p>
	<p>Ainda estou nesse processo de me assumir professora, sair desse papel de aprendiz para professora, é muito difícil, então é isso assim, mas aí eu percebo que quando me chamam de professora, os outros homens olham, “é”, que teve uma vez que uma pessoa me apresentou, e aí teve um cara que falou “ah, quero jogar com essa professora”, sabe quando querem ficar testando assim? Tem que mostrar que consegue, então eu fui sendo professora</p>	<p>É um espaço de socialização muito forte pra mim também, eu conheço muito gente por causa da Capoeira, eu fiz muita amizade, que são amizades intensas dentro da Capoeira, eu gosto dessa parte da musicalidade, de aprender, sempre tive essa dificuldade de cantar, eu sou uma pessoa meio sem ritmo, então a Capoeira me proporciona esse aprendizado também, e eu acho que eu aprendo muito dentro da Capoeira, aprendo muito, eu trago muito para a minha vida</p>

	pelas ocasiões da vida assim E1-Iuna	peçoal, E3- Aiyra
	Uma coisa que você ainda não falou, e eu sinto necessidade de falar, eu vivi muito disso em um grupo de Capoeira aqui da cidade, ou eu vivi antes mas não tinha consciência, mas nesse grupo eu tinha, é que as vezes a gente sendo mulher e mostrando muito interesse pela Capoeira, pelo aprendizado da Capoeira, você pode ser julgada de estar com interesse no professor de Capoeira e isso é muita sacanagem, porque lá eu me deslumbrei com o universo, de várias possibilidades que eu não tinha no abadá, de ter contato com livro e de não sei o que, ladainhas e muitas coisas, e eu mostrei muito interesse e ai eu já fui julgada de que eu tava com interesse no professor, pelos próprios professores E1 – Iuna	E as vezes é também uma válvula de escape pra mim também, porque as vezes to meio cansada da rotina, do dia-a-dia, e ai é um espaço que é meu, que é pra mim, e eu acabo desestressando, e ai são muito significados (risos), acho que é isso que me mantem lá. E3- Aiyra
	Ah eu acho que o corpo né? É muito fácil ser sensualizada na Capoeira, é muito fácil assim, e ai muitas vezes eu percebo que a nossa tendência é ficar escondendo né, a calça mais larga possível, uma blusa ta aqui pra, mas será que a gente precisa ficar se escondendo? Ou é importante que todo mundo se transforme? Acho que isso também é um pauta que já aconteceu de eu me senti inibida com uma certa roupa, e eu nem tava mostrando nada, e eu percebo assim que eu tenho que ficar pensando na roupa que eu vou na Capoeira. E1 – Iuna	O significado da Capoeira na minha vida... eu acho que é um espaço de libertação, espaço de auto conhecimento, espaço de crescimento pessoal muito forte, acho que é liberdade a palavra mesmo, porque é me permitir, me permitir conhecer o outro, me permitir me conhecer, me permitir errar, me permitir me expor, é... acho que é isso. E3- Aiyra
	É, teve um vez que um professor, lá nesse grupo, o professor chegou e disse você quis provocar todo mundo com aquela calça que você foi terça feira no treino? Desse jeito... e nem era nada, era uma calça tipo bailarina assim, só que daquela mais larguinha, um tecido fino sabe? E1 – Iuna	Aprendi que as pessoas são surpreendentes né, que eu também sou, e que todo mundo é, e que as vezes você fica esperando uma coisa e vem outra, então eu acho que eu aprendi a lidar mais com essa dualidade, que, nossa como posso explicar isso? De que a vida é uma surpresa mesmo, de que o outro é uma surpresa, e de estar preparado pra isso, de ser mais flexível, mais maleável, E3- Aiyra
	Mas foi bom para uma	Então se você consegue explorar

	<p>autorreflexão, e eu percebo que eu tenho muita dificuldade de assumir algumas coisas, como por exemplo eu nunca falei pra ninguém que fazem 20 anos que eu tive minha primeira aula de Capoeira sabe? Porque imagina você falar isso? Pensa nossa, você tem que saber fazer muita coisa né? E1 – Iuna</p>	<p>a beleza do outro você ganha também, então eu acho que eu ensino isso, ensino é muito forte, mas eu acho que eu ajudo a pessoa a olhar pras pessoas com mais amor assim, sem vaidade sabe? E3- Aiyra</p>
	<p>Então... Acha que você precisa? E é sempre uma auto superação né? Ficar superando, superando... E1 – Iuna</p>	<p>As mulheres acham que as mulheres tem que ocupar esse espaço, alguns homens acham que as mulheres tem que ocupar esse espaço e não subestimam sabe a capacidade de aprendizado, de fazer as coisas, de cantar, E3- Aiyra</p>
	<p>Então a Capoeira assim pra mulher, ela tem que fazer uma escolha, você tem que conciliar em ser a capoeirista e a dona de casa, a mãe, a esposa, são várias coisas que você tem que tá ali, aqui e tudo ao mesmo tempo, tem que conciliar, eu já tive vontade de parar com a Capoeira por causa disso, eu sou mãe, sou esposa, sou mulher também, então eu acho que esse brilho não pode perder, a mulher não pode perder, de querer viver a vida dela, ter um tempinho pra ela, a Capoeira é uma válvula de escape E2 – Dandara</p>	<p>Continuar porque é muito gostoso, acho que não tem um espaço que seja definido como masculino ou feminino, homem e mulher sabe? Eu falaria pra elas procurarem um grupo que elas se sintam respeitadas, acho que isso é muito importante, falaria pra não aceitar nenhum tipo de violência, se perceber que ta sendo violentada vai embora, denuncia, fala, busca outras mulheres, é isso E3- Aiyra</p>
	<p>As vezes a gente passa uma fase difícil, mas é só um ano, um mês ou dois anos, três anos, depende né do problema, mas então nesse momento, nesses 4 anos que eu fiquei parada eu escolhi ser mãe, não fiquei totalmente com a Capoeira, eu deixei vamos dizer ela um pouquinho de lado, um pouquinho não, bastante, e eu to cuidando da criança, e agora que ela vai fazer 5 anos acho que da um pouquinho, ela já tem suas obrigações, já entende já pode fazer algumas coisas sozinha, e eu posso voltar de pouco em pouco agora. São escolhas né, porque pro homem é diferente, porque o homem não, assim se você for ver a diferente entre o homem e a mulher na Capoeira, o homem é pai e é marido, mas assim ele pode virar as costas</p>	<p>Vai, faz a Capoeira pra você, pro seu retorno também, mas sem querer atender expectativa masculina, acho que é isso que eu queria falar mais. E3- Aiyra</p>

	<p>assim vamos dizer e ir lá fazer, treinar, dar aula, viajar, não tem tanta aquela preocupação que a mulher tem, é totalmente ao contrário, tanto fisiologicamente como socialmente né. E2-Dandara</p>	
	<p>Uma vez que uma mãe de uma amiga da minha filha mais velha perguntou se Capoeira era macumba, tem gente que acha que é, então é falta de conhecimento, as vezes eu vejo, hoje, mês passado eu já vi um preconceito assim “ah mas você faz Capoeira?” a pessoa fica meio assim de ficar perto de você entendeu? Por que? Por causa da falta de conhecimento, hoje em dia ainda tem isso, creio que tem muitas meninas, mulheres que queriam fazer e não fazem, por preconceito, por falta de conhecer a Capoeira. E2- Dandara</p>	<p>E ai quando eu vi aqueles mestres conversando entre eles, conversando com os alunos, dando oficina, e falando de um monte de coisa linda e maravilhosa, mas também com uma postura politica muita aguerrida assim, eu falei “noooooosssa, existe um universo que eu nem sabia que existia”, é possível a gente passar por essa vida sem saber todo o universo da cultura afro-brasileira, E4-Sabrina</p>
	<p>Tem até uma música da Carolina Soares, que ela fala “já passou aquele tempo, de só tocar pandeiro” cantar coro, e você tem que mostrar mais, ir além, entendeu? Eu vejo assim, acrobacia nunca foi meu forte, mas eu vejo que tem meninas que são mais valorizadas por fazer acrobacias, fica lindo, fica maravilhoso, mas minha coluna não deixa entendeu? Por isso que na Capoeira eu me encontrei nela, por que? Se não consegue fazer acrobacia, vou lá e toco, tenho problema com coordenação vou lá e canto, então você pode estar se esforçando, pode tá treinando, agora sim se você não consegue cantar, tocar e fazer acrobacia vai jogar entendeu? Faz um jogo maneiro, bonito, você tem que entrar na roda, você tem que se sentir bem, não querer assim ter que aprender isso pros outros me aceitarem na Capoeira, tem que ser você mesmo, sem pensar no que os outro vão pensar, se não você vai ficar parada no tempo e vai acabar parando por motivo dos outros. E2- Dandara</p>	<p>E parecia que o que me dava mais sanidade era a prática da Capoeira, então eu desisti de ser psicóloga logo que eu me formei, e queria ser capoeirista (risos), ai só que eu pensei que se eu fosse trabalhar isso ia inviabilizar um pouco os meus treinos, ia dificultar, então falei vou continuar estudando pra treinar Capoeira, e ai me falaram que tinha um núcleo de estudos afro-brasileiros na UFSCar, E4-Sabrina</p>
	<p>Quando eu peguei minha</p>	<p>Mas só que pra defender a</p>

	<p>primeira corda eu via assim que Mestres de outras cidades, quando tem batizado né vem os Mestres de outras cidades, e eu via sim conversinhas com outras meninas, que era meio diferente nas festas depois dos batizados, mas comigo assim nunca aconteceu, pode ser que eu não tenha percebido, porque eu sou meio lenta, mas assim diretamente não, nunca, e que eu tenha percebido também não. E2- Dandara</p>	<p>Capoeira como um processo educativo valido dentro da academia eu tenho que percorrer esse percurso, eu tenho que fazer esse percurso entendeu? E4- Sabrina</p>
	<p>Eu acho que eles veem as mulheres assim, tem que tocar, cantar, fazer acrobacia, quebrar pau, eu vejo assim entendeu? Tem que ser completa... e bonita (risos), se não for... pode largar a mão (risos), hoje em dia é complicado isso, mas é a verdade. E2- Dandara</p>	<p>Então muito das coisas que aconteceram na minha vida eu não escolhi entrar, mas depois que eu entrei eu escolhi permanecer, a Capoeira angola foi assim E4- Sabrina</p>
	<p>Ah eu já teria parado, com certeza, a maioria para por causa disso né, as vezes não tem incentivo do marido, as vezes não tem com quem deixar o filho, as minhas filhas já levei pra um monte de roda de Capoeira, até pra São Paulo a mais velha já foi quando era pequena, então a mulher tem que ir se encaixando, não tem com quem deixar? Leva junto! Leva junto e deixa lá junto, mas o meu marido sempre me ajudou nessa parte, “vai que eu olho ela um pouquinho e você joga um pouquinho”, se não fosse por ele eu acho que eu já tinha parado sim, ele que ta me ajudando nessa fase ai. E2- Dandara</p>	<p>A Capoeira vai me mostrando um mundo, vai me libertando né, porque ela vai me mostrando a humanidade, a história da humanidade, ela me mostrou primeiro a história dos negros, que me fez pensar a minha história como branca aqui no Brasil, a história dos negros no Brasil me fez pensar a história dos brancos, ai depois no Doutorado ela me mostra como o universo, a história da humanidade que começa em África E4 – Sabrina</p>
	<p>Chega uma fase na vida da mulher que ela tem que pesar né, pensar o que eu vou fazer né? Tem que, essa fase tenho que estudar, então vai lá estudar tudo, e depois volta pro esporte né, tem varias fases da vida, e que não pode abandonar, você tem que continuar. E2- Dandara</p>	<p>Quem me propiciou esse aprendizado foi a Capoeira que me abriu, me libertou, me abre pra ver o mundo de uma forma mais global até E4- Sabrina</p>
	<p>Mas sempre vai ter esse preconceito da mulher em algum canto que ela se desenvolva mais, sempre vai ter um “porque que ela ta ali?” E2- Dandara</p>	<p>A própria comunidade tradicional da Capoeira, por exemplo, o Doutorado, quem foram as primeiras pessoas que consumiram o meu trabalho e que me chamaram pra fazer trabalho</p>

		em conjunto? Capoeiristas, não foram psicólogos, os psicólogos até hoje não chegaram no meu trabalho, entendeu? Mais os capoeiristas acham interessante, acham importante, me chamaram pra conversar, pra falar, então... por ai E4- Sabrina
	Por ser mulher! De falarem assim “nossa, mas você joga Capoeira?” “ai mais você consegue fazer aquelas coisas todas?” E3- Aiyra	Saúde assim, equilíbrio, meu corpo já sentiu muita falta né, mas até o equilíbrio mental, emocional é afetado assim, é, teve dois episódios que eu fiquei depressiva na vida, um foi quando eu estava na graduação, e ai eu entrei na Capoeira, e ai eu falava, eu falava não, eu realmente sentia no treino meu sangue correndo na veia, eu sentia o sangue correr na veia, eu parava depois de fazer os movimento e eu sentia assim (mostrando na pele como o sangue fazia) e eu vida sabe? Corpo, vida, abertura, percepção, essas coisas, E4- Sabrina
	Dentro da Capoeira eu sinto que as vezes eu vou jogar com uma pessoa assim e ai a minha impressão é que vários homens me subestimam sabe? “ai não vou dar a menor pra ela”, sabe? E ai eu me sinto... é um preconceito né? E3- Aiyra	Mas ela dá essa recauchutada cara, em dois meses eu apumou o físico, pois tudo no lugar, emagreci, fiquei feliz de novo, em dois meses de treino, então assim, parece mágica, só que não é não, tem fundamento né, então a Capoeira promove saúde física mental, espiritual de fato, treina que você vai ver, então pra mim é isso, é vida, E4- Sabrina
	Quando eu me sinto subestimada me incomoda assim, mas eu não pego pra mim sabe? Mas me incomoda, eu olho e falo ai que saco, é com essa pessoa que eu vou jogar né, tá então vamo lá, mas ta ai né, acontece não só na Capoeira, mas na vida como um todo, e as vezes a gente acha um saco ficar passando por isso, mas a gente passa. E3- Aiyra	Você vive melhor, você não sobrevive, você vive melhor, a sua vida é melhor com a Capoeira, independente das suas condições materiais. E4- Sabrina
	Mas também tem muita gente que acha que a mulher tem que ocupar esse espaço mas “ó, mas isso você não pode fazer”, e tem aquelas pessoas que eu acho que toleram assim, “ah você não devia estar aqui”, “ah você nunca vai ter a mesma Capoeira que eu, porque eu enquanto homem sou muito mais	Eu aprendi que a gente pode superar nossos limites, eu aprendi com a Capoeira que quando você começa a treinar você sente uma dificuldade muita grande de fazer os movimentos, E4- Sabrina

	<p>habilidoso que você, muito mais forte, muito mais isso” e são agressivos assim, então eu acho que tem esses três olhares, da pessoa achar que não devia tá, da pessoa achar que devia tá mas com algumas condições, e daqueles que abraçam isso mesmo. E3- Aiyra</p>	
	<p>Teve um evento de Capoeira que eu fui treinar de regata, e um Mestre de Capoeira angola, ele me expos assim, ele falou “ ah você não pode vir treinar assim, você não pode vir assim” e ai eu não entendi porque além de tá de regata minha camiseta era velha (risos), mas ai eu falei mas não o que você tá querendo dizer com isso? Porque eu não tava identificando qual era o problema com a minha roupa, e ai ele falou “ah porque quando eu venho pra Capoeira eu sempre venho com a minha melhor roupa, e não sei o que” e ai eu senti que ele tava falando porque eu tava de regata sabe? Só que as pessoas podem te olhar estranho, então ele nunca falava mesmo, depois disso... teve essa ocasião que ele não foi claro, e ai a gente tava almoçando e eu fui lá na mesa e falei “mestre você disse que não podia vir assim, assim, assim, mas o que você tava falando exatamente?” e ai ele falou porque eu tava de regata, que os homens iam me olhar de um outro jeito, que eu podia expor meu corpo, E3- Aiyra</p>	<p>Porque quando você é capoeirista você tem assim, você treina e vai desenvolvendo mais rápido assim do que se você fosse do zero E4- Sabrina</p>
	<p>Ah de uns colegas do grupo ficarem também, ah ficarem paquerando, você ta indo lá pra treinar né, e ai a pessoa fica querendo ficar com você, fica te paquerando durante o treino, durante o exercício, acho que não que não seja o ambiente, porque não acho que exista o que pode e o que não pode, mas acho que existe um limite sabe? E querer ficar te abraçando no meio do treino assim, e eu achava isso bem chato quando acontecia, faz tempo que não acontece assim, mas aconteceu muito em um grupo aqui em São</p>	<p>Eu acho que a Capoeira ensina a superar os limites, se vai treinando e um movimento que você nunca pensou que você pudesse fazer de ponta cabeça, você começa a resenhar ele, a virar de ponta cabeça na parede, então você começa a jogar suas pernas pra cima, você nem consegue por o pé na parede, ai depois você consegue ficar com a perna parada na parede, ai depois você começa a fazer isso sem a parede, até a hora que você faz parada de mão, anda, desce a hora que você quiser, controla totalmente seu corpo, com o</p>

	Carlos, acho que é uma cultura que eles tem assim, predador sabe? A mulher ta ali, não todos os homens que tão ali, mas alguns homens que é claro que isso se repete, não era só comigo, é fui assediada desse jeito também E3- Aiyra	treino E4- Sabrina
	Tem a roda de Capoeira depois tem o samba, ai na roda de samba o Mestre começou, isso duas vezes, começou a cantar umas coisas “ah se essa mulher fosse minha” essas coisas escrotas sabe? Isso foi bastante incômodo também, mas foram essas, não teve nada, não que não seja grave, porque tem outras coisas que a gente entende como mais grave, mas horroroso, não tive isso. E3- Aiyra	Isso é uma definição de liberdade que eu aprendi desde a Capoeira, liberdade não é você fazer o que você quer independente do que os outros pensam ou digam, isso não é liberdade, isso é outra coisa, liberdade dentro da Capoeira é você tá diretamente associada a disciplina, o seu corpo é tão mais livre no jogo da Capoeira quanto mais você treina ele, então quanto mais você tem disciplina, dedicação, compromisso, quanto mais você treina seu corpo, mais liberdade de movimentos você vai ter, então liberdade não vem dissociada de uma disciplina, de um treinamento constante e permanente E4- Sabrina
	Eu acho que a Capoeira apesar de ser pra criança, mulher e homem, é um espaço muito dominado por homens, é difícil as vezes ocupar esse espaço, porque você quer ir no evento de Capoeira e não tem espaço pra levar seus filhos, e a gente sabe que na realidade a gente cria e a mulher que cuida do filho sabe? E3- Aiyra	Ninguém pode treinar por você, só você pode treinar por você, só você pode treinar seu corpo e se tornar liberto, e quando você conquista através do treinando e da disciplina, conquista liberdade de movimento, essa conquista reverbera no seu afetivo, no seu mental, você também descobre que você pode adquirir liberdades intelectuais e afetivas com o treinamento assim, então tudo o que você quiser fazer na vida você pode conseguir fazer, nem tudo deve, mas assim tudo que você quiser você pode, desde que você se dedique e tenha disciplina, e foco e essas coisas, você consegue fazer. E4- Sabrina
	Existe essa cobrança sim que pra gente ser alguma coisa a gente tem que ser a mais foda do mundo E3- Aiyra	As vezes a gente não dá conta que a gente é super homem ou super mulher, quando ta treinamento mesmo a gente é praticamente um super homem e uma super mulher, porque tem uma destreza corporal fantástica, e mental e afetiva também, a gente aguenta muita coisa quando a gente ta treinado E4- Sabrina
	Nossa eu acho que na Capoeira isso aparece demais, é gritante,	É um aprendizado muito importante pra mim na Capoeira

	<p>eu acho que tem que ficar provando, eu não tenho essa preocupação, mas eu acho que é uma coisa que aparece muito e é um saco sabe? Eu não quero tocar o berimbau da melhor maneira possível pra falar olha eu sou mulher e eu posso, eu quero tocar porque eu quero aprender enquanto ser humana assim, mas existe isso dentro da Capoeira e é um saco assim, eu sinto muito mais isso dentro da Capoeira do que dentro da academia assim, fazendo Mestrado, Doutorado, essas coisas, pra mim isso aparece muito mais gritante dentro da Capoeira do que na academia, e olha que a academia é um ambiente super machista né, e de ver varias Mestras sendo desrespeitadas sabe? Ah por exemplo eu fui no encontro da Gege, da Gege não, fui num encontro e a Mestra Gege tava, e ai ela propôs uma atividade e os Mestres não respeitaram a proposta dela, e ela é Mestra também sabe, e porque que eles se sentiram a vontade de não fazer o que ela tava propondo? Todo treino que os Mestres propunham alguma coisa os outros Mestres fizeram, por que justo no dela não? Eu só consigo pensar que é porque ela é mulher, ela tem o domínio do corpo absurdo assim, e ela é super sabe? E ai você vê que mesmo ela sendo assim, muito boa, ela envelheceu e manteve a forma, consegue jogar, e mesmo assim eles não respeitaram ela, e eu só consigo achar que é pq ela é mulher, E3- Aiyra</p>	<p>que tem a ver com processo de cura, de varias ordens, cura do corpo, cura da alma, cura da mente, cura dos afetos, e foi por isso que nos dois momentos de depressão da minha vida foi a Capoeira que me tirou da depressão, não foi remédio, não tomei remédio, foi a Capoeira, estado mental né, E4- Sabrina</p>
	<p>Ela também deu uns depoimentos de ser convidada pra dar oficina na escola de não sei quem do lugar tal, e o Mestre falou assim “não, você vai dormir comigo”, e ela não quer e falarem pra ela então amanhã você vai sair da roda de cadeira de rodas, pra Gege isso e o Mestre foi e bateu nela mesmo, desonesto sabe? E3- Aiyra</p>	<p>A Capoeira em si é uma coisa muito maior, é um entidade praticamente, é um entidade mesmo, que ela dá e tira, conforme se dá pra ela, ela te dá em dobro, conforme você tira, ela tira em dobro, a Capoeira é um entidade e nós somos apenas instrumentos pelo qual passa a Capoeira, E4- Sabrina</p>
	<p>Então eu acho que tem essa</p>	<p>Então a ideia é que a gente passe,</p>

	<p>violência em todos os espaços, mas acho que na Capoeira é um pouquinho pior sabe? Então tem que ficar esperto, tem muito essa questão do patriarcado na Capoeira também, então tem que ter um pouco de estômago sabe? Porque se não, é difícil, e é isso. E3 – Aiyra</p>	<p>que a gente passe, ajude o outro a desenvolver a sua própria Capoeira, E4- Sabrina</p>
	<p>Não facilita quando, por exemplo, esse caso que eu te falei né, eu fui abrir o trabalho semestre passado, segundo semestre do ano passado eu abri o trabalho lá na PUCC, e aí a enchecção de saco dos seguranças é todo dia, todo dia o segurança passava lá porque tem que parar de fazer barulho, que não sei o que, e tal, essa reclamação bateu nas instâncias superiores, a professora que tava me dando respaldo deu uma balançada, virou pra mim e falou “ ah melhor dar um tempo”, fui convidada a parar e tal, porque não é fácil né, porque é uma instituição privada, porque se fosse na pública.. eu sempre dei aula lá nos corredores da UFSCar, E4- Sabrina</p>	<p>Dentro da Capoeira é acolhimento, é aprendizado, comunidade, bora lá. E4- Sabrina</p>
	<p>Mas é isso assim, são as coisas da vida, e é a luta, a luta pra tentar defender isso na academia, por que? Por que? A Capoeira não precisa estar na academia, a Capoeira já é com opressão, na academia ou em qualquer lugar, ela é, mas por que que eu quero fazer isso na academia? Porque é uma das estâncias de poder superior vamos dizer assim, quem mais precisa da Capoeira na academia é a própria academia, que é super eurocêntrica, super fechada, na psicologia isso é ao extremo, ao extremo E4- Sabrina</p>	
	<p>A maioria das psicólogas branca olham e falam “como assim? Uma professora doutora vai fazer essas coisas?”, então como se isso fosse uma coisa menor, a maioria das experiências na sociedade é assim de desincentivo E4- Sabrina</p>	
	<p>Agora por ser uma pessoa branca, aí na família eles falam</p>	

	<p>“que se tá fazendo com os pretos?” Ai na academia muito dos pesquisadores negros já perguntaram “ah, que se ta fazendo aqui, que isso aqui não é seu”, ou também já ouvi quando eu dava aula “ah Capoeira de branquinho”, E4 – Sabrina</p>	
	<p>A gente tem que desconstruir o racismo dentro da gente todo dia, porque todo dia ele é reafirmado na televisão, na onde a gente vai o racismo é reafirmado, eu sou colocada num lugar de privilegio em relação a você e a outras pessoas na sociedade, porque eu sou branca dos olhos verdes, todo dia, eu sou tratada de um jeito e se você for nesse mesmo lugar você pode ser tratada de outro jeito, então a desconstrução é todo dia, E4- Sabrina</p>	
	<p>Eu tenho minhas comunidades de refúgio, que me acolhe, que me fortalece, e tem esse mundão ai que é contra tudo isso, que desacredita, E4- Sabrina</p>	
	<p>Porque a mulher está na Capoeira desde sempre, desde sempre, mas não sei se é um patriarcado o que que é, que não se tem tanta valorização E4- Sabrina</p>	
	<p>Mulheres brancas, então né, que eram consideradas mulheres na verdade, porque as outras não eram nem consideradas mulheres assim, vamos dizer E4- Sabrina</p>	
	<p>As negras de ganho, que vendiam alguma coisa e repassavam esse dinheiro pra alguém, e essas mulheres tinham que se defender na rua, e elas eram capoeiristas, muitas delas eram capoeiristas, e lutavam de igual para igual, E4- Sabrina</p>	
	<p>Toda vez que tem festa de Capoeira sempre tem comida, alguém vai fazer as comidas, quem vai fazer as comidas? E4- Sabrina</p>	
	<p>Eu também já fiz essas comidas, entendeu? Então assim, as mulheres estão ali, não existe uma pratica masculina que não tenha uma mulher dando</p>	

	suporte, isso é básico, básico 1 E4- Sabrina	
	Mas as mulheres estão cada vez mais virando praticantes, então é um futuro pra sua pesquisa, é um futuro interessante, só que ai nos esbarramos ai em como os capoeiristas estão se relacionando com as capoeiristas né, e como as capoeiristas tão permitindo que homens se relacionem de determinadas formas ou não, E4- Sabrina	
	Mas cara me irrita muito, os caras dentro da roda, você vai pra roda de Capoeira, e isso aconteceu varias vezes comigo e tenho certeza que acontece com todas as mulheres, uma mulher na Capoeira por mais feia que ela seja que ela não tenha sido abordada por um homem de uma forma bem folgada, tipo os homens tem uma liberdade prévia de chegar nas mulheres e se esfregar, E4- Sabrina	
	E ai no começo as mulheres permitem mais porque elas tão de inocente no jogo da sedução ali, o capoeirista é um mestre do jogo da sedução, da vaidade, e da sedução, é o jogo da Capoeira, na Capoeira você aprende vaidade e sedução, pra chamar atenção e seduzir o outro pra você engolir, isso é básico no mundo da Capoeira, ai entra as meninas bestas né, ai aqueles meninos que sabem ser super vaidoso, sabem ser super gostoso, tudo em forma, tudo em dia, papo bom, legal e bla bla bla, nossa, dando mole pra mim? E4- Sabrina	
	E ai até pra você conseguir graduação é mais difícil, rola isso, os caras tratam de um jeito e depois abate de outro, nesse sentido, é, mas tem as que permitem eternamente isso, e tem as que não permitem, quando eu me liguei, depois do terceiro ano de Capoeira eu falei assim “meu, não quero nada com capoeirista” E4- Sabrina	
	Mas assim não vou namorar capoeirista, não vou casar jamais com capoeirista, não vou,	

	<p>porque existe uma cultura masculina de uso e abuso da mulher, isso você pode por, existe uma cultura masculina que tudo bem você usar e abusar e jogar fora depois, tudo bem, isso é cultuado na Capoeira, não tem um mestre que escapa disso, muito menos os discípulos, entendeu? E4- Sabrina</p>	
	<p>Vou jogar meu jogo, e se você jogar bonito ai que chama atenção, ai que os caras querem mesmo, chegar junto, gostou do seu jogo mais quer te comer, E4- Sabrina</p>	
	<p>Mas assim eu acho que existe uma cultura ai que as mulheres ou entram nessa ou quando elas não entram ainda sim elas sofrem o assedio dessa cultura, e que seria muito digno assim pros caras se eles aprendessem que as mulheres tem vários outros papéis, que eles aprendessem um pouquinho mais de respeito em relação as mulheres ou sei lá entendeu? Mas quem vai ensinar isso? As próprias mulheres, acho que as próprias mulheres, E4- Sabrina</p>	
	<p>Conversei com algumas pessoas e o que eu ouço de mestres e discípulos é que tem muito homem quebrando as mulheres que jogam bem, não to falando que eu jogava bem, eu tenho meu joguinho lá, me divirto, mas assim tem homens quebrando as mulheres, pela questão da vaidade e sedução, como uma mulher? Ahn, uma mulher? Por causa assim dessa mentalidade, entendeu? Faz, depois que faz se arrepende, mas fez, entendeu? Ou nem se arrepende, sei lá, mas que tem muita mulher sendo quebrada porque joga bem, tem, e ai? E4- Sabrina</p>	
	<p>Também não acho que é o caso das mulheres que apanham, sair montando os grupos só de mulheres, também não acho que é isso não, eu não concordo com isso por um principio filosófico africano, é mais difícil, é mais difícil ficar no grupo tentar se educar e educar seus convívios,</p>	

	<p>é mais difícil, mas eu não acho, eu não concordo, a princípio eu não concordo com as mulheres que saem dos seus grupos, e monta um grupo só de mulher, e fica treinando só mulher treinando com mulher e tal, não concordo com isso não, ah! Mas eu concordo com o que a mestra Janja falou no dia que eu vi ela na palestra dela lá, foi na USP, no evento desse ano da mulher na Capoeira, é... eu concordo que as mulheres permaneçam nos seus grupos de origem e façam um movimento intergrupual de mulheres, vamos nos fortalecer como mulheres mas trazer essa força pro grupo, isso eu acredito, acredito nisso. E4- Sabrina</p>	
	<p>Eu acho que isso é muito comum na Capoeira, não vou falar de nenhum exemplo específico, você vai ter vários exemplos, não tem nenhuma mulher que não rolou “vem cá, deixa eu te afogar nega” (risos), querendo ou não querendo, então, as vezes vinha até do mestre do grupo que você estava visitando, entendeu? Sem nem esperava, porque você trata o mestre com tanto respeito né, toda cordialidade né, todo respeito, ai de repente o mestre fala “vem cá, deixa eu te dar uma carona”, ai de dar a carona “deixa eu te dar um beijo” ”quero te dar um beijo e tal”, como assim? Isso é um certo tipo de abuso de autoridade, E4- Sabrina</p>	
	<p>Dentro da ideia que a mulher é naturalmente uma geradora de vida, ela tem vários mecanismos internos para gerar vida e que favorecem pra ela que ela seja uma boa gestora da vida mesmo, caso esses mecanismos não sejam tolhidos, podados, e se eles forem ainda sim ela pode recuperar, isso é da natureza dela, então acho bastante importante trabalhar com a questão da mulher na Capoeira porque eu acho que ela é mesmo uma energia muito feminina, a circularidade, a dialogicidade do</p>	

	jogo, do canto, são vários elementos assim que as mulheres conhecem bem, E4- Sabrina	
	Eu acho que ser mulher com fundamentos enraizados dentro da pratica da Capoeira atualmente é uma coisa que pode trazer fortaleza pra muita gente nesse mundo, em qualquer espaço, inclusive na academia. E4- Sabrina	